

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

EDUCAÇÃO FÍSICA NO INSTITUTO FEDERAL
DO ESPIRITO SANTO - CAMPUS ITAPINA: PERCALÇOS E
POSSIBILIDADES AO LONGO DOS ANOS

ANA BEATRIZ ARMINI PAULI RESENDE

2009



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**EDUCAÇÃO FÍSICA NO INSTITUTO FEDERAL
DO ESPIRITO SANTO - CAMPUS ITAPINA: PERCALÇOS E
POSSIBILIDADES AO LONGO DOS ANOS**

ANA BEATRIZ ARMINI PAULI RESENDE

Sob a Orientação da Professora
Dra Amparo Villa Cupolillo

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica, RJ
Dezembro de 2009**

371.425098152

R433e

T

Resende, Ana Beatriz Armini Pauli, 1969-.

Educação Física no Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Itapina: percalços e possibilidades ao longo dos anos / Ana Beatriz Armini Pauli Resende - 2009.

88 f.: il.

Orientador: Amparo Villa Cupolillo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola.

Bibliografia: f. 57-60.

1. Ensino profissional - Espírito Santo (Estado) - Brasil - Teses. 2. Educação física (Ensino médio) - Teses. 3. Educação física - estudo e ensino - Teses. I. Cupolillo, Amparo Villa, 1963-. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola. IV. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

ANA BEATRIZ ARMINI PAULI RESENDE

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 10 de dezembro de 2009.


Amparo Villa Cupolillo, Dra. UFRRJ


Nadia Maria Pereira de Souza, Dra. UFRRJ


Dinah Vasconcelos Terra, Dra. UFF

Dedico essa pesquisa

Ao meu esposo Ivan, por seu amor, companheirismo
e carinho nas horas precisas.

A meus filhos Tatiana, Henrique e Guilherme
luz e força de minha vida.

A meu querido pai, Olindino, por sua sabedoria e proteção.

A minha mãe, Orlandina, pela dedicação e apoio.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua existência.

A meu esposo Ivan que sempre esteve ao meu lado nessa caminhada, dando incentivo e mostrando o caminho nos momentos difíceis.

A meus filhos, por entender a minha ausência, necessária para a evolução dessa pesquisa.

A minha mãe Orlandina, por acolher minha família, com amor e carinho, na minha ausência.

A meus irmãos Elizabeth, Evandro, Margareth, Bernardeth e Renata pelo carinho, incentivo e apoio.

A minha orientadora Professora Dr. Amparo Villa Cupolillo, por aceitar este desafio e pela competência, segurança e atenção.

A Professora Sandra Barros Sanchez e o Professor Gabriel de Araújo Santos pela oportunidade e compreensão.

Ao Nilson pelo incentivo e dedicação ao programa.

Aos meus colegas de PPGEA, companheiros de jornada e que souberam aproveitar essa grande oportunidade de crescimento.

A todos os Mestres do PPGEA, pela dedicação, competência e generosidade.

Aos meus colegas do Ifes – Campus Itapina pelo apoio e colaboração.

As minhas amigas Sônia e Suzy, pela palavra amiga, pela força e pelo incentivo nas horas de desespero.

Aos meus colegas de profissão Rogério Pimentel, Ricardo Brum e Diego pela troca de experiências vividas no cotidiano.

Aos gestores e professores entrevistados, pela colaboração para conclusão desta pesquisa.

RESUMO

RESENDE, Ana Beatriz Armini Pauli. **Educação Física no Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Itapina: percalços e possibilidades ao longo dos anos.** Seropédica (RJ): 2009. 88p. Dissertação (Curso de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da UFRRJ.

Dada a importância que a disciplina de Educação Física tem na formação do aluno, este estudo propõe a análise e a avaliação do desenvolvimento da Educação Física no Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Itapina, a fim de identificar o significado cultural e o educacional desse componente curricular, sua importância no Instituto, os percalços por que passou, os limites que existiram para que ela chegasse à condição na qual se encontra e as possibilidades dessa disciplina para a formação integral do aluno do Ifes–Campus Itapina. Para alcançar esse objetivo, busco analisar, por meio de uma abordagem qualitativa, pontos que considero relevantes e fundamentais para compreender o problema, utilizando levantamento e seleção bibliográfica, coleta de dados através de entrevistas, análises, buscando atribuir significados aos dados coletados,. Fazem parte do que considere dados: as leis, os regulamentos, as normas, os pareceres, os ofícios, as atas, os boletins esportivos, os registros escolares, as entrevistas, bem como fotografias. As entrevistas foram semiestruturadas, realizadas com cinco diretores do Ifes – Campus Itapina do período de 1985 a 2009 e com cinco professores de Educação Física do período de 1971 a 2009. A entrevista foi utilizada como recurso de análise da realidade escolar e da prática cotidiana dos atores no processo, pois esses momentos vão tecendo redes de práticas e de conhecimentos, trançadas em múltiplos contextos. O acúmulo de ações e acontecimentos culturais do cotidiano escolar vivenciados pelos alunos e necessários a sua formação fazem parte desse contexto. Por fim, após a coleta de dados e o aprofundamento teórico-metodológico necessário, foi realizada uma avaliação desses indicadores em relação à disciplina Educação Física, como modalidade esportiva e cultural, englobando os indicativos que pareçam justificar sua importância e sua evolução dentro do Ifes- Campus Itapina.

Palavras-chave: Educação Física, Educação Profissionalizante, Ensino Médio

ABSTRACT

RESENDE, Ana Beatriz Armini Pauli. **Physical education in the Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Itapina: mishaps and possibilities over the years.** 2009. 88p. Dissertation (Master Science in Agricultural Education). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2009.

Due to the importance that the Physical Education discipline has in the student training, this study proposes the analysis and evaluation of the development of physical education in the Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Itapina, in order to identify the cultural and educational meaning of this curricular component, its importance in the institute, mishaps for which ones it crosses over, the boundaries that existed for it was in the condition in which it is, and the possibilities of this subject for integral formation of the student of Ifes – Campus Itapina. To achieve this goal, I try to analyze, through a qualitative approach, points that I consider important and essential for understanding the problem, using survey and selection of literature, data collection through interviews, analysis, seeking to assign meaning to data collected. Part of the data that I found: the laws, regulations, rules, opinions, craft, sport bulletins, school records, interviews and photographs. Interviews were semi-structured, performed with five directors of Ifes – Campus Itapina during the period from 1985 to 2009, and with five physical education teachers during the period from 1971 to 2009. The interview was used as a resource for analysis of the school reality and the daily practice of the actors in the process, because those moments are building networks of practices and knowledge, braided in multiple contexts. Accumulation of actions and cultural events of everyday life experienced by school students, necessary for their formation, are part of that context. Finally, after data collection and further theoretical and methodological knowledge, it was conducted an evaluation of these indicators in relation to the discipline of Physical Education, such as sport and culture, encompassing the levels which seem to justify its importance and its evolution into Ifes – Campus Itapina.

Key Word: Physical Education, Professionalizing Education, Average Education

LISTA DE ABREVIACÕES E SÍMBOLOS

APO	⇒	Aula Prática Orientada
CAP	⇒	Coordenadoria de Acompanhamento ao Educando
CEFETES	⇒	Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito santo
CGAE	⇒	Coordenadoria Geral de Atendimento ao Educando
CGPP	⇒	Coordenadoria Geral de Pesquisa e Produção
D.O.U	⇒	Diário Oficial da União
DEA	⇒	Diretoria de Ensino Agrícola
DEM	⇒	Diretoria de Ensino Médio
EAF	⇒	Escola Agrotécnica Federal
FNDE	⇒	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IF	⇒	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia
Ifes	⇒	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Espírito Santo
JEARES	⇒	Jogos Estudantis das Escolas Agrotécnicas Federais da Região Sudeste
JEC	⇒	Jogos Escolares de Colatina
JIFES	⇒	Jogos dos Institutos Federais da Educação da Região Sudeste
LDB	⇒	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	⇒	Ministério de Educação e Cultura
PCN+	⇒	Parâmetros Curriculares Nacionais;
PDE	⇒	Plano de Desenvolvimento Educacional
PDI	⇒	Plano de Desenvolvimento Institucional
PROEJA	⇒	Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
SBHE	⇒	Seminário Brasileiro de História da Educação
SEMTEC	⇒	Secretaria de Educação Média e Tecnológica
SETEC	⇒	Secretaria de Educação Tecnológica
Uned	⇒	Unidade descentralizada

LISTA DE FIGURAS E FOTOS

Figura 1: Mapa da Localização geográfica dos campi do Instituto Federal do Espírito Santo	15
Figura 2: Vista Aérea da Escola Agrotécnica Federal de Colatina/2006 - Destaque: área da Educação Física	17
Foto 1: Corrida Rústica - 1987	41
Foto 2: Corrida Rústica - 2005	41
Foto 3: Área esportiva do Ifes – Campus Itapina - 2002	43
Foto 4: Ginásio “Sebastião Pelúcio de Campos” - 1997	45
Foto 5: Foto da reforma das quadras externas - 1996	45
Foto 6: II JIFES – 1ª fase – agosto de 2009	52

LISTA DE TABELA

Tabela 1: Período de atuação dos professores de Educação Física no Ifes - Campus Itapina .36

Tabela 2: Horário individual do professor 'C', do ano de 1987.36

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	1
1.1.	Trajetória Metodológica	3
2.	EDUCAÇÃO PROFISSIONAL:EM DIREÇÃO A UMA FORMAÇÃO INTEGRAL	7
2.1.	Educação para o Trabalho	7
2.2.	Necessidade e Criação do Ensino Profissionalizante	9
2.3.	Educação Profissional para todos	10
3.	IDENTIDADE DO IFES - CAMPUS ITAPINA (ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE COLATINA)	16
4.	ELEMENTOS FORMADORES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL.....	22
5.	A EDUCAÇÃO FÍSICA NOS TEMPOS E ESPAÇOS DO IFES - CAMPUS ITAPINA: PERCALÇOS E POSSIBILIDADES	29
5.1.	Educação Física – Atividade ocupacional	29
5.2.	Práticas de Educação Física	31
5.3.	Educação Física – Disciplina curricular	32
5.4.	A Evolução da Educação Física através do Esporte	35
5.4.1.	Desenvolvimento da Infraestrutura da Educação Física.....	42
5.5.	O Declínio na Educação Física	48
5.6.	A Recomposição da Educação Física.	51
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
7.	REFERÊNCIAS	57
8.	ANEXOS	61
9.	APÊNDICES	77

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi motivada por minha vivência como professora de Educação Física no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Espírito Santo – Campus Itapina (Ifes – Campus Itapina), na tentativa de compreender melhor as diversas transformações que ocorreram ao longo dos anos. Esse interesse iniciou-se com uma inquietação durante minha experiência profissional no Ifes – Campus Itapina, onde trabalho com a disciplina de Educação Física desde 1996.

Nos quatro anos de graduação em Licenciatura em Educação Física¹, sempre ouvia dos meus professores que devíamos nos preparar, pois encontraríamos realidades de escassez de material didático e necessidade de utilizar materiais alternativos ou “sucatas”. Encontraríamos escolas com mínimos espaços físicos disponíveis para as aulas de Educação Física, como quadras pequenas, praças próximas às escolas ou mesmo espaços utilizados para a merenda dos alunos ou, em último caso, as ruas.

Realmente, essa foi a realidade que tive a oportunidade de vivenciar nos primeiros anos como profissional da área. A criatividade foi meu maior recurso didático pedagógico nesse período, pois as escolas em que lecionei no início de minha carreira de professora não tinham material didático para as aulas de Educação Física: eram escolas com escassez de material e espaço físico. Cito como exemplo a escola pública em que lecionei em 1993 no estado do Espírito Santo na cidade de Vila Velha. O prédio era em forma de U, o espaço que tinha para lecionar era no meio dele e apenas com uma bola verde de ginástica rítmica para trabalhar com todo o ensino fundamental. Ainda tinha a restrição de não poder fazer barulho, pois atrapalhava as outras salas de aula. Foi uma vivência e aprendizado únicos. Porém, ao ingressar na função de professora no Ifes–Campus Itapina, deparei-me com uma realidade surpreendente, pois totalmente diferenciada.

Mesmo conhecendo a escola, a visão que tinha era de filha de um professor, uma visão externa ao ambiente educacional. Quando passei a observar a escola com a visão de educadora, pude conhecer os recursos de que dispunha uma escola de regime federal profissionalizante.

Para a disciplina de Educação Física, dispúnhamos de vasto material didático, pois os pedidos de materiais eram sempre atendidos, como compra de bolas, uniformes e demais materiais, e a infraestrutura física era adequada para desenvolver vários conteúdos relacionados ao processo ensino-aprendizado da disciplina Educação Física. O espaço construído para as aulas de Educação Física só era menor em tamanho para os campos de cultura da Agricultura (anuais e perenes) e as áreas de pastagens utilizadas pela disciplina de Zootecnia III, em que se estudam animais de grande porte. Mas dentre as disciplinas da parte geral do Ensino Médio, não havia dúvidas, era o maior espaço construído da escola.

Além da diversidade de recursos didáticos-pedagógicos, quando ingressei no Ifes – Campus Itapina, havia outra característica importante para a disciplina de Educação Física. Diferente de outros lugares, ela não era tratada de forma discriminada em relação às demais disciplinas consideradas como aquelas responsáveis pela transmissão dos saberes científicos e literários. Ela se situava em uma mesma posição de prestígio para o processo educacional, sendo considerada uma disciplina importante para a formação do aluno, principalmente sob o aspecto social. Dentre todas, a Educação Física, com suas atividades lúdicas, era considerada a que mais contribuía na formação social do aluno no Ifes – Campus Itapina.

¹ Terminei a Graduação em Licenciatura em Educação Física na UFES – Universidade Federal do Espírito Santo no ano de 1992.

A Educação Física era respeitada em todo contexto escolar, os professores participavam dos conselhos de classe em posição de igualdade aos outros professores, dando opiniões e sugestões no resultado do desempenho escolar do aluno.

Os professores das demais disciplinas e a direção não acreditavam que a Educação Física era uma disciplina puramente recreativa, que servia só para distrair o aluno, eles a consideram como todas as outras, uma disciplina essencial e importante dentro do contexto escolar. A Educação Física era uma das disciplinas mais requisitadas para a realização dos projetos multidisciplinares da escola, devido às atividades lúdicas que despertavam o interesse dos alunos. O seu tempo de aula era respeitado, não era usado para outros fins como reuniões, conselhos de classe e outras atividades necessárias à escola, o que é muito comum nas escolas que trabalhei antes de ingressar no Ifes - Campus Itapina.

Podia-se observar que esse respeito havia sido uma conquista feita, ao longo dos anos, com muita persistência, insistência e dedicação dos professores de Educação Física. Porém, por meio desta pesquisa, veremos que algumas mudanças ocorreram, indicando que a Educação Física, por motivos diversos, perdeu seu espaço pedagógico de importância na formação integral dos alunos no Ifes – Campus Itapina.

A disciplina de Educação Física proporcionava momentos ímpares de integração entre os alunos e toda a comunidade escolar (servidores administrativos, professores, moradores da escola e funcionários terceirizados). Nas experiências informais, ou seja, fora do contexto da aula propriamente dita, havia a participação efetiva dos servidores. Isso sempre acontecia em eventos esportivos, gincanas e festas típicas, como exemplo a quadrilha. Os servidores dançavam junto com os alunos e participavam de todo o processo de preparo das atividades.

Segundo Alves (2003, p.01), esses momentos vão tecendo “[...] redes de práticas e de conhecimentos [...]”, trançadas nos múltiplos contextos nos quais os sujeitos vivem, fazendo parte do acúmulo de ações e acontecimentos culturais do cotidiano escolar, vivenciados pelo aluno e necessários a sua formação.

Esses momentos são necessários na formação dos alunos tornando-os cidadãos críticos. São momentos em que uma palavra, um gesto, uma compreensão, uma atenção dedicada fazem a diferença na construção do seu saber, na construção da sua memória do corpo, dos gestos da infância e da adolescência, dos prazeres segundo Leuilliot (apud CERTEAU, p.31,2003).

No Ifes–Campus Itapina esses momentos eram mais frequentes, não eram negligenciados, pois sendo uma instituição de caráter de internato, a escola atua no ensino-aprendizagem dos alunos em tempo integral, sendo assim, de acordo com Gariglio (1997) amplia as possibilidades de vivências ligadas ao corpo e, conseqüentemente, relacionadas ao conteúdo da Educação Física.

Todos esses processos não são planejados, acontecem como se fossem “táticas de praticantes”² no tempo e espaço do cotidiano, permitindo tecer as redes de acontecimentos culturais que vão abrindo caminhos e mudando a vida e os contextos em que ela se realiza (ALVES, 2003).

Outro fato que me surpreendeu foi o tempo para planejamento. Nas escolas em que lecionei antes de me efetivar no Ifes–Campus Itapina, geralmente eram 25 horas por período, e essas horas eram preenchidas somente com aulas. Havia muitas turmas, sendo eu a única professora de Educação Física lecionando para todas as turmas das oito séries do ensino fundamental, cada turma com três aulas semanais. No Ifes – Campus Itapina, a minha carga

² Termo usado por Certeau (1994, p.45) para definir a tessitura de acontecimentos culturais que vão mudando a vida, adquiridas através de articulações práticas desenvolvidas no diálogo diário com outros praticantes do cotidiano.

horária é de 40 horas semanais, porém, naquela época, havia 12 turmas com 3 aulas semanais cada e dividíamos essas aulas entre 3 professores, completando as horas com treinamentos e planejamentos. Assim, tínhamos tempo para planejarmos e participarmos de reuniões pedagógicas para elaborar projetos para a área.

No entanto, com o passar dos anos, foram ocorrendo transformações relacionadas a certo desprestígio ou à perda da qualidade e da importância da disciplina na escola, que me incitaram à pesquisa, com o objetivo de melhor compreendê-las.

Diante da observação dessas transformações, buscar a história é querer interpretar o passado para que se possa intervir no presente. Acredito que devamos pesquisar a história, avaliando e fazendo emergir a versão dos fatos, buscando o desconhecido, dando sentido ao que passou despercebido, porque a investigação dos acontecimentos passados permite a construção do presente.

Esta pesquisa pretende identificar, no desenvolvimento da Educação Física, seu significado cultural e educacional, sua importância no Ifes–Campus Itapina, os percalços por que passou, limites que existiram para que ela chegasse às condições nas quais se encontra e as possibilidades dessa disciplina na formação integral do aluno do Ifes–Campus Itapina.

Para alcançarmos esse objetivo, buscamos analisar pontos que consideramos relevantes e fundamentais para compreender o problema. Entre eles estão: as condições de trabalho e a infraestrutura física e pedagógica em que os professores desenvolveram e desenvolvem as suas atividades; a organização curricular; as metodologias e as práticas educativas utilizadas e, principalmente, os fatores políticos, pedagógicos e sociais que contribuíram para ocorrer as transformações na disciplina Educação Física no Ifes–Campus Itapina ao longo do período de 1956 a 2009.

1.1. Trajetória Metodológica

Nesta pesquisa, fazemos uma análise histórica da disciplina de Educação Física dentro de uma instituição educacional, neste caso uma instituição de caráter técnico-agropecuário de nível médio, o Ifes – Campus Itapina, que passou por várias reformas políticas e pedagógicas. Através desta investigação, procuramos identificar quais fatores políticos, pedagógicos e sociais influenciaram na disciplina de Educação Física, para que chegasse à condição em que se encontra hoje.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+), a Educação Física é entendida como “[...] uma disciplina escolar que deve tratar da cultura corporal. Em sentido amplo: introduzindo e integrando o aluno a essa esfera, formando-o como cidadão que vai produzir, reproduzir e também transformar essa cultura, detendo o instrumental necessário em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida” (PCN+, p.139, 2009).

Baseada nesse conceito, a Educação Física é uma disciplina que visa à formação do aluno nos aspectos físico, moral, intelectual e político. E, ao analisarmos a história de uma disciplina que tem como objetivo a formação integral, vemos a necessidade de analisar aspectos e acontecimentos que vão além da organização curricular, ou seja, dos aspectos formais da disciplina de Educação Física.

A partir daí nos veio a preocupação em definir o melhor método a ser aplicado para obtermos informações necessárias e de credibilidade para esta pesquisa. Preocupações as quais incluíam o fato de estarmos analisando um ambiente do qual faço parte, como professora de Educação Física há 13 anos, tornando-me sujeito participativo. E como Alves-Mazzotti (2002, p.160) destaca, “o sujeito participativo deve tomar cuidado de não influenciar nos métodos a serem aplicados na pesquisa, distorcendo os fatos com sua visão restrita de pesquisador”.

Autores como Martins (2004) e Matta (2002) afirmam a necessidade em se considerar a “interação complexa entre o investigador e o sujeito investigado” que compartilham “de um mesmo universo de experiências humanas”.

Atenta a essa preocupação, procuramos analisar e investigar os dados coletados para concluir a pesquisa, não nos permitindo influenciar por visões e conceitos pessoais.

Ao tecermos os objetivos, percebemos também que as informações necessárias para o desenvolvimento deste estudo seriam adquiridas através das ações e dos acontecimentos que ocorreram dentro de tempos e espaços do cotidiano escolar do Ifes – Campus Itapina.

Ao tratarmos de um estudo de cotidiano, ou seja, uma análise de ações e reflexões humanas, referimo-nos a uma pesquisa na área social. E as pesquisas na área social utilizam métodos que fazem parte da abordagem qualitativa que “é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, por meio do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizado pela heterodoxia no momento da análise” (MARTINS, 2004, p. 294).

Zentgraf (2003) diz ser importante essa abordagem na área das ciências humanas e sociais, porque as raízes da pesquisa qualitativa se encontram nas práticas cotidianas dos antropólogos e dos sociólogos sobre a vida das comunidades.

Mas não podemos deixar de considerar que esse tipo de pesquisa, em decorrência das dificuldades de tratamento de um objeto como o ser humano, tão sujeito a modificações, complexo, e que, principalmente, reage a qualquer tentativa de caracterização e previsão, sempre foi apresentada tendo uma base científica frágil.

Martins (2004, p. 12) enfatiza o “[...] fato de a análise do comportamento humano ser feita por um observador humano falível e tendendo a distorcer os fatos”. Por essa fragilidade, a metodologia qualitativa veio para quebrar paradigmas dentro das pesquisas científicas, pois o meio científico questiona a credibilidade dos meios utilizados para adquirir informações necessárias à pesquisa.

Por isso, a intensa preocupação em definir quais os métodos mais adequados para serem utilizados nesta pesquisa, os quais foram tecnicamente escolhidos e elaborados para que pudessem resultar numa análise fiel à realidade das observações que conseguimos fazer acerca dos fatos sociais e humanos, avaliando e propondo mudanças funcionais, quando as consideramos necessárias.

De acordo com Alves-Mazzotti (2002), ao contrário da pesquisa quantitativa, as investigações qualitativas, por sua diversidade e flexibilidade, não admitem regras precisas, aplicadas a uma ampla gama de casos. Deve-se fazer um planejamento prévio, sabendo que a abordagem qualitativa é muito subjetiva e sujeita à flexibilidade.

Sendo esta uma pesquisa na área social, em uma abordagem qualitativa que difere bastante quanto ao grau de estruturação prévia em relação aos pós-positivistas³ que trabalham com projetos bem detalhados, fizemos um planejamento prévio, menos estruturado, o qual é mais adequado para o estudo de realidades muito complexas.

Inicialmente foi feito o levantamento e a seleção de bibliografia, pois, de acordo com Alves-Mazzotti (2002, p.158), “[...] contar com um esquema conceitual anteriormente à coleta de dados é de grande utilidade para a identificação de aspectos relevantes e relações significantes nos eventos observados.” A seleção realizada diz respeito a estudos científicos da disciplina de Educação Física Escolar, do Ensino Profissionalizante e dos estudos realizados dentro do contexto desse cotidiano.

Após um consistente aprofundamento teórico, foi realizada a coleta de dados, pois, segundo Ludke e André (1988, p.25), “a coleta de dados apresenta uma série de vantagens

³ Pesquisadores que utilizam a abordagem que enfatiza o uso do método científico como a única forma válida de produzir conhecimentos confiáveis.

para o uso de documentos na pesquisa. Os documentos constituem uma fonte estável e rica, persistem ao longo do tempo e podem ser consultadas várias vezes, incluindo outras pesquisas”. Também é uma fonte poderosa que fundamenta as afirmações e declarações da pesquisadora. Outra vantagem é que permite a obtenção de dados quando o acesso ao sujeito é impraticável e pode complementar as informações obtidas por outras técnicas de coleta.

Essa coleta de dados foi realizada nos setores administrativos do Instituto em questão, que, segundo Ludke e André (1988, p.12), “[...] são predominantemente descritivos [...]”, ou seja, o “[...] material obtido é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos”, números. Os dados considerados são as leis e os regulamentos, as normas, os registros de aulas nos diários, os balanços anuais, os pareceres, os ofícios, as atas, os boletins esportivos e os registros escolares, bem como fotografias.

Ao coletarmos os dados, foi feita uma análise buscando atribuir-lhes significados. A variedade de material obtido qualitativamente exigiu da pesquisadora uma capacidade integrativa e analítica.

Após a coleta dos documentos oficiais, foram realizadas entrevistas com os sujeitos que interessavam à presente investigação, que são usadas em quase todos os tipos de pesquisa nas ciências sociais. Considerando a perspectiva da pesquisa que estamos desenvolvendo neste estudo, as entrevistas foram um dos instrumentos para coleta de dados. Foram feitas entrevistas semi-estruturadas que se desenrolam a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que a entrevistadora fizesse as necessárias adaptações. (LUDKE e ANDRÉ, 1988).

Foram realizadas ao todo dez entrevistas, sendo cinco com os últimos diretores do Ifes – Campus Itapina do período de 1985 a 2009 e cinco com professores de Educação Física do período de 1970 a 2009. (Anexo 1). Cervo & Bervian (1983) classificam as entrevistas utilizadas como recurso de análise da realidade escolar, da prática cotidiana dos atores no processo, bem como a sua relação e envolvimento no processo educacional, tendo como preocupação o alerta de Duarte (2004, p.213), que faz a seguinte consideração:

Encontrar a melhor maneira de formular as perguntas, ser capaz de avaliar o grau de indução da resposta contido numa dada questão, ter algum controle das expressões corporais (evitando o máximo possível gesto de aprovação, rejeição, desconfiança, dúvida, entre outros), são competências que só se constroem na reflexão suscitada pelas leituras e pelo exercício de trabalhos dessa natureza.

Ao utilizar esse método, entrevista aberta, que é um dos métodos mais questionáveis em relação à credibilidade, tivemos as mesmas preocupações de todos aqueles que trabalham com metodologia qualitativa, citadas por Alves (2000, anais SBHE).

A validade do relato como fonte; as questões éticas ligadas à identificação daqueles a quem entrevistamos; a necessária relação do que é dito com outras fontes e depoimentos; a utilização da análise dos processos subjetivos de memória, bem como das múltiplas relações entre memória, narrativa e identidade; as contradições existentes entre memória individual e memória coletiva; a importância de confronto entre fonte oral e fonte escrita; a importância do momento e dos processos de afloramento da memória; a influência do entrevistador durante todo o processo – da decisão de com quem e como conversar aos métodos de análise e aos processos de síntese.

Thomson (apud ALVES, 2000, p.01) diz que “todas essas preocupações estão presentes, sempre, no sentido de compreender, um pouco mais, os significados subjetivos das experiências vividas e a natureza da memória individual e da memória coletiva”.

Por fim, após analisarmos todos os métodos utilizados na pesquisa, foi feita uma avaliação desses dados em relação à disciplina Educação Física como modalidade esportiva e cultural, englobando os indicativos que pareçam justificar sua existência dentro do Ifes – Campus Itapina.

Não existe uma metodologia única, e sim uma opção adequada para cada problema que precisa ser estudado. Posto isso, tentamos justificar a escolha de uma metodologia inspirada no paradigma qualitativo, articulada à perspectiva sócio-histórica, como aquela que nos pareceu mais adequada ao estudo do problema investigado.

Ainda sobre a abordagem da investigação qualitativa, é importante ressaltar que esta pressupõe que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo. A opção pela pesquisa qualitativa justificou-se, assim, porque se desenvolveu em uma situação cotidiana, rica em dados descritivos em um plano aberto e flexível, focalizando a realidade de forma complexa e contextualizada.

2. EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: EM DIREÇÃO A UMA FORMAÇÃO INTEGRAL

Ao dissertarmos sobre uma determinada disciplina oferecida dentro de uma instituição de ensino, é necessário conhecermos o Projeto Político-Pedagógico da Instituição, principalmente no que diz respeito ao funcionamento e aos objetivos da instituição onde foram analisadas as questões abordadas na pesquisa.

Neste trabalho analisamos a disciplina Educação Física oferecida no Ensino Básico de uma Instituição de Educação Profissional da Rede Federal de Ensino Técnico.

Essas instituições, principalmente as que oferecem cursos técnicos na área agropecuária, possuem especificidades que as diferenciam muito de uma instituição que oferece somente o ensino de formação básica, que quase sempre se limita a sala de aula. O espaço e o tempo dessas escolas apresentam situações que proporcionam diversidade na aplicação dos conteúdos das disciplinas propedêuticas. São instituições que oportunizam ao aluno a vivência do concreto dos temas abordados em sala de aula. A Biologia, por exemplo, tem a oportunidade de vivenciar o concreto da fisiologia animal nas unidades de zootecnia, ou seja, unidades de produção animal.

São instituições de nível técnico, e a princípio foram criadas para atender às deficiências e necessidades do mercado de trabalho do país, enquanto a finalidade da formação básica, segundo o artigo 22 da LDB 9.394/1996, é “[...] desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Os primeiros núcleos de formação profissional, ou seja, as “escolas-oficinas” de formação de artesãos e demais ofícios, eram os colégios e as residências dos jesuítas, sediados em alguns dos principais centros urbanos, durante o período Colonial. (MANFREDI, 2002). Kuenzer (1999, p.88) ainda indica que “a primeira vez que aparece a formação profissional como política pública, ela o faz na perspectiva mobilizadora da formação do caráter pelo trabalho”, ou seja, a formação profissional, em seu início, era apenas para formar mão-de-obra, trabalho braçal específico para atender às necessidades sociais da época.

A Educação Profissional, na LDB 9.394/1996, é “[...] uma educação direcionada à formação para o trabalho e deve conduzir o desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva, integrada a outras formas de educação” (LDB 9.394/96, cap.III, art. 39).

2.1. Educação para o Trabalho

Ao analisarmos a história da educação no Brasil, percebemos que algumas concepções de ensino referentes à educação profissional foram impostas de modo persistente, condicionando o formato dado ao seu desenvolvimento e à aplicação prática. Os projetos que definiram essas concepções foram pensados, ora para treinar uma parcela da população para o desempenho de atividades manuais consideradas de nível intelectual inferior, ora para os grupos sociais desfavorecidos economicamente, ocorrendo assim uma redução dos aspectos de ordem social, caritativa e corretiva. Essas concepções criaram obstáculos para a implantação e para o desenvolvimento de um ensino profissional pautado na formação integral do cidadão.

O início, não oficial, de uma educação profissionalizante, ou seja, de uma educação para o trabalho, ocorreu bem antes das instituições profissionalizantes serem criadas pelo governo no século passado. No período do Brasil-Colônia, havia uma instrução relativa dirigida a determinados grupos que exerciam atividades que exigiam certa qualificação. O

trabalho pesado era delegado aos escravos, índios e mestiços. Os brancos pobres eram trabalhadores livres e normalmente empregados em tarefas de direção ou atividades que requeriam maior qualificação. “Às atividades laborais que envolviam as lides manual foi atribuído o estigma da servidão [...]” e, para as atividades que requeriam maior qualificação, os empregados adquiriam a formação técnica nos engenhos, onde prevaleciam as “[...] práticas educativas informais de qualificação *no e para* o trabalho [...]” (MANFREDI, 2002, p.67).

Sendo assim, podemos considerar que os empregados frequentavam o ensino técnico profissionalizante nas áreas necessárias para o desenvolvimento de suas atividades no período do Brasil-Colônia. Como exemplo citamos a agroindústria açucareira que, nos dois primeiros séculos de colonização portuguesa, constituiu a base da economia brasileira e necessitava de mão-de-obra qualificada para determinadas atividades de manuseio e preparo do produto final.

Manfredi (2002) e Cunha (2000), ao descreverem a criação oficial do ensino profissionalizante, afirmam que ele foi criado pelo governo federal com o objetivo de atender à demanda de mão de obra qualificada carente no país.

Segundo Manfredi (2002), desde o período colonial, quando se tem um empreendimento de grande porte e se precisa de mão-de-obra qualificada, o Estado envolve o trabalho e a educação compulsória, ensinando ofícios aos menores dos setores mais pobres e excluídos da sociedade: órfãos, abandonados e desvalidos, para atender essa necessidade.

Cunha (apud MANFREDI, 2002, p.68) relaciona o ensino profissionalizante à população urbana que se criou durante os primeiros séculos de colonização, criando um mercado consumidor, o que gerou a necessidade do trabalho especializado de diversos artesãos: sapateiros, pedreiros e outros. Os colégios e as residências dos jesuítas foram os primeiros núcleos de formação profissional, criados para atender a essa demanda de consumo.

A estrutura da educação jesuítica contribuía para dificultar a universalização do ensino profissional da época, já que visava à formação religiosa, artística e à retórica, colocando os ofícios manuais num plano subalterno, ou mesmo desconsiderando-os. Como exemplo desse plano, podemos citar a característica sintomática da sociedade colonial, que era a exigência da não atuação em atividades de cunho manual como um requisito básico para a ocupação de cargos públicos.

A Educação Profissional por muitos anos sofreu discriminação. Direcionada à formação de mão-de-obra, era vista como uma educação inferiorizada, uma educação do trabalho braçal, comparada e identificada ao trabalho escravo, o qual era praticado pela classe mais inferiorizada da sociedade.

O sistema escravocrata deixou marcas profundas na construção das representações sobre o trabalho como atividade social e humana. Manfredi (2002, p.71) ressalta que:

Além de envolver a violência contra os habitantes nativos, impondo-lhes um padrão civilizatório que não era o seu, e de afugentar os trabalhadores livres, o emprego da mão-de-obra escrava para a execução de atividades artesanais e de manufatura acabou criando a representação de que todo e qualquer trabalho que exigisse esforço físico e manual consistiria em um trabalho desqualificado.

No período colonial, a escravidão fazia parte de um projeto governamental que tinha como objetivo atender as classes economicamente dominantes do Brasil. Para qualificar os escravos para trabalho, era realizada nos engenhos a instrução deste trabalho, como se fosse uma educação profissionalizante.

O que se observa na maioria dos projetos governamentais é que toda implantação de educação profissionalizante tem como objetivo atender às necessidades da classe economicamente dominante. Ao nos referirmos à classe, não podemos deixar de observar que

a cultura das classes dominantes em sociedades organizadas dessa forma busca incessantemente subalternizar as demais formas culturais. Por outro lado, é importante entender também que a cultura dominada não é alienada, totalmente dependente. Essa dinâmica está presente o tempo todo e em movimento constante. Ou seja, ao mesmo tempo em que esses empregados aprendiam a técnica, ocorria uma troca cultural, em relação a técnicas de manuseio, de alimentação, de vestuário e de artefatos artesanais (CUCHE, 2002).

O que de fato acontecia era a construção histórica de uma nova cultura, mais precisamente criada na história das relações dos grupos sociais entre si. O contato entre as culturas veio em primeiro lugar, depois o jogo de distinção que produz as diferenças culturais, ou seja, a disputa de tentar “[...] defender suas especificidades, fazendo um esforço através de diversos artifícios para convencer que seu modelo é original e lhe pertence.” E assim nascia uma nova cultura através das relações sociais que sempre são desiguais, havendo “[...] uma hierarquia entre as culturas que resulta da hierarquia social” (CUCHE, 2002, p.143).

Segundo afirmação de Karl Marx (apud CUCHE, 2002, p.145) “a cultura da classe dominante é sempre a cultura dominante”. Para o autor, essa dominação cultural depende diretamente da força social relativa dos grupos que as sustentam. Na realidade o que existe são grupos sociais que estão em relação de dominação ou de subordinação uns com os outros.

2.2. Necessidade e Criação do Ensino Profissionalizante

Para Cunha (apud MANFREDI, 2002, p.70) Com a intensificação de atividades econômicas, com o crescimento das vilas e dos núcleos urbanos ao longo do litoral, houve um avanço tecnológico no Brasil, gerando uma demanda de artesões de todos os tipos. Mas em 1785, através do Alvará⁴ de 05.01.1785 assinado por D. Maria I que proibia a existência de fábricas, o desenvolvimento tecnológico do Brasil fica estagnado.

O Brasil retoma o avanço tecnológico com a chegada da família real em 1808, quando D. João VI revoga o Alvará de D. Maria através do Alvará de 1º de abril de 1808.

"Eu, o príncipe regente, faço saber aos que o presente alvará virem: que desejando promover e adiantar a riqueza nacional, e sendo um dos mananciais dela as manufaturas, e melhoram, e dão mais valor aos gêneros e produtos da agricultura, e das artes, e aumentam a população dando que fazer a muitos braços, e fornecendo meios de subsistência a muitos dos meus vassallos, que por falta deles se entregariam aos vícios da ociosidade: e convindo remover todos os obstáculos que podem inutilizar, e prestar tão vantajosos proveitos: sou servido abolir, e revogar toda e qualquer proibição, que haja a este respeito no Estado do Brasil, e nos meus domínios ultramarinos, e ordenar que daqui em diante seja o país em que habitem, estabelecer todo o gênero de manufaturas, sem excetuar alguma, fazendo os seus trabalhos em pequeno, ou em grande, como entenderem que mais lhes convém, para o que. Hei por bem revogar o alvará de cinco de janeiro de mil setecentos oitenta e cinco e quaisquer leis, ou ordens que o contrário decidam, como se delas fizesse expressa, e individual menção, sem embargo da lei em contrário (Arquivo Nacional, 2009).

Em 1809, Dom João VI, então Príncipe Regente de Portugal, após a suspensão da proibição de funcionamento de indústrias manufatureiras no Brasil, criou o Colégio das Fábricas, considerado o primeiro estabelecimento instalado pelo poder público, com o objetivo de atender à educação dos artistas e aprendizes vindos de Portugal. Na fase Imperial e nas primeiras décadas da fase republicana, a educação profissional era vista como um

⁴ Proclamações do rei, articuladas geralmente em incisos, tendo, originariamente, natureza de lei de cunho geral, mas que passaram, posteriormente, a ter caráter temporário, modificando as disposições constantes em decretos, regulamentações, normas administrativo, processual e tributário, dentre outras.

caminho para inserir, no processo produtivo, indivíduos que se julgava serem detentores de um potencial insuficiente para o ingresso no mercado de trabalho.

Cem anos depois, o presidente Nilo Peçanha dava início à rede federal de ensino profissional, ao criar 19 escolas de Aprendizes e Artífices – ato precedido por algumas sociedades civis, que tomaram a iniciativa de fundar Liceus de Artes e Ofícios na segunda metade dos anos 1800. Mas foi necessário mais um século para que a modalidade recebesse a atenção merecida pelo seu papel no desenvolvimento econômico e social do País (KUENZER, 1999).

Desse modo, por cerca de um século aspectos de cunho social e caritativo marcaram indelevelmente os primórdios da educação técnica no Brasil. Essa modalidade de educação esteve associada à população de baixa renda, sem identidade, destituída de intenções pedagógicas de desenvolvimento intelectual pleno, segundo o entendimento daqueles que eram os responsáveis pelo encaminhamento a ser dado ao processo educacional, excluindo de seus bancos, durante a vigência do regime escravocrata, negros alforriados e escravos (WERMELINGER, 2007).

Kuenzer (1999, p.88-89) denomina de “[...] dualidade estrutural as trajetórias educacionais diferenciadas. Para os filhos dos trabalhadores, além do curso primário, era possível realizar o curso rural e o curso profissionalizante. No nível ginásial poderiam realizar, exclusivamente, cursos profissionalizantes: o normal, o técnico comercial e o técnico agrícola”. Nesse contexto, essas modalidades educativas não davam ingresso ao curso superior. Aos filhos das elites era destinado o ensino primário e a seguir o ensino propedêutico, voltado para o acesso ao ensino superior, com subáreas profissionalizantes.

Com a criação, em 14 de novembro de 1930, do Ministério da Educação e Saúde Pública, foi estruturada a Inspetoria do Ensino Profissional Técnico, que passava a supervisionar as Escolas de Aprendizes Artífices, antes ligadas ao Ministério da Agricultura. Essa Inspetoria foi transformada, em 1934, em Superintendência do Ensino Profissional. Foi um período de grande expansão do ensino industrial, impulsionada por uma política de criação de novas escolas industriais e introdução de novas especializações nas escolas existentes.

Em 1936, inicia-se a redação da Nova Constituição Brasileira, elaborada por Francisco Campos, com promulgação em 10 de novembro de 1937, criando, assim, o Estado Novo, que aprofundou as mudanças iniciadas com a Constituição de 1934, como a ampliação da legislação trabalhista, o reaparelhamento das Forças Armadas e investimentos na siderurgia e no setor de energia.

Manfredi (2002, p.95) resume assim a política educacional do Estado Novo:

A política educacional do Estado Novo legitimou a separação entre o trabalho manual e o intelectual, erigindo uma arquitetura educacional que ressaltava a sintonia entre a divisão social do trabalho e a estrutura escolar, isto é, um ensino secundário destinado às elites condutoras e os ramos profissionais do ensino médio destinados às classes menos favorecidas.

2.3. Educação Profissional para todos

O grande marco da educação profissional naquele período foi a mudança de concepção expressa na Constituição outorgada em 1937, já que esta eliminou a referência que se fazia ao ensino profissionalizante como destinado aos desfavorecidos da fortuna ou desvalidos da sorte. Assim, em 13 de janeiro de 1937, foi assinada a Lei 378, que transformava as Escolas de Aprendizes e Artífices em Liceus Profissionais, destinados ao ensino profissional de todos os ramos e graus (MANFREDI, 2002).

O objetivo era formar trabalhadores capacitados para lidar nas indústrias em funções técnicas intermediárias, ficando empresas e sindicatos obrigados a organizar as escolas de aprendizes. Havia, marcadamente, uma concepção taylorista-fordista⁵. Inaugurou-se um longo período em que as políticas estatais e a prática da educação de cunho profissionalizante no Brasil foram feitas em função da indústria (KUENZER 1999).

Todavia, a obrigatoriedade nunca foi cumprida devido à falta de pessoal suficiente para lecionar, à estrutura material para o desenvolvimento dos cursos e mesmo à resistência cultural com a formação para “o fazer”, descontextualizada “do pensar”, inviabilizando a medida, culminando com a eliminação do caráter compulsório da profissionalização (MARQUES, 2005, p.12).

Em 1942, vigorou uma série de leis conhecidas como “Reforma Capanema”, que remodelou todo o ensino no país. A partir de 1942, são baixadas, por Decreto, as conhecidas “Leis Orgânicas” (1942/46) da educação nacional que, dentre outras ações, promoveram a transformação das antigas Escolas de Aprendizes Artífices em Escolas Técnicas (KUENZER 1999, p. 89).

Ainda em 1942, o Governo Vargas, pelo Decreto-Lei 8.529/46, estabeleceu o conceito de menor aprendiz para os efeitos da legislação profissional e pelo Decreto-Lei 4.073/42, dispôs sobre a Organização da Rede Federal de Estabelecimentos de Ensino Industrial. Com essas providências, a educação profissional se consolidou no Brasil, muito embora ainda continuasse a ser concebida preconceituosamente como uma educação de segunda categoria (MANFREDI, 2002).

De acordo com KUENZER (1999, p. 90):

A dualidade estrutural, portanto, configura-se como grande categoria explicativa da constituição do ensino profissional no Brasil, legitimando a existência de dois caminhos bem diferenciados a partir das funções essenciais do mundo da produção econômica: um, para os que serão preparados pela escola para exercer suas funções de dirigentes; outro, para os que, com poucos anos de escolaridade, serão preparados para o mundo do trabalho em cursos específicos de formação profissional, na rede pública ou privada.

No ano de 1961, essa realidade sofre uma alteração com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 4024/61), influenciada pelas mudanças ocorridas no mundo do trabalho. Em decorrência do crescente desenvolvimento dos vários ramos no mundo do trabalho, há o reconhecimento da legitimidade de outros saberes e o reconhecimento da necessidade em articular o ensino profissional e o ensino regular, produzindo a equivalência entre os cursos profissionalizantes e os propedêuticos em função da continuidade dos estudos, embora a equivalência não superasse a dualidade estrutural.

Em 1971, frente à aparente demanda por técnicos ocasionada pelo crescimento da economia durante o “milagre econômico”, o Estado Brasileiro instituiu, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira - LDB, nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971, a profissionalização universal e compulsória para o ensino secundário e os cursos técnicos, delegando ao sistema educacional a atribuição de preparar os recursos humanos para a absorção pelo mercado de trabalho (MANFREDI, 2002).

⁵ O termo Taylorismo/fordismo remete-se à ideia do condicionamento humano que se colocou na educação através das necessidades apresentadas por um mercado capitalista emergente que se pautava na produtividade em escala e que valorizava o funcionário padrão, capaz de seguir trajetórias pré-definidas, que não deveriam ser analisadas ou criticadas. O trabalhador deveria dominar algum tipo de saber, mas não o saber produtivo. Cada trabalhador dominava somente a parcela necessária para permitir-lhe operar no processo de produção coletiva.

Na euforia do “tempo do milagre”, com o crescimento acentuado da economia, a expectativa do desenvolvimento industrial com suas cadeias produtivas levava a antever significativa demanda de força de trabalho. Havendo como consequência a grande migração do campo para a cidade, acarretando a necessidade de buscar mecanismos que freassem ou desacelerassem o êxodo rural. Passou-se então a vislumbrar na educação um instrumento eficaz para realizar essa contenção. Assim, justificavam-se todas as iniciativas em favor da educação plural e agrícola. Nesse contexto, além da ideia da educação rural como forma de fixar o homem ao campo, também é implantada a extensão rural no Brasil. (KUENZER, 1999)

A política para o ensino agrícola, implantada pela Coordenadoria Nacional do Ensino Agrícola (Coagri), criada pelo Decreto nº 72.434, foi responsável pela sistematização e padronização de estratégias pedagógicas e de gestão, dando uma identidade única a essa modalidade de ensino, e pelo equipamento das escolas, para um ensino em sintonia com as tecnologias preconizadas pela “Revolução Verde”⁶ (MARQUES, 2005).

Segundo Ramos (2000), no final da década de 1960, começaram os estudos para introduzir a metodologia do Sistema Escola Fazenda no Brasil, que tinha por objetivo proporcionar um modelo de ensino agropecuário com vivência prática, que formasse o técnico com o *status* de produtor, que dominasse todo o processo de produção e buscasse trabalhar autonomamente.

Para atender ao modelo desenvolvimentista, em que a modernização tecnológica atinge o seu apogeu, os colégios agrícolas passam a adotar, a partir de 1966, o modelo de *Escola Fazenda*.

[...] um sistema que se fundamenta principalmente no desenvolvimento das habilidades, destrezas e experiências indispensáveis à fixação dos conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas. É uma escola dinâmica que educa integralmente, porque familiariza o educando com atividades semelhantes às que terá de enfrentar na vida real, em sua vivência com os problemas da agropecuária, conscientizando-o ainda de suas responsabilidades e possibilidades. Portanto, a esse sistema aplica-se, adequadamente, o princípio: aprender a fazer e fazer para aprender. (CENAFOR, 1966, p. 01).

Em 1979, com o Decreto Nº 83.935, de 4 de setembro, as Escolas Agrícolas passaram a ter a denominação de Escolas Agrotécnicas Federais, acompanhadas do nome do município onde se encontravam localizadas.

A partir dos anos 80, o ensino profissionalizante, tanto na área agrícola quanto na área industrial, assumiu um caráter dual. Além de formar indivíduos para o mundo do trabalho, passou a contribuir para a preparação dos mesmos a fim de ingressarem nas Universidades. Apesar dos benefícios dessa duplicidade, surgiu um dilema no que concerne à função do ensino profissionalizante, já que houve um desvio do objetivo primordial que era a formação de técnicos de nível médio para os setores produtivos.

Em 1994, a Lei nº 8.948, de 8 de dezembro, dispõe sobre a instituição do Sistema Nacional de Educação Tecnológica, transformando, gradativamente, as Escolas Técnicas Federais e as Escolas Agrotécnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica – Cefets. Essa transformação ocorreria mediante decretos específicos para cada instituição e em função de critérios estabelecidos pelo Ministério da Educação. Esse processo havia se iniciado

⁶ Revolução verde refere-se à invenção e disseminação de novas sementes e práticas agrícolas que permitiram um vasto aumento na produção agrícola em países menos desenvolvidos durante as décadas de 60 e 70. O modelo se baseia na intensiva utilização de sementes melhoradas, insumos industriais, mecanização e diminuição do custo de manejo. Também são creditados à revolução verde o uso extensivo de tecnologia no plantio, na irrigação e na colheita, assim como no Gerenciamento de produção. Esse ciclo de inovações se iniciou com os avanços tecnológicos do pós-guerra, embora o termo revolução verde só tenha surgido na década de 70.

em 1978, com a Lei 6.545, que dispõe sobre a transformação das escolas técnicas de Minas Gerais, do Paraná e do Rio de Janeiro em Centros, a qual não veio a se efetivar, porque foi substituída pelo Decreto 2.406, de 27 de novembro de 1997, definindo os termos do Decreto 2.208/97, que instituiu os centros de Educação Profissional.

Com o objetivo de ofertar novas modalidades de ensino, em 1999 é retomado o processo de transformação de algumas Escolas Técnicas e Agrotécnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET). Essas instituições passaram a oferecer cursos de graduação e pós-graduação, ministrando concomitantemente o ensino de segundo grau no sentido de formarem auxiliares e técnicos, permitindo que cursos de atualização fossem oferecidos face ao dinamismo do desenvolvimento tecnológico.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394 dispõe sobre a Educação Profissional num capítulo separado da Educação Básica, superando enfoques de assistencialismo e de preconceito social, existentes nas primeiras legislações de educação profissional do país. Essa Lei pretendeu uma intervenção social e crítica e qualificada para tornar-se um mecanismo para favorecer a inclusão social e a democratização dos bens sociais de uma sociedade.

Em sequência a esse momento educacional, no ano de 2004, a rede federal de educação tecnológica (Centros Federais de Educação Tecnológicas, Escolas Agrotécnicas Federais, Escola Técnica Federal de Palmas - Tocantins e Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais) ganha autonomia para a criação e implantação de cursos em todos os níveis da educação profissional e tecnológica. Por sua vez, as Escolas Agrotécnicas Federais recebem autorização excepcional para ofertar cursos superiores de tecnologia, em nível de graduação, fortalecendo as características dessas instituições: a oferta verticalizada de ensino em todos os níveis de educação.

O governo federal, reconhecendo a potencialidade estratégica das instituições de ensino técnico e tecnológico federal e sua capacidade e qualidade de trabalho, estabelece um diálogo com essa rede de formação, que passaria então a se ocupar de um trabalho mais contributivo, voltado ao desenvolvimento local e regional.

Neste contexto, em 2006 toma-se a decisão de ampliar o número de escolas federais de educação profissional e tecnológica, dando início a um processo de crescimento capaz de gerar reflexos mais amplos para a educação brasileira.

A rede federal de Ensino Técnico Profissionalizante no Brasil, no ano de 2008 era constituída por 185 instituições, contando com as 45 novas unidades entregues pelo MEC, das 64 previstas na primeira fase do plano de expansão da rede federal de educação profissional. A meta do MEC do Governo do Presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva é chegar a 2010 com 354 escolas técnicas e 500 mil vagas (MEC, 2009).

Com a expansão, e diante do crescimento expressivo do número de instituições federais de educação profissional e tecnológica, essas instituições passaram por um processo de transformação e modernização, previsto no PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação do Presidente Lula Inácio da Silva. E pela Lei nº 11.892, sancionada no dia 29 de janeiro de 2009, as antigas Escolas Agrotécnicas, os Centros Federais de Educação e algumas Escolas vinculadas a Universidades foram transformadas em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IF).

Em notícia do site oficial do MEC do dia 16/07/2008, De Angelis relata que o ministro da Educação, Fernando Haddad, afirma que o modelo pedagógico dos institutos é inteiramente novo, “oferecendo ensino médio com educação humanística, científica e profissional, de maneira integrada, com oferta de educação profissional verticalizada também para o nível superior”.

Sendo Institutos, as escolas serão atuantes na área de pesquisa e extensão, estimulando o desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas e estendendo seus benefícios à

comunidade, oferecendo cursos técnicos de nível médio em regime especial de currículo integrado, cursos superiores de tecnologia, bacharelado em engenharias e licenciaturas.

Haddad (2008) ainda completa dizendo que “são instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializadas na oferta de educação profissional e tecnológica, além de forte inserção na área de pesquisa e extensão.”

No ano de 2008, foram realizadas chamadas públicas nas quais as instituições de educação profissional deveriam discutir os rumos das Instituições Federais de Ensino com a Comunidade Escolar e assim se inscrever voluntariamente para fazer parte do novo modelo. Na prática observou-se que esse processo aconteceu de formas variadas com listas de abaixo-assinados a favor ou contra a adesão ao programa, reuniões, plebiscitos, ou excisões unilaterais por parte dos Diretores Gerais de algumas Instituições.

De acordo com o art. 8º da Lei nº 11.892/08, 50% (cinquenta por cento) das vagas oferecidas nos Institutos serão destinadas à oferta de cursos técnicos de nível médio, em especial de currículo integrado, e o mínimo de 20% (vinte por cento) será destinado a cursos de licenciatura, principalmente na área de Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, como física, química, matemática e biologia. O Secretário de Educação Profissional e Tecnológica, Eliezer Pacheco (2009, portal MEC) afirma que:

Os Institutos Federais, ao identificar as demandas regionais e apontar políticas para as mesmas, a partir de uma perspectiva educativa, darão uma enorme contribuição para o enfrentamento das desigualdades sociais e demarcarão uma trajetória inovadora e de caráter não-acadêmico.

A primeira idéia do Plano de Desenvolvimento Educacional (PDE) era que, em cada estado, houvesse apenas um Instituto Federal, mas, devido à quantidade de Instituições Federais em alguns estados, há os que ficaram com mais de um Instituto, como é o caso de Minas Gerais, por exemplo, que atualmente consta com 05 Institutos⁷, ficando ao todo 38 Institutos Federais no Brasil.

No Espírito Santo, as Escolas Agrotécnicas de Colatina, Alegre, Santa Teresa e o Cefetes se integraram em uma estrutura única: o Instituto Federal do Espírito Santo. Dessa forma, as unidades de ensino do Cefetes (Vitória, Colatina, Serra, Cachoeiro de Itapemirim, São Mateus, Cariacica, Aracruz, Linhares e Nova Venécia) e as Escolas Agrotécnicas de Alegre, Santa Teresa e Colatina tornaram-se campi do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (Figura 1).

⁷ Os Institutos Federais de Minas Gerais são: Instituto Federal Minas Gerais, Instituto Federal Norte de Minas Gerais, Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais, Instituto Federal Sul de Minas Gerais, Instituto Federal Triângulo Mineiro

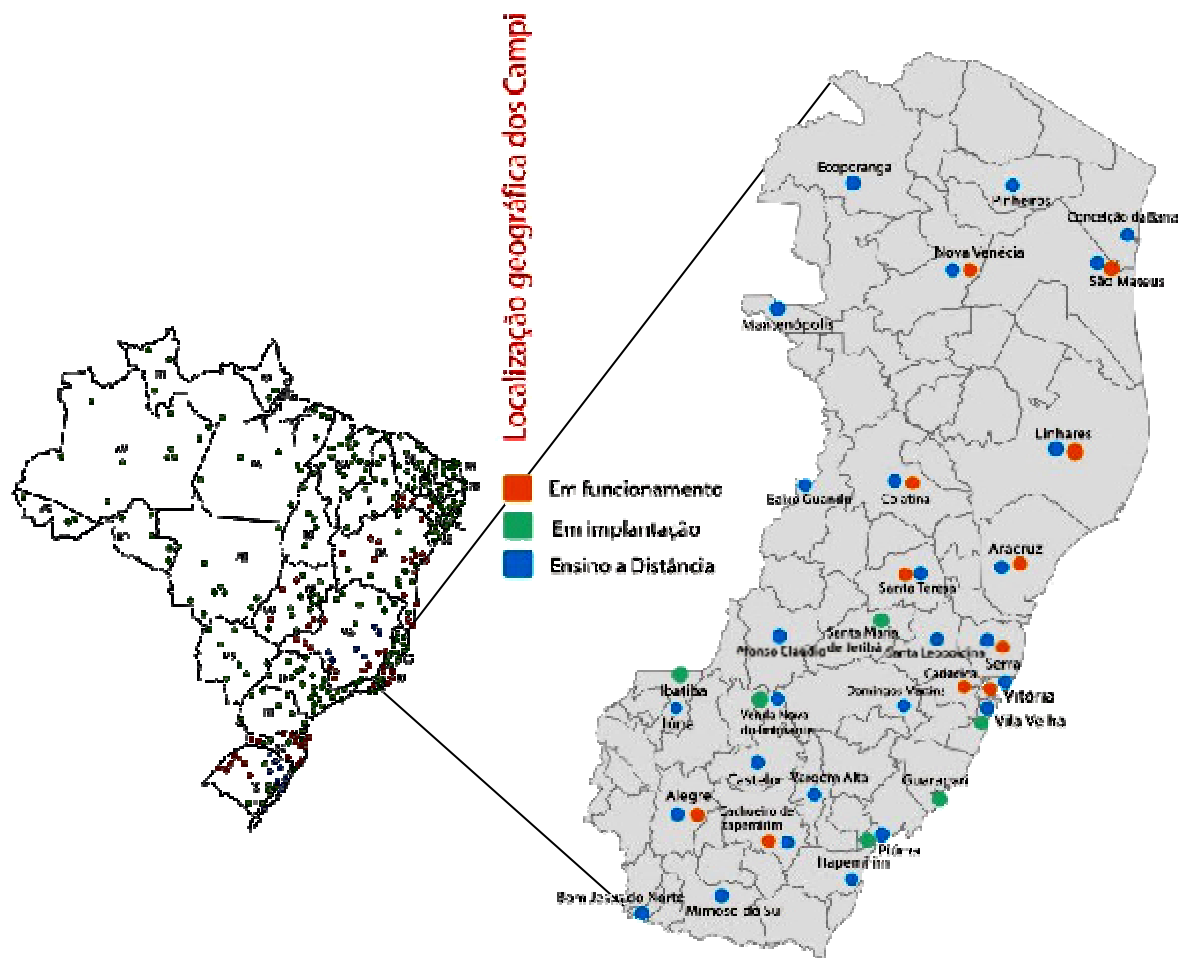


Figura 1: Mapa da Localização geográfica dos campi do Instituto Federal do Espírito Santo

3. IDENTIDADE DO IFES - CAMPUS ITAPINA (ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE COLATINA)

Quando se fala em escola, as pessoas imaginam logo uma sala de aula com cadeira dispostas em fileiras e os alunos sentados, prestando atenção na professora. E muitas vezes, quando se diz escola técnica na área agropecuária, as pessoas se pegam imaginando os alunos atrás de uma enxada capinando campos e fazendo horta, e não imaginam a diversidade de riqueza que uma escola dessa característica proporciona ao aluno que por ela passa e as experiências únicas que levarão para o resto de suas vidas.

Até 2008, as Escolas Agrotécnicas Federais eram autarquias federais que atuavam, prioritariamente, na área agropecuária, oferecendo habilitações de nível técnico, além de diversos cursos de nível básico e do ensino médio (MEC, 2008).

As primeiras Escolas Agrotécnicas que foram implantadas “eram destinadas a meninos desvalidos do ponto de vista moral, intelectual e físico. [...] O ensino das noções de agricultura era tido à época como uma alternativa para a formação desse tipo de menor, [...] como meio de preparar o braço operário” (NASCIMENTO, 2004, p.81).

A Escola Agrotécnica Federal de Colatina, hoje Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Espírito Santo – Campus Itapina (Ifes – Campus Itapina), passou por muitas reformas, leis e decretos os quais foram os responsáveis pelas mudanças do regime político e do nome da Instituição.

Ao longo destes anos, o Ifes – Campus Itapina marca sua existência no município de Colatina, no estado do Espírito Santo, deixando sua marca de qualidade de ensino e trabalho com a comunidade. Assim, iniciamos a história dessa instituição, com um pouco mais de meio século de sementes plantadas e frutos colhidos. A Escola está localizada à margem esquerda do Rio Doce, na zona rural do município de Colatina, na região norte do Espírito Santo, no km70, na Br 259, no trecho Colatina a Baixo Guandu. Está à distância de 155 km de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, e a 40 km da divisa com o estado de Minas Gerais. Ocupa uma área de 316 ha, distribuída em áreas construídas e áreas destinadas ao desenvolvimento de projetos agropecuários (Figura 2).

A missão do Ifes – Campus Itapina para o período de 2009 - 2013, de acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI⁸ do Ifes, é “promover educação profissional, científica e tecnológica de excelência, por meio do ensino, pesquisa e extensão, com foco no desenvolvimento humano sustentável” (PDI, 2009-2013, p.22).

O Ifes – Campus Itapina, segundo o Prof. Olindino Pauli⁹ (2001, p.1), “[...] iniciou suas atividades em 1951, quando o Governo do Estado do Espírito Santo adquiriu uma área de terras com 238 ha., da empresa AMIPUR S/A, com finalidade específica de instalar uma Escola”. Enquanto se providenciava a construção dos prédios para iniciar o funcionamento das atividades o terreno era conhecido como “FAZENDA DO ESTADO.” O Prof. Olindino Pauli (memo 2000, p.1) ainda descreve que:

A EAF-Colatina surgiu de uma idéia no ano de 1949, quando o Governador do Estado Dr. Carlos Monteiro Lindenberg, o Deputado Federal Dr. Napoleão Fontenele, o Secretário da Agricultura Dr. Oswaldo Zanello e o Senador Dr. Atílio

⁸ O PDI – Plano de desenvolvimento Institucional é um documento obrigatório do processo dos Ifes, constante no art., 14 da Lei 11.892, de 29/12/2008.

⁹ Prof. Olindino Pauli foi professor de Matemática, Desenho Técnico, Secretário Escolar, Coordenador Pedagógico, Diretor da Divisão de Apoio Técnico e Diretor Substituto da EAF-Colatina. Relata em abril de 2001 “Escola Agrotécnica Federal de Colatina: um pouco de História por: Prof. Olindino Pauli” (mimeo).

Vivácqua, que era o proprietário da Fazenda onde hoje está erguida a Escola, lançaram o projeto de construção de uma Escola de Iniciação Agrícola, onde seria administrado o Curso de Iniciação Agrícola, com duração de dois anos, correspondente, hoje, às 5ª. e 6ª. Séries do 1.º. Grau. O concluinte receberia o diploma de Operário Agrícola.

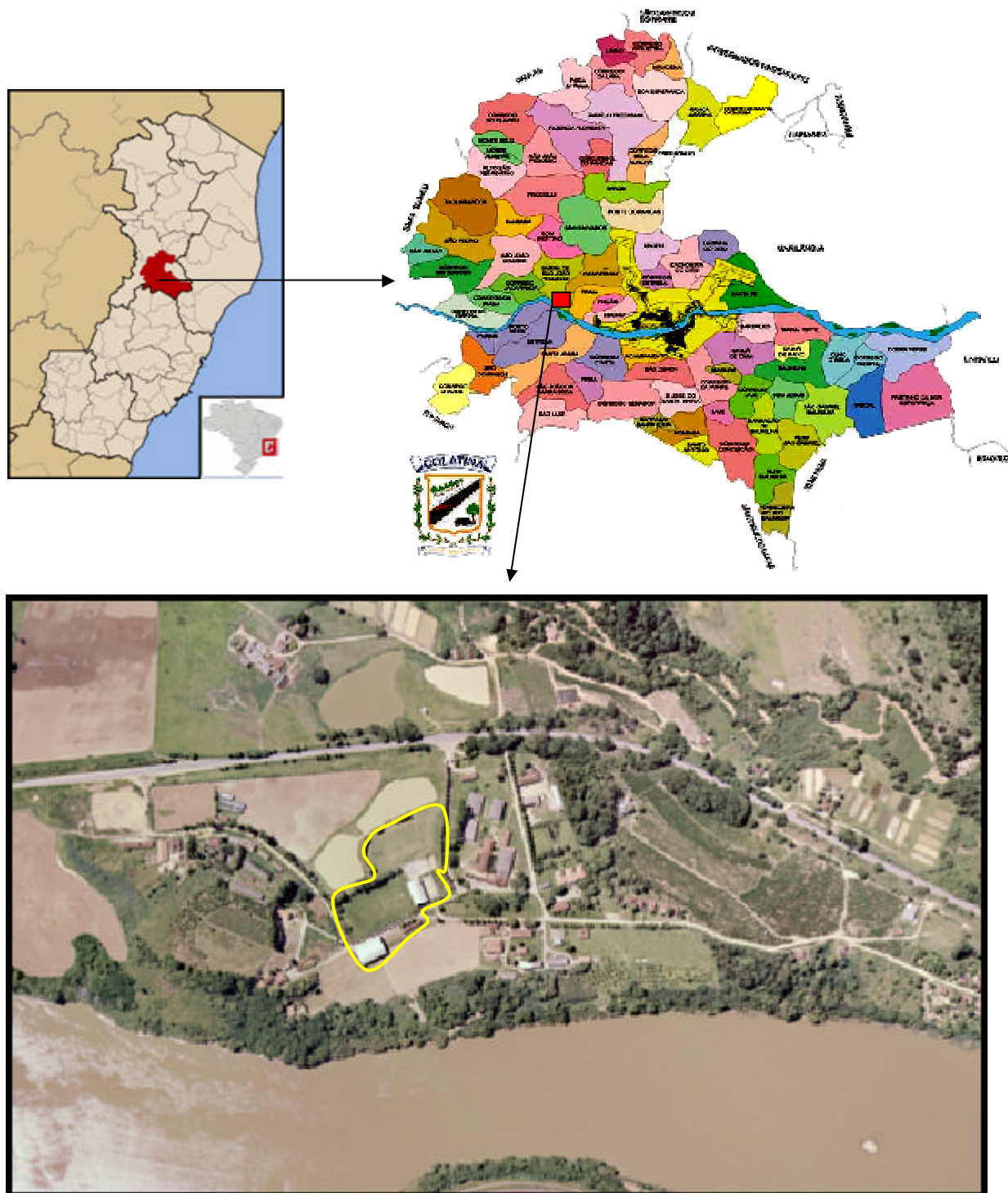


Figura 2: Vista Aérea da Escola Agrotécnica Federal de Colatina/2006

Destaque: área da Educação Física

Fonte: Gabinete do Diretor Geral da EAF Colatina

Essa iniciativa fundamentava-se no Decreto Lei 9.613, de 20/08/1946 – Lei orgânica do Ensino Agrícola, cujo artigo 1º, Título I, dizia:

Esta lei estabelece às bases de organização e de regime do ensino agrícola, que é o ramo do ensino até o segundo grau, destinado essencialmente à preparação profissional dos trabalhadores da agricultura.

Em 1952, foi nomeado um professor da Escola Agrotécnica de Santa Teresa, hoje Ifes – Campus Santa Teresa¹⁰, fundada a 08 de Setembro de 1941, para ser o primeiro diretor da escola, o qual tomou posse e deu início à construção das obras do prédio principal, da casa do Diretor, das casas para professores do modelo de outras Escolas Federais e de algumas casas para funcionários. Esse tipo de escola visava à construção de moradia para funcionários devido à distância do meio urbano, o que permanece até hoje. Hoje a escola ainda possui moradia para alguns de seus servidores.

Prof. Olindino Pauli (2001,p.1) relata que, no dia 20 de fevereiro de 1956, foi realizado o primeiro Exame de Seleção para ocupação das 35 vagas abertas para o Curso de Iniciação Agrícola. Em 28 de abril de 1956, inaugurou-se a Escola de Iniciação Agrícola.

A escola foi subsidiada com verbas do Governo Federal e Estadual. Em 28 de abril de 1956, no governo de Juscelino Kubitschek, a Escola de Iniciação Agrícola foi inaugurada. Era subordinada à Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário do Ministério da Agricultura (PDI, 2009-2013).

O Curso de Iniciação Agrícola durou até 1961, quando, com o advento da Lei nº. 4024/61 de 20 de Dezembro de 1961, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, passou para o Curso Ginásial Agrícola, com quatro anos de duração e equivalente ao Curso Ginásial Formal, habilitando o concludente com diploma de Mestre Agrícola. E sua denominação foi alterada para Ginásio Agrícola de Colatina por meio do Decreto 53.558/64 (Marques, 2005, p.10).

Em 1967, por meio do Decreto 60.731, os Ginásios Agrícolas passaram a ser subordinados ao Ministério da Educação e da Cultura, vinculados à Diretoria de Ensino Agrícola (DEA) e, posteriormente, em 1970, à Diretoria de Ensino Médio (DEM). “Em 1973, por meio do Decreto 72.434, foi criada a Coordenação Nacional do Ensino Agrícola – COAGRI, no Ministério da Educação e da Cultura a qual, em 1975, ganha autonomia administrativa e financeira e passa a denominar-se Coordenação Nacional do Ensino Agropecuário” (PDI, 2009-2013, p.18).

Em 14 de dezembro de 1977, foi autorizado o funcionamento do curso Técnico em Agropecuária no Ginásio de Colatina, regularizado com o Decreto nº. 83.935, de 4 de setembro de 1979. A Escola passou a ter a denominação de Escola Agrotécnica Federal de Colatina. No início do ano de 1978, “[...] foi realizado o primeiro Exame de Seleção, para 120 vagas no Curso Técnico em Agropecuária, e o Curso Ginásial Agrícola foi extinto gradativamente” (Marques, 2005, p.13-15).

Desde a implantação do Curso Técnico, o Ifes – Campus Itapina vem formando profissionais voltados diretamente para o meio rural, administrando propriedades, cooperativas, sindicatos, empresas rurais, instituições e órgãos governamentais, empresas produtoras de mudas e semente. São preparados também, para atuar na maquinaria agrícola, na orientação quanto ao uso de defensivos e fertilizantes; nas medições topográficas, nas

¹⁰ A origem do Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Santa Teresa, hoje Ifes – Campus Santa Teresa, data de 1940, quando foi criado através do decreto-lei nº. 12.147, de 06 de setembro de 1940, pelo Interventor Federal no Estado do Espírito Santo, João Punaro Bley. Foi Inaugurado em 08 de Setembro de 1941, sob a denominação de Escola Prática de Agricultura (PDI, 2009-2013, p.20)

instalações de sistemas de irrigação e drenagem, na construção rural, na extensão rural e como produtores autônomos, dentre outras atividades.

O Ifes – Campus Itapina após 1993, juntamente com as demais escolas agrotécnicas existentes no país, foi transformado em autarquia federal subordinada ao Ministério da Educação e à Secretaria de Educação Média e Tecnológica (MARQUES, 2005).

Essas Instituições são reconhecidas em todo o Brasil, e até mesmo no exterior, pela qualidade do ensino ofertado, pelos cursos inéditos lançados e pelos importantes projetos realizados junto à população e às empresas locais, sempre procurando potencializar o que cada região oferece de melhor em termos de trabalho, cultura e lazer.

A denominação Ifes – Campus Itapina veio a partir de 29 de dezembro de 2008, data em que foi sancionada a Lei nº 11.898, quando ocorreu o novo processo de transformação do PDE– Plano de Desenvolvimento da Educação do Presidente Lula Inácio da Silva, passando a integrar o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo.

A cidade de Colatina ficou com dois Campus do Ifes: a Uned - CEFETES¹¹ e a EAF-Colatina. A denominação Campus Colatina ficou com a Uned - CEFETES pelo fato de estar localizada na zona urbana da cidade e a EAF - Colatina receberia a denominação de Campus Colatina Zona Rural. Mas o Diretor Geral, através do ofício 06/2009, encaminhado ao Reitor do Ifes, solicitou a mudança do nome para Ifes – Campus Itapina, pelo motivo de que a escola popularmente já era conhecida como Colégio de Itapina, devido à proximidade do distrito de Itapina. Sendo deferida a solicitação, a EAF - Colatina passou a ser denominada Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo – Campus Itapina (Ifes – Campus Itapina).

O Ifes – Campus Itapina pertence ao IF – Espírito Santo, vinculada ao MEC, através da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC, apresentando em seu organograma o reitor do Ifes, um Diretor Geral do Ifes – Campus Itapina, ao qual estão ligados o Diretor Administrativo e o Diretor Educacional.

Sendo integrante do Instituto Federal do Espírito Santo, o Ifes – Campus Itapina poderá atuar na área de pesquisa e extensão e oferecer cursos técnicos de nível médio, em especial de currículo integrado, e cursos de licenciatura.

O Campus Itapina está com processo em andamento para, em 2010, ofertar cursos de Licenciatura em Ciências Agrícola e Engenharia Agrônômica. Os cursos¹² hoje oferecidos no Ifes – Campus Itapina são:

- Técnico Agrícola com Habilitação em Agropecuária Integrado;
- Técnico Agrícola com Habilitação em Agricultura Concomitante;
- Técnico Agrícola com Habilitação em Zootecnia Concomitante;
- Técnico Agrícola com Habilitação em Agropecuária Subsequente¹³;
- Técnico Agrícola com Habilitação em Agroindústria Integrado (PROEJA)¹⁴.

Essas formas de ensino estão previstas na Lei nº 9.394/96, incluída no artigo 36, do Capítulo II a Seção IV-A da Educação Profissional Técnica de Nível Médio pela Lei nº 11.741/2008, que diz:

¹¹ Uned – Cefetes: Unidade Descentralizada de Ensino do Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo, atualmente Ifes – Campus Colatina.

¹² Dados adquiridos na Seção de registros Escolar do Ifes – Campus Itapina.

¹³ Cursos de habilitação profissional destinados a quem já tenha concluído o ensino médio.

¹⁴ Lei nº 9.394/96 Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria.

Art.36

I - integrada, oferecida somente a quem já tenha concluído o ensino fundamental, sendo o curso planejado de modo a conduzir o aluno à habilitação profissional técnica de nível médio, na mesma instituição de ensino, efetuando-se matrícula única para cada aluno;

II - concomitante, oferecida a quem ingresse no ensino médio ou já o esteja cursando, efetuando-se matrículas distintas para cada curso, e podendo ocorrer:

a) na mesma instituição de ensino, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis;

b) em instituições de ensino distintas, aproveitando-se as oportunidades educacionais disponíveis;

c) em instituições de ensino distintas, mediante convênios de intercomplementaridade, visando ao planejamento e ao desenvolvimento de projeto pedagógico unificado.

O Ifes – Campus Itapina está atualmente com 17 turmas. Destas somente 12 turmas têm a disciplina de Educação Física na sua organização curricular. As turmas que cursam o Ensino médio são: 5 turmas na 1ª série (3 integrada e 2 concomitante), 4 turmas de 2ª série (concomitante) e 3 turmas de 3ª série (concomitante).

Não há Educação Física na organização curricular do curso PROEJA (2 turmas) e nos cursos de Agropecuária Subsequente (3 turmas). A escola segue o que rege a Lei nº 9.394/96, que tem como obrigatoriedade a disciplina de Educação Física somente na Educação Básica.

Os alunos do PROEJA encontram-se em situação que, de acordo com a lei, nº 9.394/96, faculta a participação deles nas aulas de Educação Física. Com isso, a escola decidiu não incluir a disciplina na organização curricular dessas primeiras turmas. A Direção Pedagógica da escola, a pedido dos professores de Educação Física, está analisando a inclusão para as próximas turmas.

A Ifes – Campus Itapina oferece a seus alunos regime de internato, semi-internato e externato. No regime de internato, os alunos recebem alojamento, alimentação e atendimento médico, assim como uma grande variedade de opções de lazer. No regime de semi-internato, os alunos recebem alimentação, atendimento médico e opções de lazer. E, no regime de externato, os alunos recebem atendimento médico.

Todos os alunos, independente do regime de alojamento, seguem o regimento interno¹⁵ do corpo discente do Ifes – Campus Itapina, que dispõe sobre os direitos e deveres do aluno. O não-cumprimento acarreta punições pré-estabelecidas e aplicadas pelo CGAE – Coordenadoria de Atendimento ao Educando mediante a presença dos pais.

Em linhas gerais e sem considerar as especificidades de cada série, tendo como base a pesquisa interna realizada pela orientadora educacional juntamente com o Coordenador Geral de Ensino no ano de 2006, com o objetivo de subsidiar a direção para eventuais planejamentos da escola, descrevemos o perfil dos alunos do Ifes – Campus Itapina como um grupo formado, em sua maioria, por jovens entre 16 e 18 anos, do sexo masculino, procedentes da Região Norte do Espírito Santo e de Minas Gerais, oriundos da zona urbana, mas com uma porcentagem significativa de alunos nascidos na zona rural (36,6%). Hoje podemos destacar também o aumento de 54% de alunos do sexo feminino.

A área total do Ifes – Campus Itapina é de 2.960.000,00 m², sendo 28.411,00 m² de área construída, dividida em: alojamentos, área esportiva e de lazer, biblioteca, estação de tratamento de água e de esgoto, fábrica de ração, laboratórios de pesquisa e ensino, lavanderia, marcenaria, oficina mecânica, refeitório, prédio pedagógico com sala de aulas e auditórios, prédio administrativo, setores educativos de produção e unidade de saúde.

¹⁵ Todo aluno, ao ser matriculado ou rematriculado no Ifes – Campus Itapina, recebe o manual do estudante com informações da escola como horário de funcionamento dos setores, calendário, sistema de avaliação e o Regimento interno do corpo discente e as medidas socioeducativas.

O Ifes – Campus Itapina até o ano de 2008, funcionava com aulas regulares em dois turnos: matutino e vespertino. Com a inclusão do PROEJA, no início deste ano (2009), com duas turmas de 45 alunos cada, passou a funcionar também no turno noturno. O Ifes – Campus Itapina funciona das 7h às 16h com todos os setores administrativos. As aulas, nas séries de 1ª, 2ª e 3ª, juntamente com as turmas de subsequente, acontecem até às 16h30min. No período noturno, com as turmas do PROEJA, o CGAE, a CAP – Coordenadora de Acompanhamento ao Educando, das 19h às 22h. O setor de vigilância e a enfermaria funcionam 24 horas com rodízio de funcionários.

O refeitório serve café da manhã, almoço, jantar e um lanche às 21h30m. O jantar e o lanche são para os alunos internos e alunos do curso do PROEJA. Todas as refeições são gratuitas para os alunos, exceto para os de regime de externato. Os servidores e visitantes pagam o almoço.

O Ifes – campus Itapina, como toda escola na área agropecuária, possui unidades de ensino e produção. As unidades de ensino e produção estão localizadas ao redor da escola por necessitarem de espaço amplo para o desenvolvimento específico.

A Ifes – Campus Itapina utiliza as unidades para o processo de ensino-aprendizagem do aluno e também para produzir alimentos para o refeitório e para o posto de vendas.

As unidades são: Agricultura I, Agricultura II, Agricultura III, Zootecnia I, Zootecnia II, Zootecnia III, Agroindústria, Aquicultura e o setor de Mecanização, além da fábrica de ração e da marcenaria.

Todos os setores de produção estão ligados ao CGPP – Coordenadoria Geral de pesquisa e produção que está ligado ao Departamento de Desenvolvimento Pedagógico.

Os trabalhos nas unidades de produção são de responsabilidade de um coordenador da unidade e executados por funcionários de uma firma terceirizada contratada pela escola. Os alunos participam nas unidades através de práticas pedagógicas orientadas e acompanhadas pelo professor, de acordo com a necessidade do curso e da disciplina que o aluno cursa.

Essas unidades, como toda área da escola, com devida autorização, podem ser utilizadas para a realização de projetos e estudos planejados pelos professores de todas as áreas de ensino da instituição.

Os alunos também participam de viagens técnicas a indústrias, fazendas, laticínios, museus, laboratórios de universidades e outras localidades que promovem a construção do saber pedagógico e cultural. Essas viagens são feitas com automóveis próprios da escola, que também fazem o deslocamento dos alunos para campeonatos esportivos.

O Ifes – Campus Itapina é uma instituição que oferece disponibilidade satisfatória para que os profissionais da área de educação possam transmitir os saberes necessários à educação plena ao educando com qualidade.

4. ELEMENTOS FORMADORES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

Para entendermos um pouco mais sobre a questão desta pesquisa, faremos uma análise da disciplina de Educação Física e as tendências pedagógicas no Brasil, que influenciaram a Educação Física no Ifes – Campus Itapina. E ao descrever a respeito das tendências que a Educação Física sofreu com o passar dos anos, observaremos como a política e os interesses das classes sociais dominantes tiveram um papel importante na definição dessas tendências.

No Brasil a Educação Física é uma disciplina obrigatória na Educação Básica, como mostra o art. 26º, parágrafo 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996, com alteração da redação na Lei 10.793, de 10 de dezembro de 2003):

- § 3º. A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatória da Educação Básica, sendo sua prática facultativa ao aluno:
- I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;
 - II – maior de trinta anos de idade;
 - III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física;
 - IV – amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969;
 - V – que tenha prole.

E nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+) entende-se que a Educação Física, como disciplina escolar, deve:

Tratar da cultura corporal, em sentido amplo: sua finalidade é introduzir e integrar o aluno a essa esfera, formando o cidadão que vai produzir, reproduzir e também transformar essa cultura. Para tanto, o aluno deverá deter o instrumental necessário para usufruir de jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida (PCN+, 2009, p.139).

Segundo Taffarel (1992, p.50) “sendo a Educação Física uma prática pedagógica, podemos afirmar que ela surge de necessidades sociais concretas que, identificadas em diferentes momentos históricos, dão origem a diferentes entendimentos do que dela conhecemos”.

Para Libâneo (1988, p.9-10), os “[...] objetivos da educação são determinados politicamente, conforme os interesses da sociedade e de suas relações sociais”. E para que o docente de Educação Física cumpra as exigências sociais de uma sociedade, ao mesmo tempo, cumprir as exigências pedagógicas, este deve se ocupar, intencional e sistematicamente, do desenvolvimento global de pessoas que vivem num sistema de relações sociais em permanentes transformações.

A implantação da Educação Física nas sociedades contemporâneas não foi tarefa tranquila, segundo Castellani (2007, p.11). As dificuldades variavam de acordo com cada realidade, suas contradições e seus respectivos regimes políticos e culturais.

A inclusão da Educação Física nas escolas no Brasil ocorreu em 1851, com a Reforma Couto Ferraz, tendo como conteúdo específico o Método de Ginástica Alemão. Três anos após a aprovação da reforma do primário e do secundário, em 1854, a ginástica passou a ser uma disciplina obrigatória no primário, e a dança, no secundário (DARIDO, 2003).

Segundo Darido (2003, p.01) “[...] em 1882, na reforma feita por Rui Barbosa, que defendia a tese de que a “higiene do corpo e a higiene da alma são inseparáveis, houve uma recomendação para que a ginástica fosse obrigatória para ambos os sexos e que fosse

oferecida em escolas normais”. Em 1920, os estados incluem a Educação Física com o nome de ginástica, ano que começam a realizar suas reformas educacionais.

A partir de 1930, a ginástica passa a ser usada como meio para a política Getulista, que pretendia um homem forte para a produção da indústria brasileira. Em 1950, a Educação Física esta embasada no modelo desportiva e generalizada, método esportivista, tecnicista, um modelo piramidal.

No início de 1970, está clara a especificidade da Educação Física. Ela se apresenta com um caráter esportivista, é a idéia do saber fazer. É em meados dessa década que aparece o termo "Psicomotricidade", influenciando todas as disciplinas escolares. Era apresentada uma nova proposta de trabalho, inclusive para a educação física, que passa a ser mais valorizada no ambiente escolar com o seu envolvimento com as tarefas da instituição, desenvolvimento da criança, com o ato de aprender (DARIDO, 2003).

É a partir de 1980 que as discussões sobre a Educação Física ganham uma característica mais crítica e política. A negação dos conteúdos esportivistas e dos métodos de ginástica serão negados fervorosamente, bem como o fim da especificidade, proveniente da psicomotricidade, será debatido em busca de uma identidade da Educação Física escolar.

Ao longo do século XX, a Educação Física esteve associada a cinco tendências pedagógicas e políticas, e um ponto em comum entre elas é a insistência na tese da Educação Física como atividade capaz de garantir a aquisição e manutenção da saúde individual. Sendo elas: a Educação Higienista (até 1930); a Educação Física Militarista (1930-1945); a Educação Pedagogicista (1945-1964); a Educação Física Competivista (pós-64); a Educação Física Popular (GUIRALDELLI JR, 2003).

Segundo Bracht (2001), o que sustentava a Educação Física nos currículos escolares eram, mais do que as tendências descritas por Guiraldelli, as necessidades sociais que, no caso da Educação Física, eram: as questões da saúde, da produtividade no trabalho, a visão médica, o esporte e o próprio lazer. Para o autor (2001, p. 69), “a inserção no currículo escolar foi devido à conjunção de uma série de fatores, todos eles condicionados pela emergência de uma nova ordem social nos séculos XVIII e XIX”.

Bracht (2001, p.75-76) afirma que o lazer, ou seja, “[...] a cultura criada, vivenciada, fruída no tempo livre, é importante para a realização do homem, pois as pessoas são cada vez mais identificadas com o que fazem na esfera do lazer”. O lazer é um componente na construção da identidade do indivíduo.

Baseada nos estudos de Guiraldelli Jr (2003), veremos um breve resumo das tendências da Educação Física, começando pela Educação Higienista, que, segundo o autor “dava ênfase à saúde, cabendo à Educação Física a formação de seres humanos sadios, fortes e dispostos a ação” (2003, p.17-21). A Educação Física fazia parte de um projeto de assepsia social, na política vigente, disciplinando os hábitos das pessoas, afastando-as de atos que poderiam deteriorar sua saúde e sua moral, o que comprometeria a vivência no coletivo.

A Educação Física Militarista também estava seriamente preocupada com a saúde pública do coletivo. Todavia, seu objetivo fundamental era obter a formação de jovens capazes de suportar o combate, a luta, a guerra. Nessa concepção, a Educação Física deveria ser rígida para “elevantar a Nação” à condição de servidora e defensora da Pátria.

Fazendo um comparativo dessas duas tendências, Guiraldelli Jr (2003) considera que a Educação Higienista era capaz de redimir o povo de seu pecado mortal, que é a ignorância, levando o povo a evitar condições que deteriorassem sua saúde. Por sua vez, a Educação Física Militarista visava à formação do cidadão-soldado, capaz de obedecer cegamente e de servir de exemplo para o restante da juventude pela sua bravura e coragem.

A Educação Física Pedagogista era a concepção que fugia do estigma de ser considerada somente uma prática capaz de promover saúde ou de disciplinar a juventude. Ela

buscava ser uma prática eminentemente educativa. E, mais que isso, ela advogava a educação do movimento como a única forma capaz de promover a chamada educação integral.

Segundo Saviani (apud COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.55), percebe-se, nessa tendência, a instrumentalização do movimento humano como meio de formação. Le Boulch (apud COLETIVOS DE AUTORES, 1992, p.55), enfatiza que a Educação Física Pedagoga seria:

Uma teoria geral do movimento, a qual permite utilizá-lo como meio de formação. Que tinha como privilégio o estímulo ao desenvolvimento psicomotor, especialmente a estruturação do esquema corporal e as aptidões motoras, que melhoram através da prática do movimento. Pretendia, assim, através do exercício, desencadear mudanças de hábitos, idéias e sentimentos.

Sobre a Educação Física Competitivista, o próprio nome já diz, seu foco estava nas competições, na superação individual como valor fundamental. A Educação Física voltava-se para o culto do atleta herói, ficando reduzida ao desporto de alto nível, excluindo os que não alcançavam o pódio. Como a Educação Física Militarista, a Educação Física Competitivista também estava a serviço de uma hierarquização da competição e da superação individual como valores fundamentais e desejados pela sociedade moderna.

Por fim, Guiraldelli Jr (2003) cita a Educação Física Popular. Essa tendência, diferente das demais, ocorreu à margem da Educação Física escolar e estava relacionada, antes de tudo, à ludicidade e à cooperação. Nela, o desporto, a dança, a ginástica e as demais atividades assumiam um papel de promotores da organização e mobilização dos trabalhadores. E mais que isso, a Educação Física servia então aos interesses daquilo que os trabalhadores historicamente chamam de “solidariedade operária”.

A Educação Física Popular não se pretendia “educativa”, no sentido em que tal palavra é usada pelas demais concepções. Ela entendia que a educação dos trabalhadores estava intimamente ligada ao movimento de organização das classes populares para o embate na prática social, ou seja, para o confronto cotidiano imposto pela luta de classes. Desenvolveu-se, especialmente, nos sindicatos e organizações dos trabalhadores, inicialmente entre os trabalhadores das indústrias, no início do século XX (GUIRALDELLI, 2003, p.19).

As práticas pedagógicas da Educação Física foram, na sua origem, como a Educação Profissionalizante, pensada e posta em ação sob os interesses da classe social hegemônica, ou seja, a classe social que dirigia política, intelectual e moralmente a nova sociedade (SOARES & COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Bracht (2001) acredita que com o fim da ditadura militar e o retorno das orientações das políticas educacionais da educação para as mãos dos educadores, era provável que a presença da Educação Física fosse questionada nos currículos escolares.

Uma vez que perdia o apoio oficial, a Educação Física seria certamente instalada a mobilizar forças para justificar sua existência nos currículos escolares, ou seja, à medida que sua inclusão no projeto hegemônico de educação foi desalojada do poder, teria que se concretizar como componente importante nos projetos educacionais na discussão da nova LDB nº 9.394/96, baseada no princípio do direito universal à educação para todos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que define e regulariza o sistema de educação com base nos princípios presentes na Constituição, prevista pela Constituição de 1934 foi publicada em 20 de dezembro de 1961, seguida por uma versão em, publicada 11 de agosto de 1971, vigorando até a promulgação da mais recente em 1996, a qual teve várias atualizações em sua redação.

Na primeira LDB 4024/61, a prática da Educação Física era obrigatória nos cursos primário e médio, até a idade de 18 anos. Na LDB 5692/71, criada durante o regime militar,

também tinha a obrigatoriedade da Educação Física nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus.

A Educação Física na década de 80, ao cumprir o papel definido pelo sistema político implantado pela ditadura militar, acabou por negligenciar a reflexão sobre sua necessidade no contexto de uma pedagogia crítica e ficou ameaçada de simples supressão, precisando de uma reação. Esse pode ser um dos motivos que levaram a Educação Física a continuar a ser definida na LDB nº 9394/96 como componente obrigatório, ficando em dúvida a sua verdadeira importância educacional.

Art.26

§ 3º A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e as condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.

Bracht (2001, p.68), analisando a LDB nº 9.394/96, questiona se “o texto legal reflete um consenso mínimo, um reconhecimento público de sua importância educacional, ou, então, se ela efetivamente possui um lugar, seja num projeto conservador, seja num projeto progressista de educação para o Brasil.”.

Através desses questionamentos, na década de 80, iniciou-se uma crise de identidade da Educação Física. Tentou-se encontrar e construir elementos fundamentais para justificar sua existência no currículo escolar, pois, com o tempo e com as mudanças políticas educacionais, os elementos que sustentaram a Educação Física, como a questão médica, por exemplo, que visava à saúde, ao corpo como máquina, deixaram de ser os alicerces de sustentação da Educação Física.

Para Cupolillo (2007), essas discussões se tornaram relevantes e preocupantes, pois, a partir da crise e dos inúmeras publicações na área, buscou-se romper com a concepção cerrada que relacionava Educação Física ao campo biológico e ao da aptidão física.

No caso da visão médica, a aptidão física é cada vez menos importante para a produtividade no trabalho, principalmente com o desenvolvimento tecnológico.

De acordo com Bracht (2001, p.73), “o corpo na sua dimensão biológica, tem sido cada vez mais afastado da atividade produtiva, sendo substituído com vantagens pela máquina, na maioria das vezes mais precisa e menos suscetível a erros.”

Cupolillo, (2007, p.34), ao citar o conceito de corpo, utilizado prioritariamente pela Educação Física desde a sua origem no sentido biológico, usa a definição como sendo “[...] um conjunto de ossos, músculos e órgãos que, ao interagirem, cumprem funções orgânicas e permitem o funcionamento das engrenagens corporais [...]”. Segundo a autora, essa é a definição “mais usada ao longo da história pela Educação Física brasileira”, fortalecendo a relação de corpo máquina.

Essa comparação corpo máquina, para Cupolillo (2007), justifica a compreensão da visão restrita e simplificadora que predominou na história da Educação Física, pois, como afirma a autora:

Tal pensamento reforçou a idéia de que o corpo era um objeto a ser estudado, manipulado e treinado com vistas a que se obtivesse o máximo de eficácia em seus movimentos internos e externos. E o menor erro, ou seja, o desequilíbrio é entendido como gerador de anomalias e doenças e como ameaça ao bom funcionamento do corpo, devendo ser prontamente corrigido (CUPOLILLO, 2007, p.36).

Tal pensamento, presente em praticamente todas as tendências da Educação Física, foi perdendo força e significância. E, de acordo com Bracht (2001), a queda dos alicerces que sustentavam a Educação Física nos currículos nas escolas, e que influenciaram para a crise dessa disciplina, foi resultado de mudanças políticas pedagógicas e governamentais, como:

- o termo saúde torna-se um tema transversal nas escolas, perdendo o caráter do corpo biológico e sendo tratado também por outras disciplinas como filosofia e sociologia;
- o deslocamento da responsabilidade da saúde e da educação para iniciativas privadas, apesar de constarem também na agenda estatal, como exemplo, as academias e os clubes, onde as pessoas procuram para satisfazer suas necessidades em termos de atividades físicas.
- a questão do trabalho hoje, vem acompanhada do lazer, que é o prazer, a hora de recompensa nos tempos livres ajudando na formação da identidade das pessoas juntamente com o trabalho. A Educação Física não mais educa para o trabalho, não tem a função de criar e manter um corpo máquina para aguentar e superar as rotinas do trabalho;
- a tendência que visava ao esporte, com o tempo perdeu o conceito de que esporte é saúde, o esporte de alto rendimento não é fator de promoção da saúde, e sim se tornou um problema de saúde, pois seu objetivo é o de superar o limite do corpo, para atingir resultados cada vez melhores, afetando a Educação Física nas escolas que se sustentavam a partir do trinômio esporte-educação-saúde.

Segundo o autor, em parte, essas mudanças são responsáveis pela perda da importância da Educação Física nos currículos escolares. Com o avanço da tecnologia, Bracht (2001, p.75) analisa:

O neotecnicismo do projeto liberal-burguês enfatiza de forma pragmática a preparação para o trabalho. Se esse neotecnicismo tem como foco as novas tecnologias de trabalho e a flexibilização das relações de trabalho que exigem um sujeito que se adapte rapidamente às novas exigências tecnológicas e às relações de trabalho, que são capacidades fundamentalmente de caráter intelectual, por que desperdiçar tempo com educação Física no currículo oficial básico? É muito mais vantajoso oferecer as práticas corporais como serviços pelas escolinhas em um horário extra, como opção de consumo.

Esse consumo da indústria do lazer, do tempo livre ou divertimento é a indústria que mais cresce no mundo. E os indivíduos são cada vez mais identificados pelo que eles fazem nesse tempo livre, influenciando em sua formação integral e formando sua identidade como cidadão.

Dentro dessa perspectiva, e de acordo com Bracht (2001, p.76), “[...] cabe à Educação Física a responsabilidade de introduzir os indivíduos no universo da cultura corporal e orientá-los para que eles possam agir de forma autônoma e crítica”.

Betti trata esse novo conceito como sendo uma abordagem sistêmica que tem como base a área da Sociologia e da Filosofia e, em menor grau, da psicologia. A abordagem sistêmica tem a finalidade de transformação social e como temática principal, a cultura corporal. Segundo Betti (1992, p.285), a finalidade da Educação Física na escola é “integrar e introduzir o aluno de 1º e 2º graus no mundo da cultura física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física (o jogo, o esporte, a dança, a ginástica)”.

Para que essa tendência se fundamente, é preciso ter variedade nos conteúdos e que atinjam a todos, tendo com estratégia e metodologia a não-exclusão e a diversidade nos

planejamentos dos professores de Educação Física, levando o aluno a ter uma consciência corporal, que, segundo Castellani (2007, p.20) é:

A compreensão a respeito dos signos tatuados em seu corpo pelos aspectos sócio-culturais de momentos históricos determinados. É fazê-lo sabedor de que seu corpo sempre estará expressando o discurso hegemônico de uma época e que a compreensão do significado desse “discurso”, bem como de seus determinantes, é condição para que ele possa vir a participar do processo de construção do seu tempo e, por conseguinte, da elaboração dos signos a serem gravados em seu corpo.

De acordo com Cupolillo (2007, p.182), nunca podemos esquecer que “cada sujeito possui sua própria e única história de vida, construída numa coletividade histórica, social e cultural comum a muitos outros; porém, sempre garantindo a unicidade própria de sua exclusiva existência.”

Em relação à disciplina de Educação Física numa instituição profissionalizante, Mendes (2005) diz que o objetivo da Educação Física escolar no ensino profissionalizante é:

[...] desenvolver nos alunos as suas múltiplas capacidades, através de conteúdos diversificados, levando-se em consideração a possibilidade de utilizarem esses conhecimentos construídos nessa disciplina, na sua formação profissional e no seu projeto de vida (MENDES, 2005, p.42).

O autor também leva em consideração que a Educação Física pode contribuir eventualmente com várias áreas de estudo, mas não sendo esse o seu objetivo, essa disciplina deverá tomar cuidado para não se tornar unicamente apoio para o aprendizado de outras disciplinas (MENDES, 2005).

Gariglio (1997) dá ênfase ao cunho social de uma escola profissionalizante, ou seja, a integração através de eventos sociais ligados à disciplina de Educação Física, afirmando ser uma característica responsável pelo motivo da Educação Física conseguir uma posição privilegiada em instituição de formação profissional. Isso decorre da sua associação ao desenvolvimento do processo de socialização dos alunos, ou seja:

Sendo suas atividades de caráter mais coletivo, grupal e cooperativo, a disciplina desenvolve habilidades de relacionamento social, diferentemente do individualismo desenvolvido pelas formas de trabalho adotadas pelas disciplinas acadêmicas (GARIGLIO, 1997, p.244).

Segundo Gariglio (1997), o ensino técnico é um ensino que valoriza o trabalho em equipe, trabalho esse desenvolvido nas aulas de Ed. Física, como exemplo no caso dos jogos, existindo uma correspondência entre a didática ou a prática pedagógica desenvolvida no ensino técnico.

Outra relação da Educação Física com a Educação profissional levada em consideração por Gariglio (1997) é o corpo. Segundo o autor, não é possível o aprendizado do conhecimento técnico sem a participação da totalidade do corpo, sobre isso afirma que:

A maior preocupação com o corpo nesta escola é evidenciada, primeiro por uma participação corporal efetiva e essencial nos processos de aprendizagens dos saberes técnico e, portanto, das profissões. Sem a participação da totalidade do corpo e de seus movimentos, não seria possível a apreensão do conhecimento técnico. Assim, enquanto veículo das aprendizagens profissionais na área industrial, o corpo é objeto de preocupação e cuidado, e dessa forma, seu desenvolvimento e aprimoramento ocupam nesse ambiente um lugar de maior destaque (GARIGLIO, 1997, p.243).

E nas escolas profissionalizantes, na área agropecuária, existem vários tempos e espaços em que se podem trabalhar o corpo em sua totalidade, oferecendo conhecimentos para uma formação integral do aluno, tanto nas disciplinas técnicas, como Agricultura e Zootecnia, como nas propedêuticas da Educação Básica. Já que a Educação Física está inserida na organização curricular dos Institutos Federais, o que torna obrigatória nas escolas profissionalizantes.

5. A EDUCAÇÃO FÍSICA NOS TEMPOS E ESPAÇOS DO IFES - CAMPUS ITAPINA: PERCALÇOS E POSSIBILIDADES¹⁶

5.1. Educação Física – Atividade ocupacional

Ao ser realizado o primeiro exame de seleção para admissão de alunos no Ifes – Campus Itapina em 1956, ano de inauguração, foi formada a primeira turma da escola no curso de Iniciação Agrícola (PAULI, 2001).

A organização curricular desse curso seguia as orientações das Leis Orgânicas do Ensino determinadas pelo Estado Novo, e, assim, o ensino secundário estava separado em dois ciclos: o primeiro ciclo – Ginásial – com duração de quatro séries anuais e o segundo – colegial – subdividido em curso Científico, ambos com três séries anuais (MARQUES, 2005).

Na organização curricular do curso de iniciação agrícola, as disciplinas abordadas eram divididas em dois grupos: cultura geral, com as disciplinas de Português, Francês, Ciências Naturais, Geografia, História Geral e Matemática; e a Cultura Técnica com as disciplinas de Agricultura, Desenho e Criação de Animais Domésticos. As atividades didático-pedagógicas eram teóricas e práticas. As atividades práticas desenvolvidas no campo abrangiam Agricultura, Zootecnia, Indústrias Rurais e Mecânica Agrícola (Anexo 3).

Nessa organização, apesar de as obras da escola abrangerem um campo de futebol, segundo relato do Profº Olindino Pauli (2001), não havia a disciplina de Educação Física. As atividades relacionadas à Educação Física aconteciam sob a forma de recreação, com objetivo de ocupar os alunos em regime de internato nos seus horários livres.

As terraplanagens para a usina hidroelétrica, casa, campo de futebol, foram feitas com um trator TD-6 de esteira. A energia, naquele tempo, era produzida por um conjunto eletro-diesel (PAULI, memo, 2001, p.01).

No Brasil a disciplina de Educação Física já aparece nas escolas de ensino básico, sendo destacada pela primeira vez na Constituição Brasileira em 1937, através de artigo 131, consolidando-se através da ginástica e do esporte, que eram as atividades desenvolvidas nas escolas do Brasil desde o final do século XIX.

Art. 131.

A Educação Física, o ensino cívico e os trabalhos manuais serão obrigatórios em todas as escolas primárias e secundárias, não podendo nenhuma escola de qualquer um desses graus serem autorizadas ou reconhecidas sem que satisfaça aquela exigência.

No ensino agrícola, em 1942, a Educação Física tornou-se obrigatória, como prática educativa, somente através do Decreto-Lei nº. 4.244 de 09 de abril, artigo 19, que regia:

Art.19.

A Educação Física constituirá, nos estabelecimentos de ensino secundário, uma prática educativa obrigatória para todos os alunos até a idade de vinte e um anos. Essa exigência se estende também ao ensino industrial, comercial e agrícola.

¹⁶ As informações obtidas nesse item foram adquiridas nas entrevistas e através dos dados coletados nos setores administrativos do Ifes – Campus Itapina.

Com uma nova redação em 1945, dada a alguns artigos do Decreto-Lei nº. 4.244/42, com o Decreto-Lei nº. 8.347 de 10 de dezembro de 1945, relacionado ao ensino básico da época, a Educação Física permanece em caráter obrigatório, sendo suprimida a indicação do que tipo de estabelecimento de ensino que ela deveria ser aplicada. Essa nova redação fez com que, na organização curricular do Ifes – Campus Itapina, em 1956, a Educação Física não fosse incluída.

Art.19

A Educação Física constituirá uma prática educativa obrigatória para todos os alunos do curso diurno, até a idade de vinte e um anos.

As atividades recreativas relacionadas à Educação Física aplicadas no Ifes – Campus Itapina, no período de 1956 a 1970, eram orientadas pelos professores das outras disciplinas obrigatórias da organização curricular, que normalmente se identificavam com a Educação Física e gostavam de esporte.

Essas atividades aconteciam nos finais de semana e, das 16h às 21h, com intervalo para o jantar. O material didático para essas atividades era escasso, constando apenas de duas bolas para as modalidades de futebol de campo e uma de voleibol, adquiridas juntamente com todo material de consumo¹⁷. Não havia planejamento nem orçamento específico para compra de material esportivo.

Para realizar essas atividades, além do campo de futebol, naquele período, sem data precisa, os professores, utilizando a mão-de-obra da escola (pedreiro e marceneiro) juntamente com os alunos, construíram uma quadra com piso de terra contornada com paralelepípedo e postes de madeira próximo aos alojamentos, para a prática do voleibol.

Nos finais de semana, a escola participava de eventos esportivos organizados pelas comunidades vizinhas¹⁸. Normalmente esses eventos abrangiam campeonatos de futebol de campo dos quais recebiam, pela participação, a premiação de troféus. O time da escola era composto por alunos, servidores da escola e parentes dos servidores. O objetivo desses eventos priorizava a integração de toda comunidade escolar.

Nesse período (1956 a 1961), a Educação Física não era obrigatória, mas sua presença era importante, pois tinha o objetivo de ocupar os alunos, para que não ficassem ociosos, evitando seu envolvimento em atos que poderiam deteriorar sua saúde e sua moral, comprometendo a vivência no coletivo.

Essa preocupação com a boa convivência no coletivo se expressava no comportamento dos diretores do Ifes – Campus Itapina. Os alunos, em sua maioria, eram e até hoje são menores de idade procedentes de vários lugares e culturas. Em regime de internato, ficavam e ainda ficam afastados de suas famílias, sob a responsabilidade dos dirigentes do Instituto, os quais veem na Educação Física uma disciplina que pode atuar positivamente no comportamento e na conduta dos alunos, disciplinando-os para que não se envolvam em ações como brigas e uso de drogas.

Diretor 'A': Ela disciplina bem o aluno, é um fator disciplinador do aluno. O aluno se sente, assim, acompanhado naqueles momentos. Quando ele fica solto, e normalmente se não estivesse fazendo Educação Física, estudando também não estaria. A Educação Física é um fator que ajudava no controle disciplinar.

Ao incluir essas atividades esportivas, os dirigentes tinham o objetivo de reeducar os

¹⁷ O material de consumo é todo material necessário ao funcionamento de uma instituição de ensino como: giz, livros, carteiras, quadros, alimentos, material de limpeza, etc.

¹⁸ Pequenos vilarejos, localizados próximos à região da escola.

alunos, tornando-os um grupo dócil, condicionando-os a hábitos para uma vida higienizada e moralmente sadia. O que nos remete ao objetivo de quando as escolas agrícolas foram implantadas no Brasil, que, segundo Nascimento (2004, p.85), “[...] eram destinadas a meninos desvalidos, do ponto de vista moral, intelectual e físico.[...] O ensino das noções de agricultura era tido à época como uma alternativa para a formação desse tipo de menor”.

5.2. Práticas de Educação Física

A partir do ano de 1962, baseada na Lei nº 4024/61, a primeira Lei de Diretrizes e Bases para a Educação no Brasil, que versava sobre todos os níveis de ensino e tinha validade em todo território nacional, a Educação Física torna-se obrigatória no Ifes – Campus Itapina. Ela passa integrar a organização curricular como práticas educativas juntamente com APO, que são aulas práticas do curso técnico orientadas pelos professores da área (Anexo 4).

Com a Lei nº 4024/61, o sistema de ensino no Brasil passa a se organizar em 3 graus: primário, médio e superior. O ensino técnico, de grau médio, funcionava como cursos industrial, agrícola e comercial. A escola passou a lecionar o curso Ginásial Agrícola, com duração de quatro anos, habilitando o formando em Mestre Agrícola (MARQUES, 2005).

A Educação Física no curso Ginásial Agrícola era ministrada como prática educativa nos quatro anos, sendo acrescida, no 3º ano, de noções de enfermagem e higiene. Essa prática durou 10 anos. Nessas práticas de Educação Física predominava a tendência higienista com objetivo de disciplinar os hábitos dos alunos visando a sua saúde. A preocupação central da tendência higienista é com os hábitos de higiene e saúde, “valorizando o desenvolvimento do físico e da moral, a partir do exercício” (DARIDO, 2003, p.1).

Havia, também, nesse período, nas práticas de Educação Física no Ifes – Campus Itapina, uma forte tendência militarista, devido à formação dos professores que atuaram nessas práticas, pois, a pedido do diretor da época, foi convidado um cabo da polícia militar de Colatina, o qual atuou nos anos de 1962 a 1968. De 1969 a 1970 a matéria foi ministrada por “um rapaz” recém saído do Tiro de Guerra¹⁹.

Diretor ‘A’: Quando eu cheguei lá, lá em 65, não tinha professor de Educação Física. O professor de Educação Física era um cabo da polícia militar. [...] E dava aula de Educação Física. Mas a aula de Educação Física dele, simplesmente porque era militar, botava os alunos em fila e saía rodando pela mata afora. [...] Saía andando, rodando pela mata, levava lá pela represa e vinha embora, até chegar na escola. Dava aquela volta, demorava uns 40 minutos e pronto, acabou.

As práticas orientadas por esses dois professores eram rígidas e visavam à formação do cidadão-soldado, “capaz de obedecer cegamente e de servir de exemplo para o restante da juventude pela sua bravura e coragem” (GUIRALDELLI JR, 2003, p.18). Nelas predominavam as corridas e os exercícios localizados como o treinamento preparatório dos policiais. A carga de exercícios, segundo relato do professor ‘A’, era muito grande para a idade e capacidade dos alunos da escola, podendo acarretar problemas físicos, causados muitas vezes pela falta de uma orientação profissional especializada. A Educação Física era considerada uma disciplina essencialmente prática, não necessitando, portanto, de uma fundamentação teórica que lhe desse suporte, não havendo distinção evidente entre a Educação Física e a instrução física militar (DARIDO, 2003).

¹⁹ O Tiro de Guerra conhecido com TG é uma instituição militar do Exército Brasileiro encarregada de formar reservistas para o exército.

Professor 'A': Fui convidado para trabalhar na escola porque não havia pessoas com capacitação na área. Os professores eram leigos. Primeiro: o Policial militar. Depois, um rapaz que tinha feito tiro de guerra. Acho que era um discípulo do Policial. Eles não tinham formação nenhuma. Eles queriam que os alunos fizessem a mesma quantidade de abdominais que eles. Eles davam uma carga muito grande de exercícios para a faixa etária dos alunos.

O horário das práticas de Educação Física estipulado pelo professor militar era de 5h30min às 6h30min, antes das atividades diárias dos alunos, com o intuito de garantir mais disposição para os as atividades diárias, ou seja, os estudos²⁰.

Os horários após as aulas (16h às 21h) eram utilizados para as atividades recreativas e treinamentos de equipes que participavam de eventos extraescolar, incluindo o JEC - Jogos Escolares de Colatina. Os treinamentos esportivos ainda eram realizados com o apoio dos professores das outras disciplinas, como o professor de português que treinava a modalidade de voleibol, o que para a instituição era um benefício, pois aumentava a possibilidade de aproximação e integração do docente com o discente dentro de vários cotidianos escolares, contribuindo para a formação do aluno.

O Diretor 'D', também ex-aluno (1978 - 1980), relata que, na época em que estudou no Ifes – Campus Itapina, esse professor de Português²¹, toda vez que algum atleta fazia uso da pronúncia errada das frases durante um jogo, parava o jogo e dava ponto para o adversário. Será essa uma forma multidisciplinar de entendimento desse professor para complementar a formação do aluno? Seja qual a intenção do professor, o Diretor 'D' relata que alguns alunos tiravam muitas de suas dúvidas da pronúncia correta nos treinos de voleibol.

5.3. Educação Física – Disciplina curricular

Em 1971, com a Lei nº 5.692/71, o ensino passa a ser denominado de 1º e 2º graus. O ensino primário era correspondente ao ensino de primeiro grau, e o ensino médio, o de segundo grau com três anos. A partir dessa lei foi extinto, no Ifes – Campus Itapina, o curso de Ginásio Agrícola, passando a vigorar o ensino de 2º grau, destinado à formação integral do adolescente, ou seja, o Curso Técnico em Agropecuária em nível de 2º grau.

A Lei nº 5.692/71, art. 7º, torna obrigatória a inclusão da Educação Física nos currículos de 1ª e 2º graus, tornando-a parte da organização curricular no Ifes – Campus Itapina (Anexo 5). Com a obrigatoriedade no currículo, em 1971, a escola contratou um professor formado em Educação Física capacitado para educação infantil. Fato que nos remete a reconhecer a enorme escassez de profissionais na região para atuarem no ensino médio na época. O primeiro professor com formação em Licenciatura Plena em Educação Física a atuar no Ifes – Campus Itapina foi contratado só em 1980, 24 anos após sua fundação.

O professor 'A' era o único professor da disciplina de Educação Física no período de 1971 a 1980. Ele ministrava três aulas semanais para casa série, de acordo com o que versava o Decreto Federal nº 69.450/71. Esse decreto, já revogado, regulamentava padrões na adequação curricular dos estabelecimentos para que os objetivos das aulas de Educação Física fossem realizados.

²⁰ O horário pela manhã, segundo estudos na área de fisiologia (SBERCI, 2009) é o melhor horário do dia para praticar exercícios, pois o corpo está descansado, portanto não sobrecarregado com o estresse do dia-a-dia, que diminui a disposição para a prática de exercícios.

²¹ Esse Professor de Português atuou como treinador da modalidade de voleibol vários anos. No período de 1967 a 1979. Essa atividade de treinador era somente nos períodos próximos aos jogos e não foi frequente em todos os anos desse período.

Art.5º.

Os padrões de referência para orientação das normas regimentais da adequação curricular dos estabelecimentos, bem como para o alcance efetivo dos objetivos da Educação Física, desportiva e recreativa são situados em:

I – Quanto à seqüência e distribuição semanal, três sessões no ensino primário e no médio, e duas sessões no ensino superior, evitando-se concentração de atividades em um só dia ou em dias consecutivos.

II – Quanto ao tempo disponível para cada sessão, 50 minutos, não incluindo o período destinado à preparação dos alunos para as atividades.

III – Quanto à composição das turmas, 50 alunos do mesmo sexo, preferencialmente selecionados por nível de aptidão física.

(DF 69.450/71, título IV, cap. I).

Mesmo as aulas tornando-se obrigatórias na organização curricular no Ifes – Campus Itapina, elas continuaram sendo realizadas nos horários livres dos alunos, ou seja, em ponta do horário, nos extremos, o que acarretava insatisfação por parte do professor, sentindo-se inferiorizado às demais disciplinas.

Professor ‘A’: Porque eles viam a Educação Física como uma atividade extraclasse. Eles consideravam um lazer. Não consideravam como uma disciplina, ou, então, como uma disciplina de baixo escalão, secundária, terciária. Só podia ocorrer em ponta de horário.

Esse tratamento diferenciado em relação às demais disciplinas no Ifes – Campus Itapina justifica-se pelo Decreto Federal nº 69.450/71, que orientava o tempo de 50 minutos em dias consecutivos, não incluindo o tempo destinado à preparação para as aulas. Como o período de cada turno era dividido em quatro tempos de 50 minutos, para quatro aulas diárias, ficava inviável o preparo para as aulas sem que prejudicasse o horário (COLETIVOS DE AUTORES, 1992).

Esses horários fora do período regular também incluíam o horário de 5h30min às 6h30min da manhã, acarretando reclamação dos alunos por terem que acordar cedo para as aulas, antes mesmo do café da manhã ser servido, às 6h.

Professor ‘A’: Fora do horário das 7h às 16h, que era o horário das aulas. Eu dava das 5h30m até as 6h30m e das 16h às 17h. Juntava quatro turmas. Ia lá ao alojamento e apitava duas vezes. Quando chegava ao campo dava um terceiro apito e todos já estavam lá perfilados, reclamando muito, mas perfilados. Uns reclamavam que queriam tomar café da manhã. Era um total de 120 alunos. Quando dava, por causa do horário, eram três aulas semanais, dependia da turma. Eu sempre brigava por três aulas semanais.

Os horários não eram suficientes para ministrar três aulas para todas as turmas, gerando turmas grandes, ficando com 80 a 100 alunos por vez. E apesar de a escola adquirir mais materiais didáticos, estes não eram suficientes para atender à grande quantidade de alunos, dificultando o trabalho do professor, que tinha que administrar todos dentro do período de uma hora. Sendo uma necessidade, suprimida, de utilizar as horas do horário regular da escola.

Para resolver o problema de turmas grandes, o professor ‘A’ utilizou sistema de monitores, o mesmo utilizado no APO das disciplinas da área técnica. Esses monitores eram alunos pertencentes à própria turma, orientados pelo professor, para ajudar nas aulas, para que todos os alunos pudessem receber orientações adequadas referentes aos conteúdos ministrados.

Professor 'A': "Era só eu que dava aula. Como eram muitas turmas, e eu trabalhava com monitores [...] Eu trabalhava com condicionamento físico, ginástica, exercícios localizados. Colocava as turmas em grupos e monitorados por alunos treinados por mim para serem monitores. E cada grupo fazia os exercícios e depois trabalhavam os fundamentos dos esportes. E no final, quando dava tempo, eles praticavam o desporto.

Esse sistema de monitores também foi utilizado nos treinamentos esportivos e nos horários de lazer, auxiliando na entrega e controle do material esportivo e na da área esportiva. Os alunos monitores tinham o privilégio de entrar no restaurante da escola sem precisar frequentar a fila, que era uma prática de controle do restaurante, dividida por série.

Nesse período, a Educação Física no Brasil já havia sofrido influências das tendências Pedagogista e Competitivista. Estudiosos como Brach, Soares, Castellani estavam discutindo uma Educação Física escolar que tratava da formação integral do aluno. Mas nas aulas de Educação Física do Ifes – Campus Itapina ainda predominava a tendência Militarista, que visava à disciplina e o treinamento da aptidão física.

Apesar de o Brasil já ter passado por uma tendência - Pedagogista - que tinha como concepção a de encarar a Educação Física não como uma prática capaz de promover saúde ou de disciplinar a juventude, mas como uma prática educativa, a influência militarista na Educação Física brasileira ainda era um componente forte e constante. Não houve o abandono na prática de uma Educação Física comprometida com uma educação sob parâmetros militaristas (GUIRALDELLI JR, 2003).

Professor 'A': Meus objetivos eram de disciplinar os alunos, mas também a conscientização do corpo, o preparo do corpo com exercícios físicos.

Apesar de Professor 'A' acreditar que a escola não dava importância à Educação Física por causa do horário das aulas, foi nesse período que se iniciou o processo de evolução dessa disciplina. Ao tornar-se uma disciplina da organização curricular, o professor de Educação Física passou a participar dos conselhos de classe com direito a análise e votação para a promoção dos alunos dentro do processo de avaliação com notas e frequência.

Em relação ao material didático e à infraestrutura desse período, passou-se a ter orçamento específico, sendo realizada a aquisição dos primeiros jogos de salão (ping-pong, xadrez, dominó, dama), mais material didático (bolas, cordas e redes) e construída a primeira quadra poliesportiva do Ifes – Campus Itapina, possibilitando variedade no conteúdo curricular.

Essa evolução também foi decorrente do interesse e apoio dado pela direção da escola, que acreditava que a disciplina pudesse servir como meio de controle dos alunos no regime de internato, disciplinando-os e ocupando-os. Com esse objetivo, também foi construído um salão de jogos na área esportiva, gerenciado pelo professor e monitorado pelo Grêmio Estudantil. Nesse salão também funcionava uma cantina do Grêmio Estudantil. Era de livre acesso aos alunos, permitindo que eles pudessem praticar atividades de recreação nos horários livres.

A escola, a partir de 1978, passa também a apoiar a participação dos alunos em jogos com o objetivo de promover a escola dentro do município de Colatina. Baseada na ideologia governamental militar de 1964, que investia no esporte na tentativa de fazer da Educação Física um sustentáculo ideológico, promovendo o país através do êxito em competições de alto nível (DARIDO, 2003).

A influência do esporte no sistema educacional da escola ficou mais forte. O esporte passou ser o objetivo e o conteúdo da Educação Física escolar, criando uma nova relação, a de professor treinador.

5.4. A Evolução da Educação Física através do Esporte

Em 1981 o professor 'A' foi designado a exercer a função de Coordenador de Internato. Em 15/03/1983, passou a dirigir a Coordenadoria de Orientação Educacional, tornando-se Diretor de Atendimento ao Educando, conforme DEC. Nº 95.689 de 29/01/88, publicada no D.O.U de 01/02/1988 e portaria ministerial nº 474 de 26/08/87, publicado no D.O.U. de 26/08/1987, com efeitos a partir de 01/04/87. O professor 'A' permaneceu nesse cargo até se aposentar em 1993.

Em 01 de março de 1980, foi contratado no Ifes – Campus Itapina, o primeiro professor com formação em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo, através da portaria nº 157 de 06/04/1980, publicado no BP nº 05, 14/03/1980, para atuar no ensino de segundo grau.

Em função de sua qualificação para atuar em nível de 2º grau, esse professor ficou responsável por todas as aulas de Educação Física e também pelos treinamentos de todas as modalidades esportivas. Após 1984, com o ingresso de outro professor de Educação Física, com formação em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo, a carga horária das turmas foi equacionada entre dois professores.

Em 1991, foi transferido para o Ifes – Campus Itapina um funcionário na função de Técnico em Assuntos Educacionais, com formação de Licenciatura em Educação Física da Escola Técnica de Rondônia, quando o estado de Rondônia deixou de ser Território e passou a ser Estado. Esse funcionário auxiliava na área de Educação Física sendo treinador de Atletismo e atuando também como Chefe do Setor de Esporte e Lazer²² da escola. Esse profissional não era concursado para professor, portanto não lhe era permitido ministrar aulas de Educação Física. Somente podiam dar aula na escola pessoas concursadas ou contratadas para a função de professor.

O professor 'B' e o professor 'C' ficaram por um período de 09 anos dividindo as turmas e os treinamentos. No ano de 1993, entrou o professor 'D', que trabalhou na escola até 1995 quando foi transferido para o Cefetes – Jucutuquara, hoje Ifes – Campus Vitória. Em 1994 o professor 'B' pediu transferência para a antiga Uned - Colatina, hoje Ifes – Campus Colatina.

E em 1995 e 1996 foram efetivados o professor 'E' e o professor 'F', respectivamente, completando o quadro de professores de Educação Física do Ifes– Campus Itapina (Tabela 1).

Quase todos os professores efetivos do Ifes – Campus Itapina se formaram em Educação Física no período do regime militar, exceto o professor 'F', que se formou em 1992. No período do regime militar o que predominava na Educação Física era a tendência competitivista.

De 1985 a 1993, mesmo com o aumento do número de professores e divisão das aulas e dos treinamentos, o horário não satisfazia os professores, pois a escola tinha 12 turmas, com três aulas semanais, totalizando 36 aulas semanais.

²² Nas Escolas Agrotécnicas existe a função de Coordenador de Esporte e Lazer, ligada à Coordenadoria de Atendimento ao Educando. Essa função é para coordenar todas as atividades relacionadas aos treinamentos esportivos e as atividades recreativas nos horários livres. Todos os professores de Educação Física que atuaram no Ifes – Campus Itapina foram Coordenadores de Esporte e Lazer. Nem sempre essa coordenadoria existiu. Depende do organograma da Gestão.

Tabela 1: Período de atuação dos professores de Educação Física no Ifes - Campus Itapina

Professor	Ano de Ingresso no Ifes - Campus Itapina	Ano que saiu do Ifes - Campus Itapina
Professor Policial Militar ²³	1962	1968
Professor do “Tiro de Guerra”	1969	1970
Professor ‘A’	1970	1993 (aposentadoria)
Professor ‘B’	1980	1994 (transferência)
Professor ‘C’	1984	
Professor ‘D’	1993	1995 (transferência)
Professor ‘E’	1995	
Professor ‘F’	1996	

Fonte: Setor de Recursos Humanos do Ifes – Campus Itapina

Sendo as aulas de Educação Física ministradas fora do horário regular, observa-se que eram poucas horas do dia e da semana que sobravam para a realização dessas aulas em todas as turmas da escola, juntamente com os treinamentos (Tabela 2).

Tabela 2: Horário individual do professor ‘C’, do ano de 1987.

HORÁRIO	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
16:00 às 17:00	1ª A, 1ª B 40 alunos cada Total: 80	2ª E, 2ª F, 30 alunos cada Total: 60	1ª A, 1ª B 40 alunos cada Total: 80	1ª A, 1ª B 40 alunos cada Total: 80	
17:00 às 18:00	2ª E, 2ª F, 30 alunos cada Total: 60	2ª G, 2ª H 30 alunos cada Total: 60	2ª G, 2ª H 30 alunos cada Total: 60	2ª E, 2ª F, 2ª G, 2ª H 30 alunos cada Total: 120	
18:00 às 19:00	Horário do jantar				
19:00 às 21:00	Treino de basquetebol	Treino de futsal	Treino de basquetebol	Treino de futsal	

Fonte: Coordenadoria Geral de Ensino do Ifes – Campus Itapina.

Com o passar dos anos, o horário de 5h30min da manhã foi descartado por ser um horário que modificava o andamento de outros setores da escola, como o refeitório (café da manhã) e também por causa do aumento dos alunos semi-internos, que não tinham como chegar a tempo para a aula, devido à locomoção. Não havia meios de transporte até a escola nesse horário. Este foi utilizado para as aulas até 1980, e para treinamentos até 1993.

²³ No setor de recursos Humanos não havia documentos comprobatórios dos dois primeiros professores, as informações foram retiradas das entrevistas.

Nas sextas-feiras não havia aula nos horários livres, pois os alunos eram dispensados às 15h30min para retornarem às suas residências e para passarem os finais de semana com as famílias. Fato que ocorre até os dias atuais. Muitos desses alunos ficavam na escola nos finais de semana durante vários meses por motivos financeiros. O deslocamento todo fim de semana gerava um ônus alto para a renda familiar.

Com isso, ficava a cargo dos professores de Educação Física a função de organizarem atividades recreativas ou desportivas para os finais de semana, com objetivo de recrear e ocupar os alunos. E a participação nessas atividades era obrigatória.

Durante a semana, para conseguir ministrar as três aulas para cada turma, a solução ainda era juntar as turmas, pois a distribuição dos horários livres, ou seja, de segunda a quinta de 16h às 21h, teria que ser para 36 aulas e mais 4 horas de treinamentos a cada modalidade esportiva (futebol de campo, futsal, voleibol, basquetebol, handebol). Totalizando em 56 horas, divididas em dois (no período de 1985 a 1993), precisariam de 28 tempos de aulas a cada professor para realizarem as aulas e os treinamentos separadamente.

Professor 'C': As aulas de Educação Física eram 36 aulas semanais, 12 turmas, eram três aulas por turma. Eu ficava com 18 aulas e outro professor com 18. A gente dava as três aulas, juntávamos o máximo de turmas possíveis para poderem ser trabalhadas de segunda a quinta-feira à tarde (16h às 18h), totalizando 8 horários disponíveis para as aulas. E os treinos eram feitos através de seletiva.

Esses horários eram preocupantes e rejeitados pelos professores, pois eram poucos para a quantidade de turmas e aulas, provocando, conseqüentemente, vários problemas, como a grande quantidade de turmas e alunos no mesmo horário, mais de 50 alunos, como decretava o D.F. nº 69.450/71; a evasão dos alunos das aulas de Educação Física, principalmente os semi-internos; aulas se transformando em recreação, ou seja, uma terapia ocupacional para os alunos; e o sentimento de desvalorização da disciplina, como se percebe no desabafo do professor 'B'.

Professor 'B': A EAF- Colatina não tinha um cuidado com os aspectos pedagógicos. Não tinha horário. Não tinha horário para desenvolvimento das atividades de Educação Física. Não tinha uma preocupação com a Educação Física. A maior preocupação deles era com a formação profissional dentro da área agropecuária. A Educação Física não era prioridade para a escola. Os horários eram colocados nos extremos, no horário que sobrava. Tínhamos lá, aula de Educação Física. Para um professor, 120 alunos. Então era impossível nós desenvolvermos qualquer plano de trabalho, utilizando as técnicas pedagógicas, e sim funcionava mais como lazer, como terapia ocupacional. Fazia parte da grade curricular, do currículo da escola, mas a escola não tinha o cuidado de colocar a Educação Física como uma disciplina como outra qualquer. Não era colocada dentro do horário regular das aulas, e sim nos extremos, justamente porque tinha a preocupação que a Educação Física atrapalhava o desenvolvimento das atividades pedagógicas tida como mais importante. Infelizmente esse era o pensamento.

A gestão estava consciente de que as aulas, sendo ministradas fora do horário regular, eram desfavoráveis para a disciplina de Educação Física. No entanto justificava-se pela insuficiência de professores para enquadrar a carga horária de todas as disciplinas da matriz ao horário.

Diretor 'A': "Eles fizeram a proposta. Eles insistiam muito com a Educação Física fora do horário. Mas aquilo pra nós não tinha jeito. Aliás, eles queriam dentro do horário. Mas não tinha jeito, não tínhamos professor suficiente, não tínhamos a

quantidade para fazer isso. Por que eles queriam isso? Pois eles ficariam com uma turma só, enquanto que tinham que dar aula pra duas ou três turmas juntas.”

Diretor ‘A’: “Hoje, por exemplo, pois eu de vez em quando eu passo lá. Eu vejo que as coisas mudaram demais, mudou muito e pra melhor. Hoje eu vejo vocês dando aula dentro do horário regular de aula, com as turmas certas pra cada um. Sem sobrecarregar pra ninguém.”

A não aceitação dos professores de Educação Física sempre esteve evidente. Eles pediam que se fizesse a inclusão das aulas nos horários, mas outras prioridades não permitiam que todas as aulas fossem dentro do horário. Prioridades como o número pequeno de professores para todas as disciplinas, dificultando a realização do horário, aumento da carga horária de outras disciplinas e inclusão de outras disciplinas como Redação, Informática e Língua Estrangeira (Anexo 6).

Vale ressaltar que a escola trabalha com 20 tempos de aula em cada período (matutino e vespertino), e que em determinadas grades a oferta de disciplina ultrapassa a quantidade de 20 aulas semanais, ficando sempre a Educação Física fora do horário regular.

Os horários de Educação Física eram distribuídos pelos próprios professores, dando a liberdade para juntarem as turmas da melhor maneira possível. Os planejamentos dessas aulas se tratavam de uma tarefa pedagógica obrigatória que tinham que realizar todo ano, no planejamento anual, referente ao ano seguinte. Mas em relação ao conteúdo didático-pedagógico eram “livres”, ou seja, eles que elaboravam os conteúdos que acreditavam ser necessários para a realidade da escola e dos alunos.

Professor ‘A’: O planejamento era livre, eu que escolhia o conteúdo que eu iria trabalhar e em que ordem eu seguiria esse planejamento que eu fazia. O meu planejamento era aplicado.

Professor ‘B’: Era uma tarefa burocrática para cumprir as obrigações didático-pedagógicas, mas na prática nós colocávamos um planejamento para favorecer as atividades dos alunos [...] procurando atendê-los da melhor maneira possível [...] Porque éramos prejudicados justamente porque não tínhamos horários adequados. (turmas muito grandes) [...] dávamos muita ênfase ao esporte normatizado pelas federações.

Professor ‘C’: [...] por volta de 1986, a gente começou a fazer o nosso próprio planejamento e viu que era melhor pra gente em termos de resultados de competição, nós passamos a ganhar tudo em Colatina nas competições, e a gente viu que era mais valorizado (por isso) e a gente passou a dar mais atenção para os treinamentos do que para as aulas. Fazíamos (os planejamentos) coletivamente, planejavamos juntos até 1986. Com os outros (professores) não. Planejavamos individualmente, mostrávamos uns aos outros, mas nunca sentávamos para planejar, só mostrávamos os planejamentos. E isso até hoje.

Os horários dos treinamentos poderiam ser utilizados para as aulas. No entanto o esporte era um fator prioritário na escola. A influência do esporte na escola era tão forte que se tornou o esporte na escola, ao invés do esporte da escola. Predominando a influência da tendência Competitivist, que se baseia nas referências do esporte de alto nível (DARIDO, 2003).

Ao discutir essa penetração do esporte na escola, por intermédio da Educação Física, Castellani, Soares, Bracht e outros, afirmam:

Essa influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos, então, não o esporte da escola, mas sim o esporte na escola. Isso indica a subordinação da Educação Física aos códigos/sentido da instituição esportiva, caracterizando-se o

esporte na escola como um prolongamento da instituição esportiva: esporte olímpico, sistema desportivo nacional e internacional. Esses códigos podem ser resumidos em: princípios de rendimento atlético/desportivo, competição, comparação de rendimento e recordes, regulamentação rígida, sucesso como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas, etc (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.54).

Um dos fatores que contribuiu para o esporte alcançar esse nível de prioridade no Ifes – Campus Itapina foi a formação dos dois primeiros professores de Educação Física que se capacitaram em pleno período do regime militar (1964 a 1985). Foi o Regime Militar que deu sustentação à Educação Física Competitivista, que tem como fundamento o desporto de alto nível (GUIRALDELLI JR, 2003). A formação desses profissionais se deu de maneira acrítica, com ênfase à formação esportiva ligada ao rendimento máximo e à seleção dos mais habilidosos.

Professor ‘C’: Nós nos voltamos pra parte esportiva para que tivéssemos mais tempo pra treinar para ganharmos as competições municipais e estaduais. Então passamos a dar mais ênfase para o esporte para todos os alunos.

O apoio da direção foi outro fator determinante para o esporte ser prioridade na Educação Física no Ifes – Campus Itapina. A direção via no esporte uma forma de promover a escola através do êxito em competições extraescolares, criando um clima de prosperidade e desenvolvimento.

Diretor ‘A’: Olha! Eu dava muito apoio à Educação Física, principalmente na parte esportiva da Educação Física. Eu não deixava faltar material. Nunca deixei faltar material. Foi época que cada aluno tinha uma bola no campo de futebol, cada aluno tinha uma bola de vôlei. Cada um tinha uma bola de basquete, cada um tinha tudo. Não tinha dardo, você não achava onde comprar um dardo. Eu consegui comprar um dardo em Vitória. A Escola Técnica me arrumou, porque tinha na escola, e aí vinha esse preparo para os jogos primaveris que prefeito de Colatina gostava de fazer e a gente tinha que participar e não poderia fazer feio, não é?

Diretor ‘B’. [...] Eu direcionei toda a minha dedicação para o esporte, para Educação Física por que eu achava que isso aí é uma coisa que desenvolve o intelecto dos meninos, dos professores. O esporte é uma coisa que chama as pessoas pra união. Isso aí que eu achava que era muito importante. E, depois, nossas quadras eram muito antigas, sem reforma. Aqueles alambrados, eu achava aquilo muito feio. Então eu reformei aquilo também. Fizemos a pista de atletismo, fizemos o campo society, reformamos a estrutura do campo profissional, todo em volta dele. Trocamos as traves e tudo, a iluminação do campo, o campo de bocha pra visitantes virem e ter como estar ali participando das atividades nossas, principalmente aos domingos. Acho que o investimento maior foi sair para as comunidades, sair jogar, principalmente nas comunidades. Dos jogos estudantis, o JEC – Jogos escolares de Colatina, nós participávamos sempre havia.[...] É. Mas sempre exigindo um planejamento e a disponibilidade do professor junto ao aluno. Isso que era importante.

A tendência Competitivista foi predominante durante a maior parte do período em que essa pesquisa focou a sua atenção, prevalecendo fortemente entre 1986 a 2001. No registro escolar nota-se que o esporte é um conteúdo presencial e prioritário nos diários, prevalecendo até os dias atuais. Nos registros dos diários de classe das 2ª e 3ª séries do ensino médio, foram observados que em todos os bimestres o conteúdo trabalhado eram as modalidades esportivas, seus fundamentos, seus sistemas de jogo (ataque e defesa) e o jogo propriamente dito, sob a

orientação do professor ou de forma recreativa. As modalidades esportivas trabalhadas são: voleibol, futebol de campo, handebol, basquetebol, jogos de areia e futsal.

Professor 'B' - As práticas pedagógicas eram o jogo esportivo, o futebol que era o maior interesse dos alunos e implantamos o voleibol, o handebol e o basquetebol. Depois o futebol society, foi quando construíram o campo society. Incluímos todas as modalidades esportivas

Professor 'C' - No início até 1986 eram voltados mais para parte física do aluno, exercícios físicos. Mais ou menos uma aula de 2 horas, trabalhando o corpo todo e depois fazíamos uma parte lúdica, para que o aluno saísse melhor do quando chegaram. E mais tarde nós nos voltamos pra parte esportiva para que tivéssemos mais tempo pra treinar e para ganharmos as competições municipais e estaduais. Então passamos a dar mais ênfase para o esporte para todos os alunos. E hoje estamos adotando a mesma prática de depois de 1986, mais atenção à parte esportiva. Trabalhamos corpo e mente dentro do esporte. A tendência esportiva é o que mais predomina na escola.

Nas turmas da 1º série nota-se a presença do atletismo como conteúdo do primeiro bimestre, quando são estudados os saltos, as corridas e os arremessos. E a partir de 2001, há inclusão da ecotrilha, uma trilha ecológica, ou seja, um caminho que os alunos percorrem na mata, demarcada pelo professor 'E', nos arredores da Instituição, com o objetivo de conscientizar os alunos a respeito da importância da preservação do meio ambiente à vida, através do esporte (Anexo 7). A proposta da trilha foi resultada dos estudos da dissertação de mestrado do professor 'E' sobre as trilhas ecológicas como ferramenta transversal para a aprendizagem das ciências usando a escola como laboratório. Essa trilha também é utilizada pelos professores de Geografia, Biologia e Sociologia para ministrarem seus conteúdos referentes ao meio ambiente.

No Ifes- Campus Itapina acontece todo ano a corrida rústica. É uma corrida de 7 km de distância, realizada na Br 259. A largada é no Bairro Columbia em Colatina, com a chegada em frente ao prédio pedagógico do Ifes – Campus Itapina. Esta corrida é realizada desde 1986, no dia 28 de abril, em comemoração ao aniversário da escola. Participam da corrida os alunos e os servidores da escola. Para diversificar e se divertirem, alguns alunos participam da corrida fantasiados (Foto 1 e Foto2).

Professor 'E' - Quando levo os alunos na trilha que fizemos para realizar a ecotrilha, vejo transformações acontecendo. Pois essas experiências diversificadas são notadamente aceitas pelos alunos que interagem com o conteúdo administrado. Atizam a curiosidade e estimula a aprendizagem e contribuem para o entrosamento social dos alunos, como também interage com as outras disciplinas.

Diretor 'E' - Quando os servidores participam da corrida rústica é mais um incentivo para os alunos. Eles ficam querendo disputar com os servidores. E também se unem por série para competir qual das turmas que terá mais alunos nos primeiros lugares. Sem contar a disputa de fantasias. Os professores orientam a respeito de calçado e vestimentas e deixam a criatividade dos alunos aflorar. É um evento muito criativo e importante para a escola.

Professor 'E' - É muito divertido vê-los se fantasiando para a corrida rústica. Eles fazem questão de mostrar a fantasia para toda a escola. As meninas ajudam os meninos a se fantasiarem, maquiando-os e emprestando vestimentas. É um evento riquíssimo em troca de experiência observada no cotidiano de todo o preparo da corrida. Um evento que conta com a participação de vários servidores ajudando na entrega de água, no atendimento médico, na entrega de medalhas e na torcida.



Foto 1: Corrida Rústica - 1987
 Fonte: Arquivo de fotos do Gabinete Ifes – Campus Itapina

Os alunos são orientados para a corrida, nas aulas de Educação Física. Sempre há premiação para os 10 primeiros lugares. A participação é em média 80 alunos a cada ano. Há atendimento médico na chegada e também os corredores são acompanhados por um ônibus para recolher os desistentes.

A ginástica também está presente nos registros dos diários de classe, no primeiro bimestre, com o objetivo de preparar os alunos para os desportos dos bimestres seguintes, inclusive para a corrida rústica.



Foto 2: Corrida Rústica - 2005
 Fonte: Arquivo de fotos do Gabinete Ifes – Campus Itapina

Todas as tendências da Educação Física aparecem, de certa forma, incorporadas e fazem parte das propostas teórico-metodológicas dos professores, porém nem sempre as

alterações na literatura sobre a Educação Física correspondem a uma efetiva mudança em nível da prática. Essa mudança muitas vezes acontece quando a concepção que lhe dá diretriz já perdeu hegemonia (GUIRALDELLI JR, 2003).

Em 1996, a Educação Física continua a ser obrigatória no Ifes – Campus Itapina sendo facultada a alguns casos, como define o art.26, parágrafo 3º da Lei 9394/96, que também muda a nomenclatura do nível de ensino oferecido pela escola, passando de 2º grau para nível médio da Educação Básica. A Educação Física então passa a fazer parte, dentro da organização curricular, da Educação Básica, na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, na parte nacional comum e cuja diretriz “têm como referência a perspectiva de criar uma escola média com identidade, que atenda às expectativas de formação escolar dos alunos para o mundo contemporâneo” (PCN,1999-p. 9).

No ano de 1996, quando ingressei, foi quando me deparei com aspectos que me impressionaram em uma escola pública. Além de uma Infraestrutura, a Educação Física se encontrava em uma posição privilegiada na escola. Era a disciplina que possuía a maior quantidade de docentes, acarretando uma menor quantidade de aulas para cada um. Era a disciplina com maior área. Tinha um departamento próprio, o Setor de Esporte e Lazer, material didático abundante. As aulas da 1ª e 2ª séries já se encontravam no horário regular. E nos conselhos de classe, éramos indispensáveis, somando na avaliação para promoção dos alunos.

Com poucas aulas, tínhamos tempo para planejar. Esse planejamento era realizado em conjunto, e baseado no PCN, que visa à formação integral do aluno. No entanto, observa-se que os planejamentos ainda eram livres, de acordo com o que cada professor acreditava ser importante e essencial para o aluno. Nota-se que, nos diários desse período, o conteúdo administrado continua sendo envolto no esporte. De acordo com Betti (apud DARIDO, 2003, P.69):

A linguística nos impõe um distanciamento aparentemente irremediável entre a teoria e a prática, já que a primeira só pode exprimir-se pela língua, ao passo que a prática da Educação Física é corporal, portanto as teorias da Educação Física estariam condenadas a falar sobre o corpo e movimento, sem jamais atingi-los.

No Ifes – Campus Itapina nota-se que houve uma evolução em relação a espaço físico, materiais didáticos e eventos esportivos, mas no que refere-se às aulas de Educação Física, as mudanças não foram evidentes. A tendência Competitivista, ou seja, o conteúdo esporte, jogo, regras, fundamentos, técnicas e táticas continuou presente, especialmente quanto ao rigor na exigência do rendimento esportivo, o que gerou o desenvolvimento da infraestrutura de Educação Física no Ifes – Campus Itapina.

5.4.1. Desenvolvimento da Infraestrutura da Educação Física²⁴

No período de 1986 a 2001 ocorreu o maior desenvolvimento da área esportiva em relação à infraestrutura e ao material didático. Nesses anos a compra de material esportivo era em média três vezes ao ano e foram, basicamente, bolas e redes esportivas, jogos de camisetas e até calçados para as equipes esportivas. A escola, nos anos de 1990 até 1998, adquiria calçados para todos os atletas de todas as modalidades, comprovando com isso o apoio dado pela direção às equipes esportivas. O material didático adquirido pelo Ifes–Campus Itapina é de primeira qualidade e adequado para as atividades da área de Educação Física(Anexo 8).

²⁴ Os dados sobre infraestrutura e material foram adquiridos por meio de fotos e de entrevistas. A respeito de documentos sobre material, só havia na escola balanço desde 1995. E o projeto do ginásio que englobava aquisição de material.

Professor 'C' – [...] A época que fomos mais valorizados foi quando tínhamos o apoio da direção. O diretor administrativo, do que precisávamos na Educação Física, ele juntamente com o diretor geral autorizava a aquisição, e acompanhava os alunos nos jogos. Foi a época que a escola fez mais pelos alunos em termos de Educação Física. Os professores tinham um retorno profissional e eram valorizados devido aos resultados positivos (nos jogos) que apareciam rápidos e frequentes.

A maior parte da área física que o Ifes – Campus Itapina tem atualmente, foi construída nesse período de 1985 a 2001 (Foto 3). O espaço físico da área de Educação Física é um privilégio para os professores de Educação Física, que podem contar com uma área satisfatória para atender à disciplina de Educação Física em várias modalidades de ensino.

Os Institutos Federais na área agropecuária são escolas fazendas, ou seja, seu espaço físico é relativo a uma fazenda. São escolas com área medidas em alqueires, áreas grandes para poder criar animais e produzir plantações de culturas perenes e anuais, como plantações de café, feijão, milho e pastagens para os animais.

O espaço físico para a disciplina de Educação Física nessas escolas é privilegiado em relação a escolas que se localizam em meio urbano, onde o espaço total da escola se restringe a uma quadra de um bairro. Um espaço amplo para a área de Educação Física é visto como um privilégio pelos professores se levar em consideração que para a prática de uma modalidade esportiva deve-se ter no mínimo, na medida oficial da regra de handebol, 20 m de largura por 40 m de comprimento, sem contar a área de escape que deve ter no mínimo de 1 m ao redor da quadra.



Foto 3: Área esportiva do Ifes – Campus Itapina - 2002
Fonte: Arquivo de fotos do Gabinete Ifes – Campus Itapina

No Ifes – Campus Itapina, que tem como área total de 2.960.000 m², e de área construída 28.411 m², espaço físico não é visto como um problema. A área construída de Educação Física no Ifes – Campus Itapina abrange um espaço de 18.400 m². Sua infraestrutura foi sendo construída ao longo dos anos com projetos e empenhos dos professores e diretores, sendo composta de um ginásio poliesportivo, uma quadra coberta, duas quadras poliesportiva descoberta (uma desativada), uma quadra de vôlei de areia, um campo de futebol, um campo society e um campo de bocha.

A construção dessa área começou quando a escola foi erguida. O campo de futebol foi à primeira construção da área de Educação Física, sendo reformado em 1996 com arquibancada e iluminação. Ele mede 100m de comprimento por 80 de largura e é utilizado para aulas, treinamentos e lazer.

Em 1982, foi construída a primeira quadra poliesportiva em concreto. A construção da segunda quadra com cobertura, hoje desativada, foi realizada no ano de 1986 e como essa cobertura foi feita com o pé direito muito alto, a cobertura não resistiu ao vento forte e caiu, não sendo restaurada. Com a reforma da primeira quadra, a construção de uma terceira quadra em 1994 e a intenção de construir uma piscina no local, não houve projeto de reforma para essa quadra. A quadra de terra perto dos alojamentos foi desativada em 1983, pelos mesmos motivos, exceto o local para a piscina.

Diretor 'A': Uma quadra ficou coberta e a outra não. A que está coberta agora é a que não estava na minha época. A que estava coberta era do lado que arrancaram tudo, aquela era coberta, mas era um pé direito muito alto e o vento entrava ali e levantava as telhas, telhas muito finas e foram rasgando. Porque a empresa não era comandada por nós, era por Brasília. Ganhou uma firma (licitação) pra construir em todas as escolas. Algumas caíram. Caiu a de Barracão (Ifes – Campus Santa Teresa). Foi a primeira que caiu, depois a de Machado (IF Sul de Minas – Campus Machado), caiu... Caiu tudo. Porque não era xis lado, eles chamavam de xis lado. Não era xis lado a cobertura, então ela fazia isso. *(balançou as mãos mostrando que a telha subia e balançava para o lado)*.

Em 1986, foi construída uma pista de atletismo em volta do campo society com três raias, sendo a central com medida de 250 m. Essa área também abrangia uma pista de 100 metros em linha reta. A pista e o campo sofriam um problema de alagamento, pois ao lado, em 1994, foi construída uma lagoa que Quando chovia causava infiltração na pista e no campo. Nesse local também havia áreas para salto e dois locais para arremessos e lançamentos. A lagoa foi construída beneficiando o ensino profissional, na disciplina de piscicultura, que já se favorecia com quase 40 lagoas ao redor da escola e na unidade de aquicultura. O Ifes – Campus Itapina era a única instituição de ensino em Colatina que possuía uma área para a prática do atletismo, o que favorecia o ensino da modalidade nas aulas, e também nas competições de atletismo nos jogos escolares.

Diretor 'A': Foi construída a pista de atletismo em volta do campo society. Ali era um matagal que fazia medo. Pra chegar ao campo de futebol, só tinha um lugar que era gramado, o resto era mato puro. Eu arrumei uma patrol com o DR, e os pedreiros fizeram o meio-fio. A Patrol foi limpando aquilo ali, a prefeitura me arrumou areia pra colocar e fizemos aquela pista de atletismo. Ficou uma pista completa. *(A pista era em formato oficial, mas havia somente 250 metros de comprimento em sua raia mais interna. Havia a pista de 100 metros com 5 raias)* [...] Alagamento por causa daquele tanque de peixe que fizeram do lado [...] Foi muito depois da pista. Por isso ela começou a alagar.

O Ginásio Poliesportivo “Sebastião Pelusio de Campos” (Foto 4) foi inaugurado no ano de 1997, para a 2ª fase dos II JEARES – Jogos Estudantis das Escolas Agrotécnicas Federais da Região Sudeste. Seu nome foi dado em homenagem ao diretor do período de 1977 a 1984. Esse foi o primeiro diretor a esboçar um projeto para a construção de um ginásio na escola. O que só foi possível duas gestões seguintes.



Foto 4: Ginásio “Sebastião Pelúcio de Campos” - 1997

Fonte: Arquivo de fotos do Gabinete Ifes – Campus Itapina

O projeto oficial para a construção iniciou-se em 12/04/1994 através do processo 23000.059322/94-14, que se referia à construção de um ginásio Poliesportivo com capacidade para 1000 pessoas e um palco de 60 m², a ser financiado pelo programa pelo FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento Educacional (Anexo 9).

O projeto da construção do Ginásio Poliesportivo justificou-se pelo fato do Ifes – Campus Itapina estar localizado na zona rural, distante da sede 17 km, entre as cidades de Colatina e Baixo Guandu – ES, tendo, em seus limites territoriais, várias comunidades escolares de 1º e 2º graus, não possuindo um local de livre acesso para práticas esportivas e culturais. Sendo a escola ponto estratégica, beneficiou uma população de mais ou menos 5000 estudantes do Ensino Fundamental.

Com o ginásio também foi construído um campo de bocha para atender toda comunidade escolar nas horas livres, oportunizando mais uma opção de lazer. Nesse espaço há uma cantina. Essa cantina é utilizada pelos alunos do 3º ano nas festas da escola, para arrecadar capital para a formatura.

Na época da concretização do Ginásio, foi adquirida uma grande quantidade de material didático além de duas tabelas de basquete hidráulicas oficiais (Anexo 10). Esse material visava à preparação das equipes de treinamento para o JEARES. A escola foi sede da 2ª fase, recebendo 15 escolas co-irmãs. A escola recebeu uma média de 500 pessoas, incluído alunos, professores, dirigentes e assistentes de alunos. Todos ficaram alojados na escola durante uma semana.

Diretor ‘B’: [...] o JEARES que nós fizemos aqui na escola. Uma reunião de 15 escolas Agrotécnicas. Hoje IFEs. Toda região Sudeste mais a escola de Urutaí – GO, que participou mesmo não sendo instituição da região Sudeste. Ela se prontificou, o Diretor tinha muita amizade com a gente. Pediu pra vir e foram bem recebidos. E foi feito um bom entrosamento com as escolas da região Sudeste naquele encontro do JEARES, os jogos das escolas Agrotécnicas. Então aquilo ali aproximou muito as pessoas, o profissionalismo, o próprio professor de Educação Física. Houve um intercâmbio de conhecimentos. E depois as conquistas ali dentro. É muito legal. O aluno volta pra sua escola, pela qual lutou e conseguiu vencer. Foi campeão, entendeu! Isso aí completa muito o desenvolvimento do estudante dentro da instituição depois que ele volta pra escola dele. Ele participou, conquistou, voltou e ele é homenageado por aquelas conquistas. Isso aí é o mais importante. O intercâmbio entre as escolas é muito bom.

O JEARES era um campeonato esportivo que alcançava a integração das Escolas Agrotécnicas, contribuindo com avanços educacionais e tecnológicos nos vários setores das instituições participantes. Em alguns setores no Ifes – Campus Itapina ocorreram modificações devido às experiências vividas nesses jogos. No refeitório, por exemplo, mudou-se a forma de servir as refeições, trocando o bandeirão por pratos, reduzindo em 90% os restos de alimentos deixados pelos alunos, a exemplo da EAF- Rio Pomba que sediou a 1ª fase de 1995. As saladas passaram a ser servidas em sistema de self service, proporcionando quantidades e variedades para uma alimentação saudável, semelhante o praticado na EAF-BambuÍ, sede em 1998.

A principal característica do JEARES era a participação de todos os servidores dos setores da Escola. Nesses jogos via-se o marceneiro fazendo arquibancada no campo e na hora do jogo torcendo pelos alunos. Os professores da área profissional juntavam suas turmas para realizar a limpeza da fazenda e, depois, juntavam-se na arquibancada para torcer pelo time de voleibol. Via-se a telefonista, a bibliotecária, a orientadora e demais funcionárias realizando a recepção dos atletas convidados, e depois entregando premiações aos ganhadores. Era uma participação em massa. Os servidores acreditavam que a integração entre as escolas era importante para o desenvolvimento da instituição e para o desenvolvimento do aluno.

Outra característica importante eram os momentos vivenciados pelos alunos. Muitas vezes os alunos acreditavam que a sua escola era rígida e de regime autoritário, porém quando vivenciavam o regime das outras escolas, podiam analisar os vários regimes educacionais. Eles podiam vivenciar vários ambientes escolares e tirar suas próprias conclusões a respeito dos sistemas educativos e disciplinares. Esses momentos vividos pelos alunos, essas ações do cotidiano escolar trançadas nesse contexto é que formam as “redes de práticas e conhecimentos” necessárias à formação do aluno, tornando-os cidadãos críticos (ALVES, 2003).

Toda obra na infraestrutura foram projetos ou sugestões apresentadas pelos professores de Educação Física, realizadas com o apoio da direção, que conseguia verbas do FNDF, da SEMTEC ou utilizavam orçamento da própria escola para atender a esses projetos. Esses projetos visualizavam a melhoria da praça de esporte para atender a comunidade escolar em eventos esportivos, eventos culturais (quadrilha, gincanas, horário cívico), formatura e comemorações da escola.

Diretor ‘B’: (O Ginásio) Foi um projeto meu. Foi um projeto da minha gestão. Iniciei, fiz o projeto com várias verbas. FMDF, SEMTEC e até orçamento próprio para terminar aquela área lá. E as quadras cobertas e não cobertas também foi uma reforma muito técnica dentro do que existia na época. Bem fortalecida. A área do campo, do visual, a parede com os bancos. A área que infelizmente destruíram, ou seja, a pista de atletismo, o campo society. Tinha uma visão de uma piscina semi-olímpica para aquela quadra velha.

As duas quadras ativas, uma coberta, ficam próximas ao campo de futebol e passaram por uma reforma em 1996. Na descrição do cronograma físico/financeiro do processo 23000.059322/94-14, as quadras foram demolidas, executado e preparado os pisos em concreto armado e feita a demarcação. (Foto 5), onde também foram montados e instalados o alambrado, a nova postiação e a instalação elétrica.



Foto 5: Foto da reforma das quadras externas - 1996
 Fonte: Arquivo de fotos do Gabinete Ifes – Campus Itapina

Como os jogos de areia estavam na mídia, também foi construída uma quadra de areia para beach volei, diversificando o esporte nas aulas. A mídia está sempre presente no cotidiano dos alunos, transmitindo-lhes informações, e por intermédio dela muito valores são absorvidos pelos alunos. A mídia é um meio que influencia nos conteúdos aplicados na disciplina de Educação Física. No Regime Militar, com o objetivo de “dirigir e canalizar energias”, foi oferecido à população em doses exageradas pelos meios de comunicação o “desporto espetáculo”, intensificando a tendência Competitivista nas escolas (GUIRALDELLI JR, 2003,p.20).

Em 1996, foi também realizado o projeto de iluminação do campo de futebol, aumentando as horas de treinamento da modalidade de futebol de campo. Com isso para facilitar, o salão de jogos, monitorado pelo grêmio estudantil, foi reformado, construíram-se dois vestiários e mais duas salas de professores. O salão foi transferido para a sala de TV embaixo de um dos alojamentos. No entanto, verifica-se que não houve espaço para os jogos de salão, ficando obsoleto até sua mudança para uma área próxima ao refeitório.

Diretor ‘A’: E naquela época também eu construí o Centro Esportivo Anais de Souza. [...] Aproveitei a firma e foi feito aquilo que está lá. Com vestiário para facilitar tanto a parte da Educação Física como a parte de esporte em geral. E um salão maior que deve estar lá até hoje, onde jogava ping-pong, esses tipos de coisa.

O material didático-pedagógico sempre foi muito abundante no Ifes – Campus Itapina. O material adquirido na Instituição tem o objetivo de atender aos alunos durante as aulas, aos treinamentos e nas horas livres. É importante ressaltar que, em relação ao material didático, os professores se sentem privilegiados em relação a muitas realidades encontradas em outras escolas do município de Colatina.

Professor ‘C’: Eu já dei aula no Polivalente da Praia do Suá com uma bola e sem quadra, eu já dei aula no Polivalente de Campo Grande com uma quadra e sem bola, eu já dei aula na prefeitura da Serra em um Pátio com uma bola, já dei aula no Libanês com 10 bolas pra 10 alunos e vejo que aqui na Escola Agrotécnica tem uma bola pra 2 alunos, um ginásio esportivo completo, material de 1ª qualidade, campo de futebol, quadras poliesportivas, então eu vejo que o material didático tem em

abundância e a infraestrutura é excelente. Pouca são as cidades que têm a estrutura que uma escola Agrotécnica tem em termos de praça de esporte.

Professor 'B': A parte de infraestrutura, o ambiente esportivo da Escola Agrotécnica é muito bem suprido. Ao visitar 14 escolas na zona urbana do município de Colatina, para a realização de minha pesquisa de mestrado, constatei que, em relação à material didático nessas escolas, quando existia, era em quantidade insuficiente para atender às necessidades dos alunos, em mau estado de conservação, quase sempre recebido através de doações, em virtude da impossibilidade de serem adquiridos pela escola por falta de recursos financeiros. Em relação aos meios ambientais, na visita feita às escolas, constatou-se que em cinco escolas a quadra encontrava-se em mau estado de conservação, descoberto, com os equipamentos bastante danificados; em cinco outras escolas, as aulas são ministradas em pátio de terra em péssimas condições, em duas escolas não foi possível identificar o local onde são ministradas as aulas. Apenas duas escolas possuem quadra coberta, com instalações em bom estado de conservação.

Professor 'E': A escola (Ifes – Campus Itapina) tem uma excelente área para podermos aplicar nossas atividades. Só falta um parque aquático, ou mesmo que seja uma piscina semiolímpica.

Não podemos deixar de refletir que não basta ter material em abundância é preciso planejamento para utilizá-lo, para que o aluno possa adquirir múltiplos conhecimentos da área.

Até 2001, a Educação Física era tida uma das disciplinas mais valorizadas em termos de material, infraestrutura, eventos realizados na escola, apoio da direção, quantidade de aulas para cada docente e a participação efetiva dos servidores.

5.5. O Declínio na Educação Física

Um dos fatores essenciais à evolução da Educação Física no Ifes – Campus Itapina foi o incentivo, o apoio e o interesse da direção para seu desenvolvimento, permitindo construções, compras e participações em eventos esportivos e culturais. Esse foi um fator determinante para que a Educação Física alcançasse uma posição privilegiada no Ifes – Campus Itapina até 2001.

Professor 'C' - A época que fomos mais valorizados na escola foi quando eu era diretor de acompanhamento ao educando. Porque eu tinha condições e oportunidades de dar condições aos professores de Educação Física. Eu dava respaldo nos treinamentos em termos de lavanderia, alimentação fora do horário, transporte. A época que fomos mais valorizados foi quando tínhamos o apoio da direção.

No início de 2002, o Ifes – Campus Itapina vivenciou situações políticas, que levaram a escola a ficar sob o comando de um diretor pró-tempore durante 6 meses, até a eleição de uma nova gestão.

Diretor 'C' - Foi um período muito difícil, no qual as questões políticas sobressaíram fortemente, mostrando sem nenhum pudor todas as nossas mazelas, diferenças, indiferenças, insatisfações, decepções, angústias, culminando com a nossa gigantesca fragilidade. Diante desse panorama não era possível (como não foi), organizar, planejar e executar investimentos para o desenvolvimento da disciplina de Educação Física. A nossa preocupação foi manter o objetivo maior de uma Escola que ministra o Ensino Técnico Profissional, que no nosso caso é o bem-estar do aluno, o ensino propriamente dito, o economato e a fazenda com sua produção. Respirávamos naquele primeiro semestre do exercício de 2002 a política

interna, quem seria o próximo Diretor-Geral e a realização o quanto antes do processo eleitoral.

Com essa nova gestão, alguns setores foram priorizados em relação a outros, havendo uma desvalorização de determinados setores. A Educação Física não era considerada uma disciplina fundamental para a escola, acarretando um retrocesso. Houve perdas e desgaste na área, que se refletem ainda nos dias atuais.

Diretor 'D' - Eu considero que a minha gestão não foi muito qualificada no apoio, numa autoavaliação, não foi. Estávamos passando por um momento difícil da escola quando assumi a gestão. Mas propriamente, eu não digo que a minha gestão esteve voltada. Realmente, não houve apoio suficiente para a Educação Física, por estarmos num momento difícil e até mesmo por investimentos na infraestrutura. A minha gestão priorizou a infraestrutura do prédio pedagógico, do alojamento, da agroindústria. E considero que não houve um apoio qualificado na minha gestão para a Educação Física.

Além da falta de apoio para continuar ou manter o processo de evolução da área de Educação Física, ocorreram situações levando os professores a sentirem-se desvalorizados e desmotivados. Situações como a proibição de utilizar o ginásio Poliesportivo para as aulas de Educação Física, a não permissão para participar de jogos externos, a utilização de aulas de Educação Física para atividades relacionadas ao Ensino Profissionalizante, o indeferimento para aquisição de material, são exemplos reais de ocorrências que favorecem esse cenário.

Professor 'E' - A gestão de quando entrei tinha simpatia pela área desportiva. A gestão após tinha total repulsa pela área desportiva. A gestão atual é indiferente. Três lineares distintos. A primeira deu apoio, redimensionou a infraestrutura que até então nos é oferecida. A segunda, tudo que pode fazer para abandonar e repudiar o setor, o fez. E a terceira, depois de muita reclamação, fez uma maquiagem, reformando todas as quadras e o ginásio. Isso é questão política, quem saiu no prejuízo é a casa, é o aluno e somos nós professores de Educação Física que nos tiram a oportunidade de crescimento.

Nesse período não foi realizada a manutenção das quadras e campos, deteriorando os pisos, os alambrados, os mastros do voleibol, as traves e as tabelas de basquetes. Foram quatro anos de desgaste pelo uso e pelo tempo.

Outro episódio desse período que influenciou para que ocorresse essa deteriorização foi a utilização do ginásio "Sebastião Pelúcio de Campos" como alojamento para alunos. Os alunos foram alojados por causa da reforma realizada no alojamento da 1ª série. Essa reforma durou um ano e meio (01/2003 a 07/2004), passando do prazo de entrega, que era previsto para 6 meses. O piso do ginásio ficou bastante deteriorado por causa dos beliches dos alunos, sendo reformado apenas três anos depois.

Diretor 'D' - Foi preciso usar o Ginásio para alojar os alunos, pois era a única estrutura adequada. O ginásio tem banheiros e vestiários para atender as necessidades dos alunos. Na minha gestão ficou faltando a reforma.

Em 2003, com a construção de uma nova lagoa próxima ao campo de futebol, a pista de atletismo foi soterrada com o material retirado da obra, elevando seu nível a 1 m. Este soterramento era para resolver um problema de alagamento em épocas de chuva. No entanto a pista não foi mais reconstruída. Sem a pista e os locais para saltos e arremessos, a modalidade de atletismo não foi mais ministrada adequadamente no Ifes - Campus Itapina. Nota-se que, a partir de 2005, nos diários, não há registro da modalidade de atletismo.

Diretor 'D' – A área esportiva é excelente, nós temos espaço suficiente. É só uma questão de manutenção e disponibilidade de equipamentos. Mas temos uma falha, que aconteceu até na minha gestão, devido à correção de problemas ligados à drenagem de água, acabamos cobrindo a área de atletismo.

A escola costumava adquirir material esportivo três vezes ao ano, em média. No período de 2002 a 2006, houve uma redução na aquisição de material bem significativa. Em 2002 e 2004 não houve compra de material esportivo, ficando os professores e alunos com materiais desgastados e deficientes para as atividades referentes à Educação Física (Anexo 11).

Na área de Educação Física, existe uma construção onde funcionava o Centro Esportivo com salas de professores e vestiários. Esse Centro foi cedido pelos professores de Educação Física no ano de 2003, para ser utilizado por outras áreas, pois com a construção do ginásio “Sebastião Pelúcio de Campus”, o centro não estava mais sendo utilizado pela área. O ginásio possui três salas de professores, ficando cada professor com sua sala individual e uma sala para guardar material de uso comum. Hoje esse centro funciona como sala de arte e música, onde estão guardados todos os instrumentos musicais como bateria, guitarras, órgãos, violões, flautas e baixos. Esse centro foi construído na primeira gestão do diretor 'A'.

Mas a pior perda da Educação Física nesse período, em 2006 exatamente, foi a redução de uma aula semanal de Educação Física na organização curricular. Desde 2006, a grade curricular consta apenas com duas aulas semanais por turma. As aulas são todas ministradas no horário regular, fato que se iniciou a partir de 1994, quando havia três aulas e uma ainda fora do horário (Anexo 12).

O horário restrito dos meios de locomoção até a escola, a partir dos centros das cidades mais próximas, foi um dos motivos para a redução de uma aula de Educação Física em cada turma. Essa redução é permitida, baseada na Lei nº9394/96_art. 25, que diz: “será objetivo permanente das autoridades responsáveis alcançarem relação adequada entre o número de alunos e o professor, a carga horária e as condições materiais do estabelecimento”. Com a Lei, fica sob responsabilidade da Instituição a distribuição da carga horária das disciplinas, desde que o currículo contemple todas as disciplinas obrigatórias, com mínimo de 800 horas e 200 dias letivos.

Professor 'E': Nós perdemos uma aula por semana em função do planejamento e do horário. Do planejamento da grade curricular, e não do planejamento pessoal de professor.

Da forma como estava, ou seja, as aulas somente para os alunos internos e de forma obrigatória para completar a grade curricular, acarretava constantes reclamações dos alunos internos de sua obrigatoriedade diferenciada dos alunos semi-internos. Essa aula tornava-se uma atividade de lazer, motivo que também levou a comissão que estava responsável para reformular a grade curricular do ano de 2007 decidir por apenas duas aulas semanais de Educação Física.

Hoje a matriz curricular (Anexo 13) de cada série abrange duas aulas semanais de Educação Física, sendo ministradas dentro do horário regular. Nota-se que nos registros dessas aulas há muitas aulas recreativas e jogos orientados. A prática dos conteúdos abordados na disciplina de Educação Física, mesmo sendo as aulas no horário regular, não apresentou modificações, continuando a ser influenciada pela tendência Competitivista.

Nesse período, considerando a necessidade de uma reforma na área esportiva, a direção contratou uma firma especializada para realizar um projeto de reforma para a área,

considerado pelos professores um projeto grandioso, e acima do necessário para uma Instituição de Ensino.

Diretor 'D' - Não houve nada, a não ser a contratação de uma empresa para trabalhar as praças. Foi até um projeto ambicioso, mas pelo menos o planejamento foi feito pra voltar a prática de atletismo e melhorar a pratica em relação ao lazer. É um planejamento bonito, envolvendo em torno de 3.000.000 reais. No planejamento há quadra de tênis, reformulação completa do ginásio, pois o mesmo não oferece segurança quanto a questões de saídas de emergência.

O capital gasto com a contratação da firma para realizar o projeto foi maior que o gasto em 2007 para realizar a reforma necessária da quadras e do ginásio. Esse projeto foi orçado em R\$ 3.000.000,00, caso fosse realizado (Anexo 14 e Anexo 15).

O que ocorreu nesse período foi a falta de um planejamento adequado e direcionado para a Educação Física, por falta de interesse e visão do sistema educacional, que deve atender todas as áreas visando à formação integral do aluno em todos os aspectos (moral, físico, intelectual e político).

5.6. A Recomposição da Educação Física.

A partir de 2007, tudo que foi reprimido em questão de reformas, compras e participação em eventos, voltou a se concretizar, recompondo a área de Educação Física que estava deteriorando. Isso só foi possível devido ao interesse e apoio da gestão atual que vê na Educação Física uma disciplina importante na formação dos alunos do Ifes – Campus Itapina, que tem o regime de internato.

Diretor 'E' - A Educação Física é importante principalmente em uma escola, que tem internato. A Educação Física é um elo importante na formação desses jovens. Vejo também que influencia na formação integral, por ser o sistema de internato. A Educação Física funciona como um 'descarrego' e também contribui para um bom comportamento desses jovens dentro da instituição.

Observa-se que o apoio dado, a Educação Física levando-a se beneficiar com aquisição de material e melhorias da infraestrutura é devido ao interesse na área, por acreditar que a Educação Física melhora a convivência do educando, disciplinando para conviverem em harmonia.

Baseados nesses interesses, em 2007, o Ifes – Campus Itapina realizou uma compra de material didático, reestruturando todo material para as aulas, treinamentos e lazer. Também foram adquiridos jogos de salão, que englobam uma mesa de sinuca, uma de pombolim, uma de aero-roque e que ficam em uma área próxima ao refeitório em um salão aberto e coberto, monitorados pelo CGAE por meio de monitores de lazer²⁵, que também monitoram os jogos de raciocínio²⁶, que foram adquiridos também no ano de 2007, através de um pedido realizado pelos professores de Educação Física. Também foram reformadas as duas mesas de ping-pong, que estavam danificadas.

Essas aquisições também faziam parte da proposta da nova gestão para recuperar a área esportiva com objetivo de atender aos alunos contribuindo na sua formação.

²⁵ Alunos bolsistas selecionados pelo CGAE.

²⁶ Esses jogos de raciocínio refere m-se a dama, xadrez, war, banco Imobiliário, dominó, Perfil, quebra-cabeças, sobra um, etc.

Diretor 'E' – Eu sonhava em dar melhores condições para a Educação Física, mas quando se assume um orçamento, você vê que tem que distribuir um pedaço para cada departamento. Isso atrasa um pouco, mas quero investir mais até o fim de meu mandato. Eu pedi pra fazerem o projeto da piscina e pretendo refazer a pista de atletismo. Está faltando orçamento.

Em 2008, pelo processo 23000061987200719, foi realizada a reforma dos pisos das quadras externas com nova pintura e também receberam novas tabelas de basquete em acrílico, pois as antigas eram de madeira e estavam danificadas, podendo acarretar acidentes aos alunos. Essas duas quadras possibilitam várias atividades referentes à área de Educação Física e o lazer dos alunos. Geralmente é nessas quadras que se fazem comemorações de quadrilha e aniversário da escola, ficando colações de graus e horário cívico para o Ginásio.

Em 2009, foi realizada no Ginásio Poliesportivo a reforma do piso, em pintura em epóxi, juntamente com a aquisição de um placar eletrônico. Essa reforma, aliada às aquisições de novos materiais foram possíveis em função do projeto encaminhado ao MEC, com objetivo de sediar o II JIFES – Jogos dos Institutos Federais da Educação da Região Sudeste. A 1ª e 2ª fases foram realizadas no Ifes – Campus Itapina, nos meses de agosto e novembro de 2009, respectivamente.

O JIFES (Foto 6) é o resgate do JEARES, os jogos entre os Institutos Federais da região Sudeste com o objetivo principal de integração dos Institutos. A escola recebeu os Institutos Federais que se reuniram para competir e trocar experiências vividas dentro de diversos cotidianos escolares.

O JIFES também é importante para a escola por mobilizar toda a escola, todos os servidores, com um único objetivo: fazer com que os alunos do Ifes – Campus Itapina e de outros campi pudessem participar de um evento em que presenciam e vivenciam situações que somam para sua formação nos aspectos morais, sociais, físicos e intelectuais.



Foto 6: II JIFES – 1ª fase – agosto de 2009

Fonte: Arquivo de fotos do Gabinete Ifes – Campus Itapina

Neste momento é importante a integração dos Institutos até por causa da união das escolas federais (Agrotécnicas e Cefetes) que possuem características de ensino diferentes e que juntaram para formarem os Institutos. Essa aproximação é importante para toda comunidade escolar, para trocar experiências e conhecimentos.

Todos esses acontecimentos estão contribuindo para uma nova evolução da Educação Física dentro do Ifes – Campus Itapina. Até em relação às aulas, nota-se uma pequena

mudança nos conteúdos, apesar do esporte ainda predominar. Percebe-se a inclusão de aulas diferenciadas. Foram incluídas aulas de step, caminhadas ecológicas ao redor da escola e aulas com dinâmicas de grupos com o auxílio de músicas. A música também foi utilizada durante as aulas cujo conteúdo foi o jogo. Segundo o professor 'C' o objetivo da música era para criar um ambiente com animação e alegria, motivando os alunos durante a aula.

Mesmo com todas essas melhorias e com grande número de abordagens no contexto da Educação Física, é preciso ressaltar que a discussão e o surgimento de novas tendências não significaram o abandono de práticas vinculadas ao modelo esportivo, ou ainda, ao recreacionismo, presentes na prática dos professores no Ifes – Campus Itapina.

Todas essas reformas, construções e aquisições surgiram de situações em que o objetivo esportivo está fortemente presente, dividindo com o objetivo de disciplinar os discentes para que todos tenham uma boa convivência dentro dos cotidianos escolares. Ou seja, as raízes epistemológicas da Educação Física escolar ainda ressoam fortemente na prática pedagógica e no imaginário educativo dos professores.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2007, quando iniciei o projeto dessa pesquisa, havia uma questão que me incomodava, levando-me a proposta desse estudo. A Educação Física estava perdendo o prestígio dentro do Ifes – Campus Itapina. Prestígio comprovado pelas inúmeras vantagens e privilégios as quais encontrei ao me efetivar na escola em 1996. Era a disciplina com maior área construída da escola, com autonomia pedagógica, com material abundante, e a única dentre as disciplinas propedêuticas a possuir departamento próprio.

Nessa presente pesquisa, busquei identificar no desenvolvimento da Educação Física, no período de 1956 a 2009, seu significado cultural e educacional, e sua importância no Ifes – Campus Itapina analisando os percalços por que passou, limites que existiram para que ela chegasse às condições nas quais se encontra e as possibilidades dessa disciplina na formação integral do aluno do Ifes – Campus Itapina.

Assim, o primeiro ponto a ser observado nesses 53 anos de existência do Ifes – Campus Itapina, foi que a Educação Física passou por várias reformas políticas e educacionais, em função das modificações e ajustes nas legislações pertinentes, as quais determinaram a sua existência na organização curricular do Ifes – Campus Itapina.

Nos primeiros anos do Ifes – Campus Itapina até 1970, baseada na Lei nº 4024/61, a Educação Física se apresentava na organização curricular como uma prática pedagógica e através da Lei nº 5.692/71 e da Lei 9394/96 ela pode se firmar como uma disciplina curricular integrando a organização e contribuindo para a formação integral do aluno.

Observa-se que no mesmo processo de afirmação o ensino profissionalizante precisou de leis (Lei 9394/96) e decretos para se firmar como um ensino que não sofre discriminação, como a Educação Física que necessitou ter sua obrigatoriedade em leis para se transformar em uma disciplina curricular no Ifes - Campus Itapina.

As aulas de Educação Física no Ifes – Campus Itapina, com base nos estudos de Guiraldelli Jr (1998), sofreu influência das tendências higienista, militarista e mais fortemente a Competitivista.

Os planejamentos dessas aulas foram elaborados pelos professores com autonomia pedagógica, ou seja, faziam o planejamento de acordo com o que acreditavam ser melhor para a formação do aluno. Esse fato poderia ser um privilégio para a Educação Física. No entanto os professores restringiram seus planejamentos a sua formação. Dentre os professores pesquisados, o de formação militar apresentou planejamentos e aulas com o enfoque da tendência militarista. A tendência Competitivista foi fortemente influente nas aulas aplicadas pelos professores que se capacitaram em pleno período do regime militar (1964 a 1985), em que a tendência Competitivista foi dominante no Brasil.

A tendência Competitivista é ainda fortemente predominante nos dias atuais na Educação Física no Ifes – Campus Itapina. Há nas atividades influências explícitas dessa tendência, com intensa elaboração sobre aprendizagem do esporte, fundamentada basicamente em aspectos técnico-táticos e anatômico-fisiológicos do treinamento esportivo.

Por outro lado, a tendência Competitivista foi responsável pela grande evolução da infraestrutura da Educação Física através do esporte no período de (1985 a 2001). Esta evolução também foi possível por causa do apoio e interesse das gestões na área, que viam no esporte uma forma de promover a escola através do êxito em competições extraescolar.

As gestões que apoiaram a Educação Física, acreditavam também que o esporte, disciplinaria o aluno, melhorando a convivência na escola, mantendo a ordem e harmonia nos

alojamentos. Este apoio dado a Educação Física levou-a a se beneficiar com aquisição de material e melhorias da infraestrutura.

O desprestígio da área que me incitou a esta pesquisa ocorreu no período de 2002 a 2006 devido à falta de apoio da gestão que priorizou outras áreas, ocorrendo nesse período perdas importantes que se refletem ainda nos dias atuais, como: a redução de três aulas semanais para duas aulas, a inutilização da pista de atletismo e o abandono do campo de bocha. Da mesma forma que a evolução da Educação Física depende do apoio da Gestão no Ifes – Campus Itapina, a falta de apoio leva a sua desvalorização.

O planejamento do Ifes – Campus Itapina, como todas as instituições federais, está vinculado à economia e a política do país. As escolas federais são financiadas e mantidas pelo governo de acordo com sua política de planejamento. No Brasil, a progressiva redução dos fundos públicos, corrói as ações sociais do estado nacional. A racionalidade financeira direciona os gastos do estado nacional determinando as prioridades, visando a política de bem estar social através do corte de gasto do governo para atender as necessidades básicas da população.

Essa racionalidade também influencia na determinação das prioridades da gestão educacional, acarretando maior investimento numa área em detrimento de outras. E essa prioridade também é influenciada pelos objetivos da política nacional.

Neste período onde se verificou o desprestígio da Educação Física, o Ifes – Campus Itapina se submetia a reforma educacional da LDB 9394/96, sendo os cursos técnicos oferecidos sob a forma de módulos, independente do ensino médio, acarretando a prioridade de investimento nas unidades de produção no Ifes – Campus Itapina, ou seja, na área técnica. O modelo proposto tinha como objetivo, dentre outros, promover a transição entre a escola e o mundo de trabalho, capacitando jovens e adultos com conhecimentos gerais e específicos para o exercício de atividades produtivas.

Esse desprestígio impunha à Educação Física um conjunto de limites e preconceitos que impossibilitava conquistar território no currículo e na escola de forma geral. Esse desprestígio impedia-na de participar, em condições de igualdade, do projeto educacional, face a precariedade material e infraestrutura que disponibilizava o não reconhecimento dos saberes específicos da disciplina como área de conhecimento, dentre outras formas de desvalorização que colocavam-na numa clara situação de inferioridade no currículo.

Quando iniciei esta pesquisa a Educação Física mostrava-se com essas desvantagens citadas evidenciando o seu desprestígio. No entanto nesses últimos dois anos a Educação Física está novamente se reestruturando, ficando em uma posição privilegiada. Esta recomposição é possível, dada ao apoio e incentivo da gestão atual, que acredita que a Educação Física contribui para a formação do aluno nos aspectos morais e sociais.

Com a política do governo federal que visa transformar as escolas em Institutos e ampliar o número de instituições, o investimento em educação técnica e superior no país vem sendo priorizado. A injeção de capital nas instituições profissionais dá oportunidades para as escolas evoluírem e aperfeiçoarem as novas demandas exigidas pela sociedade e implementadas pela política educacional do governo federal, fazendo com que os gestores tenham condições de investirem em todas as áreas dentro da instituição.

A posição da Educação Física no Ifes – Campus Itapina, decorre da sua associação ao desenvolvimento do processo de socialização dos alunos. Sendo suas atividades de caráter mais coletivo, grupal e cooperativo, a disciplina desenvolve habilidades de relacionamento social, diferentemente do individualismo desenvolvido pelas formas de trabalho, muitas vezes, adotadas pelas disciplinas acadêmicas.

As atividades relacionadas à Educação Física sob aspectos sociais, morais, intelectuais e políticos vão tecendo “redes de conhecimentos”, necessários a formação dos alunos,

tornando a Educação Física uma disciplina importante na complexa teia que é o currículo escolar no Ifes – Campus Itapina.

O ensino técnico é um ensino que deve valorizar o trabalho em equipe. O trabalho em grupo desenvolvido nas aulas de Educação Física, sobretudo no caso dos esportes, propicia uma correspondência entre a didática ou a prática pedagógica desenvolvida no ensino técnico. A função socializadora da Educação Física nos lembra que a Educação Física lançou mão, para buscar legitimidade na escola, de um amplo leque de objetivos, como: desenvolvimento do sentimento de grupo, de cooperação, da sociabilidade, da autoconfiança e do conhecimento de si.

A função social da Educação Física pode ser evidenciada no Ifes – Campus Itapina devido ao seu forte viés socializador, visto o ensino nessa instituição possuir um caráter técnico e ser oferecido em período integral. Após a pesquisa posso afirmar que embora com todos os problemas e limites históricos, sociais e pedagógicos, a disciplina Educação Física é importante e essencial no Ifes – Campus Itapina, por oportunizar ao aluno uma formação integral e por tratar da cultura corporal em sentido amplo, permitindo aos alunos desenvolverem o senso crítico que lhes possibilitem produzir, reproduzir e também transformar a sociedade e a cultura.

7. REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda J.; GEWANSZDNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisas quantitativas e qualitativas*. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 2002. v.1, 203 p.
- ALVES, N. G.. *A narrativa como método na história do cotidiano escolar*. In: I Congresso Brasileiro de História da Educação. Rio de Janeiro, RJ: SBHE, 2000.
- ALVES, N. G.. *Cultura e Cotidiano escolar*. Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Educação, v. 23, n. 23, 2003, p. 62-74.
- BARBOSA, Claudio Luis de Alvarenga. *Educação Física Escolar: as representações sociais*. Rio de Janeiro: Shape, 2001.
- BARBOSA, Claudio Luis de Alvarenga. *Educação Física Escolar; da alienação à libertação*. 5º Ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2001.
- BETTI, M, *Ensino de primeiro e segundo graus: Educação Física para quê?* Revista Brasileira de Ciências do Esporte; 13(2):282-287,1992.
- BRACHT, Valter. *Saber e fazer pedagógicos: acerca da legitimidade da Educação Física como componente curricular*. In: CAPARROZ, Francisco Eduardo (org.). *Educação Física escola: política, investigação e intervenção*, vol. 1, Vitória, ES: Proteoria, 2001.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio/ linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília. MEC, 1999.
- BRASIL, Ministério da Educação. Lei nº. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Educação profissional e tecnológica: legislação básica*. 5ª edição. Brasília: MEC, 2001.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia: Concepções e Diretrizes*. Brasília: MEC, 2008.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Educação profissional e tecnológica: legislação básica*. 6ª edição. Brasília: MEC, 2005.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação profissional de nível técnico: programa de expansão da educação profissional*. Brasília: MEC, 2000.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Plano de Desenvolvimento do Ensino Agrícola de segundo grau*. Brasília: MEC. 1973.

BRASIL, Ministério da Educação. *Instituições Federais de Ensino*. Disponível em : <<http://portal.mec.gov.br/setec/index.php?option=content&task=view&id=116&Itemid=233>> 13 de outubro de 2008 21:54

BRASIL, Ministério da educação.<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislações>. Acesso em 16 de junho de 2009.

BRASIL. *O Arquivo Nacional e a História Luso-Brasileira - No tempo das fábricas*. Disponível em: <<http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=979&sid=107&tpl=printerview>>. Acesso em 31 de maio de 2009.

BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*, tradução Magda Lopes – São Paulo: Ed. Da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CAPARRÓZ, Francisco E. . *Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola: a Educação Física como componente curricular*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. v. 1. 212 p.

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: A História que não se conta*. 13ª.ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

CENAFOR. Manual do Sistema Escola Fazenda. Apostila CENAFOR. Brasília, 1966.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*.12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.1994

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Morar e Cozinhar*. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.2003.

CERVO, A.L. & BERVIAN, P.A. *Metodologia científica*. 3 ed, São Paulo: EPU, 1986.

COAGRI. *Diretrizes de funcionamento de uma escola agrotécnica federal*. Brasília: MEC,1985.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. [org.] Carmen Lúcia Soares Cortez, São Paulo, 1992.

Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, XI. ANAIS... , v.1, 1999, p.177-190

CUCHE, Denys. *A noção de Cultura nas ciências sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro, 2.ed.Bauru, SP:EDUSC,2002

CUPOLILLO, Amparo Villa. *Corporeidade E Conhecimento: Diálogos necessários à Educação Física e à escola*. Tese de Doutorado em Educação. Orientadora: Maria Teresa Esteban do Valle, Niterói-RJ/UFF, 2007, 215 páginas.

DARIDO, Suraya Cristina. *Educação Física na Escola. Questões e Reflexões*. Rio de Janeiro,RJ: Ed. Guanabara Koogan S.A., 2003.

DE ANGELIS, Felipe. *Institutos reorganizam oferta de ensino profissional*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=10877&catid=209&temid=86>. Acesso em 31 de maio de 2009.

DUARTE, R. *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. Curitiba, PR: Ed. UFPR. 2004, p.213-22.

DUARTE, R. *Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo*. Cadernos de Pesquisa, n. 115, março/2002, p.139-154.

GARIGLIO, José Ângelo. *A Cultura Docente de Professores de Educação Física de uma Escola Profissionalizante: Saberes e praticas profissionais em contexto de ações situadas*. Rio de Janeiro. Tese de doutorado em Educação, Rio de Janeiro: PUC – RJ, 2004, p.291.

GARIGLIO, José Ângelo. *O ensino da educação física nas engrenagens de uma escola profissionalizante*. Anais X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Goiânia, 1997, p.177-190.

GHIRARDELLI JÚNIOR, Paulo. *Educação Física Progressista: a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira*. 13ª Ed. São Paulo: Loyola, 2003.

KUENZER, Acácia Zeneida. *A educação profissional nos anos 2000: a dimensão subordinada das políticas de inclusão*. v. 27, Educação e Sociedade, 2006, p. 877-910.

KUENZER, Acácia Zeneida. *A reforma do Ensino Técnico no Brasil e suas Consequências*. Documento final sobre a reforma do ensino profissional: Curitiba; Domingos Leite Lima Filho (org) Curitiba SINDOCFET – PR, 1999. P-87 – 107.

KUENZER, Acácia Zeneida. *Ensino Médio e Profissional: as políticas do Estado Neoliberal*. São Paulo: Cortez, 1997. 104 p.

KUENZER, Acácia Zeneida. *Educação e Crise do trabalho*. (org) Gaudêncio Frigotto. Petropolis, RJ: Vozes, 1998.

KUENZER, Acácia Zeneida. *O ensino médio agora é para a vida: entre o pretendido, o dito e o feito*. Revista Educação & Sociedade, Campinas: n. 70, Cedes, p. 15-39, abr.2000.

LEANDRO, Marcilene Rosa. *Educação Física no Brasil: Uma História Política*. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/3097/1/educacao-fisica-no-brasil-uma-historia-politica/pagina1.html>>. Acesso em 31 de maio de 2009.

LIBÃNEO, José. C. *Prefácio*. Educação Física Progressista. 13ª ed. São Paulo: Loyola, 2003 Guiraldelli Jr, p.9-14. 8ª Ed.

LUDKE, M. & ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2001

MANFREDI, Silvia Maria. *Educação Profissional no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

MARQUES, Oscilene Simões. *Análise Curricular da implantação da reforma de educação profissional na Escola Agrotécnica Federal de Colatina/ ES*. Dissertação mestrado. UFRRJ, Instituto de Agronomia, 2005.

MARTINS, Heloísa H.T. de Souza. *Metodologia qualitativa de pesquisa: Educação e pesquisa*, São Paulo, v.30, n.2. maio/ago. 2004, p. 289-300.

MELO, Victor Andrade de. *História da Educação Física e do esporte no Brasil: panorama e perspectivas*. São Paulo: IBRASA, 1999.

MENDES, Eduardo. *Contribuição da Educação Física escolar no ensino técnico agrícola..* Dissertação de Mestrado em Educação Agrícola. Orientadora: Nádia Maria Pereira de Souza. Seropédica, RJ: UFRRJ 2005. 52 p.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. *Memórias do Aprendizado: 80 anos de ensino agrícola em Sergipe*. Maceió/ AL: Edições Catavento, 2004.

PACHECO, Eliezer. *Os Institutos Federais e o projeto nacional*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/artigos_institutos.pdf>. Acessado em 31 de maio de 2009.

PAULI, Olindino. *Escola Agrotécnica Federal de Colatina: Um pouco de história*. Colatina, ES: 2001.(mimeo)

RAMOS, Elbo Lacerda. *A reforma como paradigma: um estudo de caso na EAF – Rio Verde*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação/ UFG – Goiás, 2000.

ROSSETTO, Luiz Valerio. Projeto “*A Educação Física no Ensino Agrícola Federal do Rio Grande do Sul: um estudo a partir da Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos*”. Dissertação de Mestrado em Educação Agrícola. Seropédica, RJ:UFRRJ, 2009.

SANCHEZ, Sandra Barros. *Instrumentos da Pesquisa Qualitativa*. Notas de aula, In: Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola, UFRRJ, 2007.

SBERC, Carolina. Exercícios Físicos pela manhã. . Disponível em: <<http://www.metodista.br/rroonline/ciencia-e-saude/exercicios-fisicos-pela-manha-garantem-mais-disposicao-para-o-dia-3/>> acesso 20 de junho 2009

SOUZA NETO, S. *A Formação do Profissional de Educação Física no Brasil: Uma história sob a perspectiva da Legislação Federal no século XX*. Ponta Grossa, PR: Anais do VIII Congresso de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, 2002.

WERMELINGER, Mônica; MACHADO, Maria Helena and AMANCIO FILHO, Antenor. *Políticas de educação profissional: referências e perspectivas. Ensaio: aval.pol.públ.Educ.* [online]. 2007, vol.15, n.55, pp. 207-222. ISSN 0104-4036. doi: 10.1590/S0104-40362007000200003.

ZENTGRAF, M. C. *Metodologia da Pesquisa*. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2003.

8. ANEXOS

- 01 Entrevistas aos Gestores do Ifes – Campus Itapina
- 02 Entrevistas aos Professores de Educação Física do Ifes Campus- Itapina
- 03 Caderneta Escolar do Aluno – 1997
- 04 Ficha de Acompanhamento Escolar – 1963
- 05 Grade Curricular Vigente dos Anos de 1972 a 1995
- 06 Matriz Curricular Ensino Médio – 2001
- 07 Mapa das Trilhas Ecológicas
- 08 Lista de Material Adquirido pelo Ifes – Campus Itapina no ano de 1994
- 09 Descrição do Projeto do Ginásio “Sebastião Pelúcio de Campos”
- 10 Nota do Patrimônio da Tabela de Basquetebol adquirida para o Ginásio de Esporte
- 11 Balanço do Almoxarifado do Ifes - Campus Itapina de Material Esportivo dos anos de 1998 a 2007
- 12 Organização Curricular do Ifes – Campus Itapina dos anos de 2006
- 13 Organização Curricular do Ifes – Campus Itapina de 2009
- 14 Nota de Empenho da Empresa para elaboração do Projeto de Reforma da Área Esportiva – 2006
- 15 Nota de Empenho da Reforma da Área Esportiva - 2007

ANEXO 01



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO – PPGEA - UFRRJ: Educação Física no Instituto Federal do Espírito Santo – Campus Itapina: percalços e possibilidades ao longo dos anos.

Mestranda: Ana Beatriz Armini Pauli Resende

ENTREVISTAS AOS GESTORES DO IFES – CAMPUS ITAPINA

DATA: ____/____/____ HORÁRIO DA ENTREVISTA: ____:____h

LOCAL: _____

ENTREVISTADO: Diretor _____

ENTREVISTADOR: _____

1. *Cargo/emprego na EAF-Colatina:*
2. *Formação Acadêmica:*
3. *Período em que trabalhou ou trabalha na EAF-Colatina:*
4. *Qual foi o período que atuou como gestor (diretor) da EAF- Colatina?*
5. Em sua opinião, qual o papel da disciplina da Ed. Física nos currículos das escolas de Ensino Médio no Brasil?
6. Sendo a EAF-Colatina uma escola de ensino profissionalizante, em sua opinião, a disciplina de Ed. Física é necessária para a formação dos discentes? Por quê?
7. Como você vê a área física da disciplina de Ed. Física em relação a: tamanho, utilização e funcionalidade?
8. Qual a importância da disciplina de Ed. Física para a EAF-Colatina?
9. Como foi seu envolvimento e/ou incentivo nas atividades relacionadas à disciplina de Ed. Física?
10. O que foi feito de investimento (obra, reforma, contratação, material, etc.) na sua gestão em relação ao desenvolvimento da disciplina de Ed. Física?
11. Durante a sua gestão você recebeu projetos ou sugestões das pessoas responsáveis pela Ed. Física, visando trazer melhorias ao desenvolvimento da disciplina de Ed. Física?
12. O que você acredita que possa ter influenciado para a evolução ou não das atividades relacionadas à disciplina de Ed. Física durante a sua gestão?
13. Como você acredita que a disciplina de Ed. Física, no seu significado cultural e educacional, deveria ser aplicada na EAF-Colatina?

ANEXO 02



DISSERTAÇÃO: Educação Física no Instituto Federal do Espírito Santo –

Campus Itapina: percalços e possibilidades ao longo dos anos.

Mestranda: Ana Beatriz Armini Pauli Resende

ENTREVISTAS AOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO IFES CAMPUS- ITAPINA

DATA E LOCAL: _____ HORAS : ____:____h

ENTREVISTADO: Profº(a) _____

ENTREVISTADOR: _____

1. Nome:
2. Formação Acadêmica. Onde se graduou e em que data?
3. Situação funcional na EAF-Colatina: Aposentado, ativo permanente ou ativo temporário.
4. Período em que trabalhou ou trabalha na EAF-Colatina:
5. Quando você ensina Ed. Física, quais seus objetivos? O que você espera que seus alunos aprendam na Ed. Física?
6. No período em que você trabalhou, as aulas de Ed. Física eram realizadas em que horário e qual quantidade? Houve modificações?
7. Em relação aos planejamentos (aulas e anuais) como eram realizados: coletivamente ou individual? Eram direcionados pela escola ou livre? Eram aplicados ou eram apenas realizados como tarefa burocrática pedida pela escola?
8. Quais os conteúdos que eram (são) abordados nas suas aulas? Como era (é) sua prática pedagógica?
9. Qual sua visão em relação à disciplina de Ed. Física dentro de uma escola de ensino profissionalizante.
10. Como você situa a sua disciplina comparando com as demais disciplinas da escola, em relação a: grau de importância, apoio da direção e recursos didáticos pedagógicos?
11. Qual sua avaliação dos materiais didáticos pedagógicos e a infra-estrutura da Ed. Física?
12. Dentre as diferentes gestões que atuaram na escola, como você as descreve em relação ao desenvolvimento e evolução da disciplina?
13. Como é ser profissional de Educação Física na EAF-Colatina?
14. Você acredita que deva ser feita alguma mudança para melhorar a aplicação da disciplina de educação Física? Caso acredite, o que sugere?

ANEXO 03 - CADERNETA ESCOLAR DO ALUNO - 1997

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA Escola de Iniciação Agrícola de Colatina ITAPINA - ESP. SANTO

Caderneta Escolar do Aluno

RETRATO	CARACTERÍSTICOS	DEDO POLEGAR DIREITO
	Data do Nascimento	
	Local <u>Itambacuri</u>	
	Estado <u>Minas Gerais</u>	
	Filiação { Pai	
	Mãe	
	Residência { Cidade <u>Itambacuri</u>	
Rua		
Estado <u>Minas Gerais</u>		
Matrícula requerida por		

EXAME VESTIBULAR
Ao Curso de Iniciação Agrícola
Realizado no Ano de 1987

RESULTADO
Português 4,7 Média 5,1
Matemática 5,5

1º Ciclo

Curso de Iniciação Agrícola

1a. Série - Anos letivos de 1987 e 1988

DISCIPLINAS	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Sat.	Out.	Nov.	Média	Provas Parciais		Prova Final	Nota Final	Nota global em cada grupo das disciplinas	
	1a. P.	2a. P.	1a. P.	2a. P.	1a. P.	2a. P.	1a. P.	2a. P.	1a. P.	2a. P.	1a. P.	2a. P.	1a. P.	2a. P.		
CULTURA GERAL	Português	4,0	4,5	4,3	4,0	4,4	4,2	4,3	4,4	4,3	4,0	4,4	4,3	4,3	CULTURA GERAL	5,0
	Francês	4,5	4,0	4,5	4,2	4,4	4,5	4,2	4,4	4,3	4,3	4,4	4,5	4,4		
	Ciências Naturais	4,0	4,5	4,5	4,0	4,5	4,0	4,5	4,4	4,3	4,0	4,4	4,3	4,3		
	Geografia	4,2	4,3	4,3	4,2	4,4	4,3	4,3	4,4	4,3	4,3	4,4	4,3	4,3		
	História do Brasil	4,2	4,4	4,4	4,0	4,5	4,5	4,3	4,4	4,4	4,5	4,4	4,3	4,3		
CULTURA TÉCNICA	Matemática	4,5	4,0	4,4	4,0	4,2	4,3	4,3	4,3	4,4	4,5	4,5	4,3	4,3	CULTURA TÉCNICA	5,4
	Agricultura	4,3	4,2	4,3	4,2	4,3	4,2	4,3	4,3	4,4	4,4	4,3	4,3	4,3		
CULTURA TÉCNICA	Desenho	4,4	4,4	4,3	4,3	4,3	4,3	4,3	4,3	4,3	4,3	4,3	4,3	4,3		

Classificação 6º Lugar

Curso de Iniciação Agrícola

2a. Série - Anos letivos de 1988 e 1989

DISCIPLINAS	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Sat.	Out.	Nov.	Média	Provas Parciais		Prova Final	Nota Final	Nota global em cada grupo das disciplinas	
	1a. P.	2a. P.	1a. P.	2a. P.	1a. P.	2a. P.	1a. P.	2a. P.	1a. P.	2a. P.	1a. P.	2a. P.	1a. P.	2a. P.		
CULTURA GERAL	Português	4,4	4,3	4,3	4,3	4,3	4,3	4,3	4,3	4,3	4,4	4,3	4,3	4,3	CULTURA GERAL	5,0
	Francês	4,0	4,3	4,3	4,4	4,5	4,0	4,0	4,0	4,0	4,0	4,4	4,0	4,0		
	Ciências Naturais	4,0	4,3	4,0	4,0	4,0	4,0	4,0	4,0	4,0	4,0	4,4	4,0	4,0		
	Geografia	4,3	4,3	4,0	4,0	4,0	4,0	4,0	4,0	4,0	4,0	4,4	4,0	4,0		
	História Geral	4,2	4,0	4,0	4,0	4,1	4,3	4,0	4,0	4,0	4,0	4,4	4,0	4,0		
CULTURA TÉCNICA	Matemática	4,0	4,3	4,0	4,3	4,0	4,0	4,0	4,0	4,0	4,0	4,4	4,0	4,0	CULTURA TÉCNICA	4,8
	Agricultura	4,2	4,3	4,3	4,0	4,0	4,3	4,3	4,3	4,3	4,4	4,4	4,0	4,0		
CULTURA TÉCNICA	Desenho	4,3	4,3	4,4	4,3	4,3	4,0	4,0	4,0	4,0	4,0	4,4	4,0	4,0		
	Crição Animal Doméstica	4,4	4,3	4,3	4,3	4,3	4,3	4,3	4,3	4,3	4,4	4,4	4,0	4,0		

Classificação 3º Lugar

ANEXO 04 – FICHA DE ACOMPANHAMENTO ESCOLAR – 1963

19 6.3	CURSO: <i>Prisival Aguiola</i>	SÉRIE: <i>1.2</i>															
DISCIPLINAS	MAYO	ABRIL	MAIO	JUNHO	AGOSTO	SETEMBRO	OUTUBRO	GOVERNO	MÉDIA	PROVAS PARCIAIS		MÉDIA	PROVA GERAL	EXAME DE 2.ª ÉPOCA			NOTA FINAL
										1.ª	2.ª			ESCRITA	ORAL	MÉDIA	
CULTURA GERAL																	
Português		4,7	7,1		2,1	4,6	6,1		4,9	2,6		4,2		3,7	4,5	4,1	5,0
Francês		1,1	5,5		-	10,0	9,5		6,5	-		6,5					7,0
Ciências		3,3	4,9		5,3	4,5	9,5		5,5	3,0		4,8					5,0
Geografia		4,5	4,9		6,3	8,5	9,4		6,7	-		6,7					7,0
História		4,7	7,5		7,5	8,0	5,0		6,5	-		6,5					7,0
Matemática		5,0	4,3		5,0	6,5	7,3		5,6	5,5		5,6					6,0
Inglês		7,8	3,5		5,2	7,3	7,4		6,2	5,3		5,9					6,0
CULTURA TÉCNICA																	
Média		4,4	5,4		5,2	7,1	7,7										
Desenho		-	-														
C. A. Domésticos		-	-														
MÉDIA		-	-														
Práticas Educativas																	
A.P. Orit.		6,5	6,0		6,3	5,4	7,0		6,2	4,3		5,6					6,0
E. Física		-	-														
Trab. Práticos		6,6	5,3		6,4	8,2	9,0		7,1			7,1					7,0

Classificado em _____ lugar na turma de _____ alunos com a nota de conjunto _____ em 19 _____

Visto: _____
Diretor

Chefe da T. A.

ANEXO 05 – GRADE CURRICULAR VIGENTE DOS ANOS DE 1972 A 1995

ESCOLA AGRICOLA FEDERAL DE COLATINA - ES
GRADE CURRICULAR

MATERIAS		NUCLEO COMUM					PARTE DIVERSIFICADA					TOTAL DE HORAS	
	DISCIPLINAS	SERIES			TOTAL DE HORAS	DISCIPLINAS	SERIES			TOTAL DE HORAS			
		1ª	2ª	3ª			1ª	2ª	3ª				
PORTUGUES	LINGUA PORTUGUESA LITERATURA BRASILEIRA	2	2	2	210	REDACAO E EXPANHIMENTO ENTENDIMENTO LINGUAL	2	2	2	60			
LING. ESTRANGEIRA	INGLES		2		60	ADMINISTRACAO E ECONOMIA RURAL COMERCIALIZACAO	1			30			
MATEMATICA	MATEMATICA	2	2	2	270	DESIGNO E TOPOGRAFIA ZOOTECNIA I	2			60			
ESTUDIOS SOCIAIS	GEOGRAFIA HISTORIA SOCIOLOGIA	2			60	ZOOTECNIA II	2			60			
CIENCIAS	FISICA QUIMICA BIOLOGIA	2	2	2	120	ZOOTECNIA III	2			60			
ARTES E OFICINAS	EDUCACAO FISICA PROGRAMA DE SAUDE ENSINO RELIGIOSO Educação Ambiental	2	2	2	270	AGRICULTURA I	2			60			
		2	2	2	60	AGRICULTURA II	2			60			
		1			30	AGRICULTURA III	2			60			
						INDUSTRIAS E EMPRESAS CONSTRUCOES E INSTALACOES	2			60			
						MECANIZACAO AGRICOLA	2			60			
						AGROINDUSTRIA	2			60			
						INDUSTRIAS E EMPRESAS	2			60			
						AGRICULTURA	2			60			
						ESTADIO SUPERVISORIO	2			60			
SUB-TOTAL		40	10	11	1050	SUB-TOTAL		17	20	20	2010		
NUCLEO COMUM		MEQ/SEMTEC/DDE					PARTE DIVERSIFICADA					2010	
ATENDIMENTO													
PORTARIA Nº 1042 de 5/12/94													
DOU de 8/12/94, p. 18369													
TOTAL GERAL 2070													

30 de Novembro de 1994

ANEXO 06 – MATRIZ CURRICULAR ENSINO MÉDIO - 2001

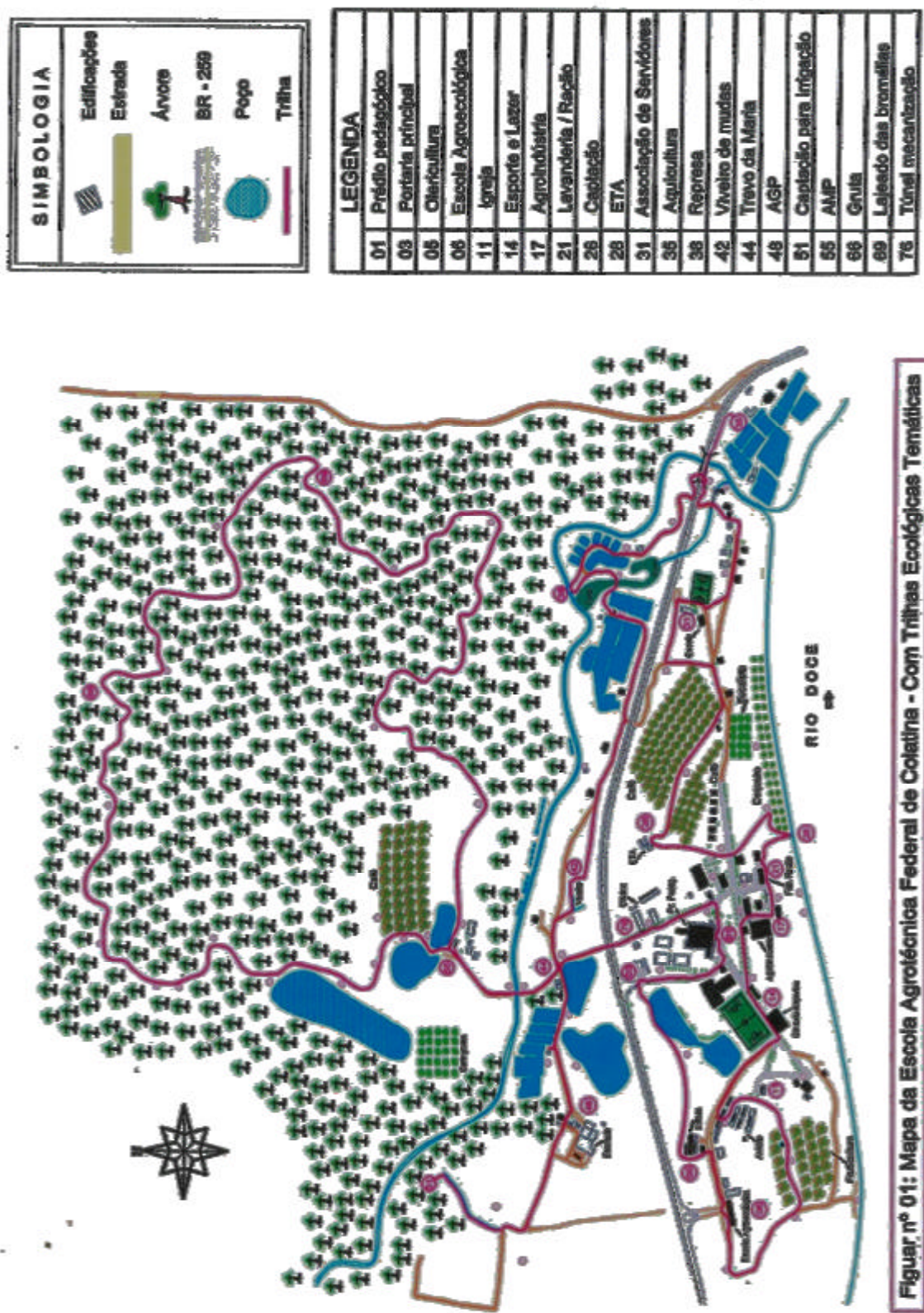
MATRIZ CURRICULAR ENSINO MÉDIO / 2001

DIAS LETIVOS: 200

SEMANAS LETIVAS: 40

ÁREAS DE CONHECIMENTO	DISCIPLINAS	1º	2º	3º	TOTAL ANUAL
Linguagens, Códigos e suas Tecnologias	Língua Portuguesa	03	03	03	360
	Arte	02	01	01	160
	Informática	02	–	–	80
	Educação Física	03	03	03	360
Ciências da Natureza e suas Tecnologias	Física	–	02	03	200
	Química	02	02	02	240
	Biologia	02	02	02	240
	Matemática	04	03	03	360
Ciências Humanas e suas Tecnologias	História	–	02	02	160
	Geografia	02	02	–	160
	Subtotal				2320
Parte Diversificada	Língua Estrangeira (obrigatória) – Inglês	02	02	–	160
	Técnicas de Redação	–	–	02	80
	Subtotal/Anual				240
	Total Geral	22	22	21	2560

ANEXO 07 – MAPA DAS TRILHAS ECOLÓGICAS



ANEXO 08 – LISTA DE MATERIAL ADQUIRIDO PELO IFES – CAMPUS ITAPINA
NO ANO DE 1994

MEC MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO		PLANO DE TRABALHO DETALHAMENTO DAS AÇÕES		ANEXO VIII
1. NOME DO COLÉGIO OU ENTIDADE PROPONENTE ESCOLA AGROTECNICA FEDERAL DE COLATINA		2. CCE Nº 36.351.658/0001-95		
		3. UF ES	4. EXERCÍCIO 1994	
5. DETALHAMENTO DAS AÇÕES 34903000 - AQUISIÇÃO DE MATERIAL ESPORTIVO				
MATERIAL	UNID	QUANT	VALOR TOTAL R\$	
Bola Handebol Feminino	UN	140	5.208,00	
Bola Voleibol Oficial	UN	150	4.797,00	
Bola Basquete Borracha Oficial	UN	120	3.837,60	
Bola Futsal Oficial	UN	150	4.497,00	
Bola Futebol de Campo Oficial	UN	160	6.468,80	
Bola Borracha Colorida	UN	062	434,00	
Bola Futebol de Campo infantil	UN	150	5.700,00	
Bola Socobol (Sapirobol)	UN	005	145,00	
Luva goleiro Oficial	PAR	010	420,00	
Joelheira Infantil e Juvenil	PAR	040	560,00	
Joelheira Adulto	PAR	060	840,00	
Rede voleibol Oficial	UN	010	242,00	
Rede Futebol de Campo Oficial	PAR	010	670,00	
Rede Futebol Salão Oficial	PAR	010	299,80	
Rede Basquete Oficial	PAR	010	99,00	
Rede Peteca Oficial	UN	010	242,00	
Rede Futebol Socyte	PAR	010	300,00	
Kone para Sinalização - Treinamento	UN	045	1.012,50	
Saco para Transporte de Bolas	UN	006	60,00	
Saco para transporte de Material	UN	006	252,00	
Maleta para Medicamentos	UN	006	390,00	
Bolsa para Colo	UN	010	100,00	
Chuteira Infantil	PAR	030	840,00	
Chuteira Juvenil	PAR	120	5.520,00	
Chuteira Adulto	PAR	120	5.520,00	
Camiseta Regata para Treinamento	UN	060	660,00	
Colete para Treinamento	UN	200	1.140,00	
Sapatilha para Atletismo	PAR	080	6.000,00	
Saltômetro p/ salto Altura completo	UN	003	1.950,00	
Trena para marcação - 50 metros	UN	005	300,00	
Colchão Salto Alt. 2,0x1,0x0,60m	UN	007	6.356,00	
Banco Sueco	UN	008	2.000,00	
Poste para Voleibol - completo	PAR	006	1.950,00	
Colchão Ginast Olímp 1,20x2,0x0,06m	UN	040	6.920,00	
Camisa Futebol de Campo - Completo	JOGO	005	2.125,00	
Camisa Futebol Salão - Completo	JOGO	005	1.650,00	
Camisa Volei Masculino - Completo	JOGO	005	1.435,00	
Camisa Volei Feminino - Completo	JOGO	005	2.060,00	
Camisa Basquete Masculino - Completo	JOGO	005	1.000,00	
Camisa Basquete Feminino - Completo	JOGO	005	1.725,00	
Camisa Handebol Masculino - Completo	JOGO	005	1.455,00	
Camisa Handebol Feminino - Completo	JOGO	005	2.210,00	
Peteca	UN	020	200,00	
TOTAL R\$			89.590,70	
6. ASSINATURA COLATINA(ES), 15/JUL/94				
LOCAL E DATA		NOME E ASSINATURA DO ORÇANTE  CRISTIAN GERAL FOL. Nº 1668 - DOB 26.11.94		

ANEXO 09 – DESCRIÇÃO DO PROJETO DO GINÁSIO “SEBASTIÃO PELÚSIO DE CAMPOS”

MEC MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE	PLANO DE TRABALHO DESCRIÇÃO DO PROJETO	ANEXO VI
1. NOME DO PROJETO OU ENTIDADE PROPONEDORA ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE COLATINA		2. CCMF 36.351.658/0001-95 3. UF ES 4. ANO 1994
4. CARACTERIZAÇÃO DOS RECURSOS ☒ 1 - CONSIGNADOS ☐ 2 - NÃO CONSIGNADOS	5. PERÍODO DE EXECUÇÃO INÍCIO: Julho/94 TÉRMINO: Agosto/94	
6. FUNDAMENTAÇÃO DO PROJETO 1. ☐ CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS 2. ☒ CONSTRUÇÃO 3. ☐ REFORMA 4. ☐ AMPLIAÇÃO 5. ☒ AQUISIÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO 6. ☐ AQUISIÇÃO DE EQUIPAMENTO 7. ☐ OUTROS (Especificar): _____	7. AMPLIAÇÃO DO PROJETO 1. ☐ CRECHE 2. ☐ EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR 3. ☐ ENSINO FUNDAMENTAL 4. ☐ ENSINO MÉDIO 5. ☐ EDUCAÇÃO ESPECIAL 6. ☐ EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS 7. ☐ DESEPORTO 8. ☐ ATENÇÃO INTEGRAL À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE	
8. DESCRIÇÃO DETALHADA DO PROJETO Construção de um Ginásio Poliesportivo em alvenaria e estrutura metálica, com capacidade para 1000 (mil) pessoas. Aquisição de material didático esportivo.		
9. JUSTIFICATIVA A construção de um Ginásio Poliesportivo, se prende ao fato da Escola Agrotécnica Federal de Colatina ser localizada na zona rural, distante da sede 17 Km, entre as cidades de Colatina - Baixo Guandu - ES, tendo em seus limites territoriais, várias comunidades de 1ª e 2ª Graus, não possuindo um local de livre acesso para a prática esportiva e cultural. Sendo a Escola ponto estratégico, beneficiará a uma população de mais ou menos 5000 (cinco mil) estudantes do Ensino Fundamental. Com esta construção é imprescindível que sejam adquiridos os materiais didáticos para que viabilizem treinamentos e a prática dos esportes.		
10. ASSINATURA Colatina (ES), 15/Jul/94 LOCAL E DATA  NOME E ASSINATURA DO RESPONSÁVEL		

DIRETOR GERAL
 P.O. 1.º 2084 - 000 26.11.93

ANEXO 10 – NOTA DO PATRIMÔNIO DA TABELA DE BASQUETEBOL
ADQUIRIDA PARA O GINÁSIO DE ESPORTE

* ESCOLA *
* AGROTECN *

SISTEMA DO PATRIMONIO
E.A.F. DE COLATINA

* 27/05/2009 *
* PAT401.1 *

Código.....0000017929; Data

Entrada:12/05/1997;

Sector resp.:0085; ESPORTE E LAZER - GINASIO.

Descrição...TABELA DE BASQUETEBOL HIDRAULICA MANUAL COMPLETA,
MARCA:

VITALLY, MODELO VITABASKETE.

Compl/Obs...

Quantidade.: 1; Custo Unit.: 18.639,00; Unidade.....UN;

Elemento...449052-10; - AP. EQP. P/ ESP. E DIV....

Conservação:BOM Tipo

aquisição.:AQUIS.

Fornecedor.:000164; PALACIO DAS LINHAS LTDA.

Empenho....97NE00141 Nota

Fiscal.....00000586;

Baixa.....00/00/0000; Motivo.:

Local anter:0000; SETOR NÃO CADASTRADO

ant.:00/00/0000;

Confirma informações cadastradas? (S/N) S


Waldir Conceição
Chefe do Setor de Patrimônio
Port. Nº 180 - D.O.U. 10/09/2001

**ANEXO 11 – BALANÇO DO ALMOXARIFADO DO IFES - CAMPUS ITAPINA DE
MATERIAL ESPORTIVO DOS ANOS DE 1998 A 2007**

material	Ano 1998			Ano 1999		Ano 2000		Ano 2001			Ano 2002		Ano 2003			Ano 2004		Ano 2005			Ano 2006			Ano 2007		
	Abr	Out	Dez	Jun	Jun	Jun	Jun	Mar	Abr	Abr			Jul	Agô	Agô			Mai	Jun	Jun	Agô	Out	Out	Jun	Jun	Out
1 Apito p/ arbitragem	27,00,30	2.398,44	4.076,66	2.984,90	1.753,70	6.795,95	699,40						633,82	395,20				758,40	2.593,44	5.638,50	172,20	236,40	3.157,88	705,80	1.531,00	918,00
2 Antena de volley			6	-														2								
3 Bola de Basquete	5		5	10		20		20															6		5	
4 Bola de Fut. de Campo			20	10		25			10																	
5 Bola de Fut. Society																										
6 Bola de Futsal	10		10	10		40		40											21			14				
7 Bola de Futvoley	2			2		5		5																		
8 Bola de handebol	10			2										5									2			
9 Bola de handebol fem.	5																						2			
10 Bola de Medicinbal	4																									
11 Bola de volei de areia				2															4							
12 Bola de voleibol			20	3		20		20					2												8	
13 Bomba p/ encher Bola																			2							
14 Bolsa p/ massagem																				2						
15 Calça p/ goleiro	4												6													
16 Calção basquetebol		12																								
17 calibrador de pressão													1													
18 Camisa basquetebol																										27
19 Camisa p/ futebol				1																		2				
20 Caneleiras com proteção		10																		2						
21 cartões p/ arbitragem																										
22 Chuteiras p/ fut. campo		14																								
23 Colchonete p/ ginástica																										
24 Collete de treinamento			90			20		60																		
25 corda elástica																										
26 Cotoveleira	10																									
27 Cotoveleira p/ gol fêlro																										
28 Coxal	15																									
29 Faixa de braço p/ capitão		2																								
30 Fita marcar - v. de areia	1																									
31 Joelheira	10												14													
32 Joelheira p/ goleiro	10												4						4							
33 Joelheiras tensor		2																								
34 Luva p/ goleiro de futsal													4						4							
35 Luva fut de campo														2					5							
36 Medalha p/ premiação																										
37 Meião com elanca		100																								24
38 Peteca oficial	3																									
39 Placa de homenagem																										
40 Rede de basquetbol	5			1															10							
41 Rede de Fut. de campo				2		1		1											4			2				
42 Rede de futsal	5			4		10		10											10		1					
43 Rede de volei de areia						4		4																		
44 Rede de voleibol			3			4		4											2							
45 Saca bico bola cromado			2																							
46 Tênis p/ futsal		6																								
47 Tênis p/ handebol		2																								
48 Tensores para tornozelo													10													
49 Tomezeleira cadaço		2																								
50 Tomozeleira	20												14													
51 Troféu p/ premiação																										
52 Válvulas p/ bola			2										25	5						18						

ANEXO 12 – ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO IFES – CAMPUS ITAPINA DOS ANOS DE 2006



ESCOLA AGROTÉCNICA DE COLATINA - ES

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR ENSINO MÉDIO - 2006

NÚMERO DE DIAS LETIVOS: 200 - CARGA HORÁRIA ANUAL: 800 HORAS - NÚMERO SEMANAS LETIVAS: 40 - HORA / AULA DE 60 MIN.

ÁREAS DE CONHECIMENTO	DISCIPLINAS		CARGA HORÁRIA SEMANAL	SÉRIE						CARGA HORÁRIA ANUAL
				1º	2º	3º	1ª	2ª	3ª	
				1º	2º	3º	1ª	2ª	3ª	
ÁREAS DE CONHECIMENTO LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS.	BASE NACIONAL COMUM	PARTE DIVERSIFICADA								TOTAL
	Língua Portuguesa			03	03	03	120	120	120	360
	Arte			01	-	-	40	-	-	40
	Educação Física			02	02	02	80	80	80	240
		Língua Estrangeira (obrigatória) - Inglês		02	02	-	80	80	-	160
		Informática		01	-	-	40	-	-	40
CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS.		Técnicas de Redação		-	-	02	-	-	80	80
	Física			02	02	02	80	80	80	240
	Química			02	02	02	80	80	80	240
	Biologia			02	02	02	80	80	80	240
	Matemática			03	03	03	120	120	120	360
CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS	História			-	02	02	-	80	80	160
	Geografia			02	02	-	80	80	-	160
	Sociologia			-	-	02	-	-	80	80
Total horas Semanais				20	20	20	-	-	-	-
Total de horas anuais				-	-	-	800	800	800	2.400

ANEXO 13 – ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO IFES – CAMPUS ITAPINA DE

2009



ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE COLATINA ORGANIZAÇÃO CURRICULAR ENSINO MÉDIO - 2009

NÚMERO DE DIAS LETIVOS: 200 - CARGA HORÁRIA ANUAL: 800 HORAS - NÚMERO SEMANAS LETIVAS: 40 - HORA / AULA DE 60 MIN.

ÁREAS DE CONHECIMENTO	DISCIPLINAS		CARGA HORÁRIA SEMANAL	CARGA HORÁRIA ANUAL							
				SÉRIE							
				1º	2º	3º	1ª	2ª	3ª	TOTAL DE HORAS	
ÁREAS DE CONHECIMENTO LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS.	BASE NACIONAL COMUM	PARTE DIVERSIFICADA									
	Língua Portuguesa		03	03	03	120	120	120	360		
	Arte		01	-	-	40	-	-	40		
	Educação Física		02	02	02	80	80	80	240		
		Língua Estrangeira (obrigatória)-Inglês	-	01	02-	-	40	80	120		
		Informática	01	01	-	40	40	-	80		
CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS.		Técnicas de Redação	-	-	01	-	-	40	40		
	Física		02	02	02	80	80	80	240		
	Química		02	02	02	80	80	80	240		
	Biologia		02	02	02	80	80	80	240		
	Matemática		03	02	02	120	80	80	280		
	História		-	02	02	-	80	80	160		
CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS	Geografia		02	01	01	80	40	40	160		
	Sociologia		01	01	01	40	40	40	120		
	Filosofia		01	01	01	40	40	40	120		
	Total horas Semanais		20	20	20	-	-	-	-		
DISCIPLINAS OPTATIVAS	Total de horas anuais		-	-	-	800	800	800	2.400		
	Espanhol		-	-	02	-	-	80	-		
	Informática		-	-	01	-	-	40	-		

Obs: Os conteúdos referentes a História e Cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar (Lei nº 11.645/2008)

A disciplina Espanhol, Língua estrangeira optativa, será oferecida obrigatoriamente a partir de 2010.

A disciplina Informática será optativa para os alunos da 3ª série.

Aprovada pela Resolução CD/EAFCOL nº35/2008 de 23/12/2008

ANEXO 14 – NOTA DE EMPENHO DA EMPRESA PARA ELABORAÇÃO DO PROJETO DE REFORMA DA ÁREA ESPORTIVA - 2006

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SIAFI - SISTEMA INTEGRADO DE ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA DO GOVERNO FEDERAL

NOTA DE EMPENHO

PAGINA: 1

EMISSÃO : 19Jun06 NÚMERO: 2006NE900145 ESPÉCIE: REFORÇO 2006NE900081
EMITENTE : 153221/26313 - ESCOLA AGROTECNICA FEDERAL DE COLATINA
CNPJ : 36351658/0001-95 FONE: (027)3723-3200
ENDEREÇO : BR 259 - KM 70 ZONA RURAL - CX POSTAL 256
MUNICÍPIO: 5629 - COLATINA UF: ES CEP: 29709-910

CREADOR : 02378077/0001-25 - FARES SERVICOS DE ENGENHARIA LTDA
ENDEREÇO : RUA JOSE FARIAS 98 SALA 301 SANTA LUIZA
MUNICÍPIO: 5705 - VITORIA UF: ES CEP: 29045-430

OBSERVAÇÃO / FINALIDADE
REFORÇO DA 2006NE900081.

LISS : 1 26313 12363106229920032 002885 0112000000 339039 000000
TIPO : ORDINARIO MODALIDADE DE LICITAÇÃO: CONVITE
AMPARO: LEI 8666 INCISO: 02 PROCESSO: 23000061042200616
UF/MUNICÍPIO BENEFICIADO: ES /
ORIGEM DO MATERIAL :
REFERÊNCIA DA DISPENSA: NUM. ORIG.:

VALOR REFORÇO : 11.000,00

ONZE MIL REAIS*****

ESPECIFICAÇÃO DO MATERIAL OU SERVIÇO

ND: 339039 SUBITEM: 05 -SERVICOS TECNICOS PROFISSIONAIS
SEQ.: 1 QUANTIDADE: 1 VALOR UNITARIO: 69.850,00
VALOR DO SEQ.: 69.850,00

ELABORAÇÃO / ANÁLISE PROJETO - ENGENHARIA

0020060

EMPRESA ESPECIALIZADA NA ELABORAÇÃO DE PROJETOS DE ENGENHARIA E ARQUITETURA, E FISCALIZAÇÃO

TOTAL : 69.850,00

ORDENADOR

DIRETOR-GERAL

Port 2316 - DOU 16/08/2002

GESTOR FINANCEIRO

PR - 100 31/03/02

ANEXO 15 - NOTA DE EMPENHO DA REFORMA DA ÁREA ESPORTIVA – 2007

SERVÇO PÚBLICO FEDERAL
SIAFI - SISTEMA INTEGRADO DE ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA DO GOVERNO FEDERAL

NOTA DE EMPENHO

PÁGINA: 1

EMISSÃO : 17Dez07 NÚMERO: 2007NE900508 ESPECIE: EMPENHO DE DESPESA
EMITENTE : 153221/26313 - ESCOLA AGROTECNICA FEDERAL DE COLATINA
CNPJ : 36351658/0001-95 FONE: (027)3723-1200
ENDEREÇO : BR 259 - KM 70 ZONA RURAL - CK POSTAL 256
MUNICÍPIO : 5629 - COLATINA UF: RS CEP: 29709-910

CREADOR : 04350758/0001-00 - A. M. CONSTRUTORA LTDA - ME
ENDEREÇO : PEDRO GIURIZATTO 172 A SÃO SILVANO
MUNICÍPIO : 5629 - COLATINA UF: RS CEP: 29706-040

TAXA CAMBIO:

OBSERVAÇÃO / FINALIDADE:

DESPESA COM SERVIÇO DE REFORMA EM QUADRAS POLIESPORTIVAS. PROC ORIGEM: 2007PA
00039.

CLASS : 1 26313 12363106229920032 002885 0650000000 339039 000000
TIPO : ORDINARIO MODALIDADE DE LICITAÇÃO: PREÇO
AMARO: INCISO: PROCESSO: 23000061987200719
MUNICÍPIO BENEFICIÁRIO: RS /
ORIGEM DO MATERIAL :
REFERENCIA DA DISPENSA: NUM. ORIG.:

VALOR EMPENHO : 22.850,50
VINTE E DOIS MIL, OITOCENTOS E CINQUENTA REAIS E CINQUENTA CENTAVOS*****

ESPECIFICAÇÃO DO MATERIAL OU SERVIÇO

NB: 339039 SUBITEM: 16 -MANUTENÇÃO E CONSERV. DE BENS IMÓVEIS
SEQ.: 1 QUANTIDADE: 0,48616 VALOR UNITARIO: 47.000,00
VALOR DO SEQ.: 22.850,50

MANUTENÇÃO / REFORMA PREDIAL
000001627

Remoção de pintura antiga, com lixamento mecanizado da quadra poliesportiva do ginásio de esportes, limpeza química de resíduos de pintura após o lixamento -
o piso da quadra poliesportiva do ginásio de esportes, pintura própria para
uso de quadras, inclusive com as linhas limitrofes de acordo com as normas de
cada Confederação Desportiva. Demais especificações no anexo II do Edital.

TOTAL : 22.850,50

Assinatura

ORDENADOR

Dir. Geral da EAF-Cd
Por 1452 - DCU 15/9/2008

Assinatura

GESTOR FINANCEIRO

Dir. de Sup. de Administração
Planejamento da EAF-Cd
Por 145 - DCU 28/09/2008

9. APÊNDICES

- 01 Entrevista do Diretor 'B'
- 02 Entrevista do Professor 'C'

Apêndice 01- Entrevista do Diretor ‘B’

ENTREVISTAS AOS GESTORES IFES - CAMPUS ITAPINA /ES

DATA: 26/05/ 2009

HORÁRIO DO INÍCIO DA ENTREVISTA: 14h17min

LOCAL: sala da Coordenadoria Geral de Pesquisa e Produção – Ifes - Campus Itapina/ES

ENTREVISTADO: Diretor ‘B’

ENTREVISTADOR(E): Ana Beatriz Armini Pauli Resende

SITUAÇÃO DO SERVIDOR ENTREVISTADO: Ativo

E: 1- Cargo/emprego no Ifes – Campus Itapina:

Diretor ‘B’: Professor de 1º e 2º graus. Depois de professor eu passei pela coordenadoria da UEP- Unidade de ensino e Produção da Zootecnia 3, que mexe com animais de grandes portes. Depois fui 4 anos Coordenador de Pesquisa e Produção e Extensão, na época CGPP . Depois dei aula durante 10 anos e após fui eleito 3 vezes. Acho que o único Diretor eleito 3 vezes pelo ministro da Educação. Por não ter tempo para aposentadoria, permaneci e fui convidado pela última gestão a administrar o CGPP da escola. Uma coordenadoria que abrange 9 unidades de produção, sob minha coordenação.

E: Qual sua formação acadêmica?

Diretor ‘B’: Sou veterinário, fiz Medicina Veterinária no Rio de Janeiro pela Universidade Fluminense e depois fiz especialização em Educação. Depois fiz uma pós-graduação em Toxologia Animal. Só fiz pós graduação em nível de especialização.

E: Qual Período em que trabalhou ou trabalha no Ifes – Campus Itapina:

Diretor ‘B’: Desde 12 de março de 1979.

E: Qual foi o período que atuou como gestor (Diretor) no Ifes – Campus Itapina?

Diretor ‘B’: Diretor Geral? Foi de 1993 até 2002.

E: Você entrou na escola com concurso ou com contrato?

Diretor ‘B’: Na época foi contrato de dois anos, não tinha concurso. Era concurso interno, só interno. E era como se fosse, pois com 2 anos efetivava.

E: Como diretor, qual foi o período?

Diretor ‘B’: Foi de 9 anos, foram 3 nomeações.

E: O primeiro período foi de quanto tempo?

Diretor ‘B’: Primeiro foi curto. Porque a outra candidata processou o ministro e então teve uma nova eleição na qual eu tive 700 votos. Aí eu fui nomeado novamente pelo ministro da Educação. E depois houve uma reeleição, e depois uma nova eleição.

E: Em sua opinião, qual o papel da disciplina da Educação Física nos currículos das escolas de Ensino Médio no Brasil?

Diretor ‘B’: Educação Física é uma atividade em que o aluno mantém as tradições dentro do esporte e educação, a meta de companheirismo e também se aperfeiçoa nas práticas em que

tem aptidão. Como atleta ele vai para um lado da educação muito saudável, no sentido de atleta. Como Educação Física propriamente dita, ele só mantém a forma, fazendo controle de musculatura, de gordura. Mantém a sua saúde. Preserva o físico.

E: Sendo o Ifes – Campus Itapina uma escola de ensino profissionalizante, em sua opinião, a disciplina de Educação Física é necessária para a formação dos discentes? Por quê?

Diretor ‘B’: Com certeza. Porque ela está ligada ao campo e diversas atividades dependem de uma formação, de um conjunto de formação, que vai de um simples contato com o colega até a formação de grupos, pesquisa e tudo mais. Dentro de uma logística, às vezes desenvolver uma atividade requer preparo físico, como lidar com animais, entre outras atividades. É muito importante com certeza.

E: Então você acha que ela ajuda na área técnica, no preparo físico para atuar na área.

Diretor ‘B’: Ajuda. Com certeza.

E: Como você vê a área física da disciplina de Educação Física em relação a: tamanho, utilização e funcionalidade?

Diretor ‘B’: Olha! Nós, como gestor, lutamos muito para melhorar a estrutura da escola. E não tínhamos muitas possibilidades pra nossa escola funcionar da maneira que os professores de Educação Física almejavam. Então foi realizado na minha época o Ginásio de esporte, o poliesportivo.

E: Era um projeto seu?

Diretor ‘B’: Foi um projeto meu. Foi um projeto da minha gestão. Iniciei, fiz o projeto com várias verbas. FMDF, SEMTEC e até orçamento próprio para terminar aquela área lá. E as quadras cobertas e não cobertas também foi uma reforma muito técnica dentro do que existia na época. Bem fortalecida. A área do campo, do visual, a parede com os bancos. A área que infelizmente destruíram, ou seja, a pista de atletismo, o campo society. Tinha uma visão de uma piscina semi-olímpica para aquela quadra velha. E essas quadras vão crescendo no dia-a-dia na cabeça do gestor.

Eu acho que ela atende dentro da expectativa de aula. A didática pedagógica ali, é bem atendida. O ginásio poliesportivo atende a vários tipos de modalidades que podem ser desenvolvidas ali dentro, várias técnicas aplicadas ao esporte.

E: Qual a importância da disciplina de Educação Física para o Ifes – Campus Itapina?

Diretor ‘B’: Bom, acho que nossa escola precisa de um momento, eu imagino assim de descontração. Ela não está muito ligada ao programa do cotidiano de sala de aula, à aula prática técnica e tudo mais. Tendo aquele horário pro aluno colocar uma bermuda, uma camiseta e ir pra lá fazer uma atividade física, ou praticar um esporte, entendeu? Acho que isso aí complementa muito, porque é um término, vai sair dali, vai tomar seu banho, jantar, vai dormir. Acho que faz parte, é de muito valia.

E: É um desgaste que ele faz? Uma compensação ao desgaste do dia?

Diretor ‘B’: É muito importante pro organismo da pessoa.

E: Como foi seu envolvimento e/ou incentivo nas atividades relacionadas à disciplina de Educação Física ?

Diretor ‘B’: A prova de tudo foi o JEARES que nós fizemos aqui na escola. Uma reunião de 15 escolas Agrotécnicas. Hoje IFES. Toda região Sudeste mais a escola de Urutaí – GO, que

participou mesmo não sendo instituição da região Sudeste. Ela se prontificou, o Diretor tinha muita amizade com a gente. Pediu pra vir e foram bem recebidos. E foi feito um bom entrosamento com as escolas da região Sudeste naquele encontro do JEARES, os jogos das escolas Agrotécnicas.

Então aquilo ali aproximou muito as pessoas, o profissionalismo, o próprio professor de Educação Física. Houve um intercâmbio de conhecimentos. E depois as conquistas ali dentro. É muito legal. O aluno volta pra sua escola, pela qual lutou e conseguiu vencer. Foi campeão, entendeu!

Isso aí completa muito o desenvolvimento do estudante dentro da instituição depois que ele volta pra escola dele. Ele participou, conquistou, voltou e ele é homenageado por aquelas conquistas. Isso aí é o mais importante. O intercâmbio entre as escolas é muito bom.

E: Por que você acha que o JEARES acabou, não teve mais, você que estava como gestor na época?

Diretor 'B': Olha Bia, isso aí depende muito dos gestores. Porque eles dão incentivos. Os professores também. Eles têm muita responsabilidade para que aconteça ou não o JEARES. Naquela época a gente tinha um número de professores de Educação Física. Você, Rogério, tinha o Brum. (Estão até hoje) Então isso aí, lá em Brasília existe muita conversa também pra acontecer. Se tiver uns 3 ou 4 Diretores que proponham pra acontecer, os outros vão aderir à idéia e assumir a responsabilidade de cada um, a despesa e tudo mais pra acontecer o evento e depois acontece.

Quando se termina de fazer aquele conjunto de intercâmbio, de acontecimento, de conhecimento é que você vai ver que o resultado desse trabalho todo que é bastante saudável tanto para o aluno quanto para a instituição, quanto para os professores que participaram, que colaboraram com sua presença ali, que contribuíram pra que tudo acontecesse da melhor maneira.

E: Você acha que os gestores da época não abraçaram com força?

Diretor 'B': Acho que não houve força de interesse. Eu acho que diversas vezes acontece isso, não só no esporte, na Educação Física, como em projetos. Tem projetos que começam e não terminam. Isso aí é questão de ter pessoas na fente pra não acabar. Por que é uma coisa que dá despesa, uma coisa que exige um fervor ali, presença, planejamento, organização e tudo isso faz com que o povo fique meio acomodado e se perca a oportunidade de realizar.

E: E durante seu período de gestão qual seu investimento na Educação Física?

Diretor 'B': Olha! Eu nunca utilizei. Não que não utilizei, mas não colocava a Educação Física como parte do orçamento da escola. Eu sempre colocava projetos em emenda parlamentar pra conseguir trazer tudo o que fiz pela escola durante nove anos. O ginásio de esporte, por exemplo, teve 3 verbas pra fazer, o FMDE, entrou com verba, a SEMTEC entrou com verba, nós entramos com verba de recurso próprio pra terminar. Mas sempre evitando recurso próprio por que não tem condições de pensar nisso. No fim do ano sempre sobra aquele dinheiro da SEMTEC e foi com ele que fui terminar a construção do ginásio que eu considero a obra mais virtuosa nesse sentido. A nossa escola foi uma das primeiras a ter ginásio no Brasil, mediante conhecimento político lá em Brasília. Eu direcionei toda a minha dedicação para o esporte, para Educação Física por que eu achava que isso aí é uma coisa que desenvolve o intelecto dos meninos, dos professores. O esporte é uma coisa que chama as pessoas pra união. Isso aí que eu achava que era muito importante.

E, depois, nossas quadras eram muito antigas, sem reforma. Aqueles alambrados, eu achava aquilo muito feio. Então eu reformei aquilo também. Fizemos a pista de atletismo, fizemos o campo society, reformamos a estrutura do campo profissional, todo em volta dele. Trocamos as traves e tudo, a iluminação do campo, o campo de bocha pra visitantes virem e ter como estar ali participando das atividades nossas, principalmente aos domingos. Acho que o investimento maior foi sair para as comunidades, sair jogar, principalmente nas

comunidades. Dos jogos estudantis, o JEC – Jogos escolares de Colatina, nós participávamos sempre havia.

E: Você sempre apoiava?

Diretor 'B': É. Mas sempre exigindo um planejamento e a disponibilidade do professor junto ao aluno. Isso que era importante.

E: Durante a sua gestão você recebeu projetos ou sugestões, das pessoas responsáveis pela Educação Física, visando trazer melhorias ao desenvolvimento da disciplina de Educação Física ?

Diretor 'B': Com certeza. Tudo o que eu fazia era em comum acordo com os professores. Qual a melhor maneira. Eu não entendo de Educação Física, sou veterinário e gestor. Então o Rogério que ficava direto lá, e vocês também ajudavam. Eu acho que a participação deles foi fundamental pra que fossem uma coisa feita justamente direcionada, principalmente com a pedagogia à aula, as competições. Muita coisa foi feita assim, até tirava do planejamento original e fazia mudança pra justamente adequar ao planejamento do professor.

E: O que você acredita que possa ter influenciado para a evolução ou não, das atividades relacionadas à disciplina de Educação Física durante a sua gestão?

Diretor 'B': Olha! Antes de mim era mais uma obrigação do professor em dar aula, do aluno em assistir à aula. E a presença e aquela coisa toda. A exigência daquela coisa toda, e a exigência do aluno também e poucas atividades, Ou atividades repetitivas por não ter uma variedade de esporte no caso. A Educação Física quer queira, quer não, você tem que ligar ao esporte, não tem jeito. E as aulas e tudo mais, informação do que é a finalidade daquilo e tudo mais. Exercício, objetividade da Educação Física para o estudante. Mas daí o professor tem um direcionamento, qualquer professor de Educação Física tem um direcionamento para determinado esporte. Sempre acaba no esporte.

Por que você vai treinar, faz Educação Física e depois da aula tem sempre aquele bate-bola, aquelas coisas? Então, na época, tinha muito esse negócio de aula, não era uma coisa mais diversificada. Depois existindo as quadras, com mais tecnologia, é um negócio mais bonito. A pessoa que está no local se sente mais animada pra fazer aquela atividade. E você sabe que o adolescente tem que ser motivado pra ele gostar de aula.

E: Tem que criar muita coisa pra chamar a atenção dele. (o aluno)

Diretor 'B': Eu acho que isso aí também tem uma repercussão, digo assim, muito grande no que diz respeito ao professor. O professor que vai dar a aula de Educação Física estimulado vai motivar a aula dele. O aluno vai se interessar por aquela aula que está sendo motivada entendeu? Agora, eu acho que não parou não, mas diminuiu um pouco. Não digo em a ação do professor, eu digo mais o interesse do aluno por esses tipos de atividades. Eu considero Educação Física uma atividade física.

O aluno, hoje está mais motivado em aprender coisas novas, não só em Educação Física.

E: Você acha que isso é decorrente de quê?

Diretor 'B': Porque o aluno ele vem, quanto mais passa o tempo ele vem mais novo pra cá. Ele não vem com a mentalidade de que vai estudar, de que vai aprender, de que aquilo é bom pra ele, pro futuro dele. Ele não vem com esse tipo de pensamento. Tem que trabalhar mais no aluno.

E: Ele não tem consciência?

Diretor 'B': ele nem sabe o que está fazendo aqui direito. Está muito novo. Ele pega umas matérias aí. Ele nem sabe qual finalidade vai ter aquilo pra vida dele. Vem do interior com pouca perspectiva. Tem aluno que nunca sentou em uma mesa pra comer com amigos. Ele

sempre comeu no pratinho dele lá da casa dele com o pai dele, a família. Muitos não foram socializados para essa nova realidade. A mesma coisa ocorre quando ele depara com 30 alunos. Sempre tem “os engraçados” que querem perturbar e parece que eles ganham adeptos. Mas se o professor não tiver um pouco de pulso firme, ele perde a ponta da corda. Parece que isso está acontecendo mais.

E: Você falou da motivação do professor. Você acha que o professor pode estar menos motivado?

Diretor ‘B’: Desestimulado também. Por que nós trabalhamos muito com professores substitutos e eles ficam preocupados com aqueles dois anos por aí.

E: Na Educação Física o que você acha que pode ter acontecido também?

Diretor ‘B’: Ele (o aluno) não sente a necessidade de fazer aquilo como uma coisa que vai ter repercussão no corpo dele, que está desenvolvendo o corpo. E tudo tem que ser explicado para ele entender que aquilo é importante para ele.

E: Você acredita que o aluno não consegue entender os benefícios que a disciplina pode trazer para ele. Por isso ele perde o interesse?

Diretor ‘B’: Talvez sim. O professor tem que dar o primeiro empurrão. Propiciar e fazê-lo gostar daquilo. E isso não tem outro nome que não seja motivação.

E: Como você acredita que a disciplina de Educação Física, no seu significado cultural e educacional, deveria ser aplicada no Ifes – Campus Itapina?

Diretor ‘B’: Eu sempre fui a favor da idéia, conversando com os professores, você é testemunha disso, de dividir as turmas, primeiro por interesse do aluno por determinado esporte. Você vai começar o ano, você faz uma série de aulas falando da importância da Educação Física, procurando colocar a Educação Física num patamar de importância. Você como professor, no patamar nº 1 da escola, pra que o aluno chegue à aula e sinta isso. Ele sente, assim, firmeza no que você tá falando. Assim ele vai participar daquela aula com dedicação, pra que ele possa, depois desse grupo de aulas, dez, oito, conforme o nº de aulas de que você precisar para dividir a turma pelo interesse deles. Interesse pelo vôlei. Dá 20 minutos de exercícios físicos, para esquentar e vai cada um pra atividade de que ele gosta. E você vai encontrar alunos que não gostam de nada também. Mas você separa esse grupo. Porque jamais vai ter um grupo de 30 ou 40 fazendo uma coisa de que todos gostam. Você vai fazer uma coisa que um grupinho gosta, o outro grupo, desmotivado, não tem interesse, entendeu? Eu acho que essa divisória, pelo menos em 3 partes, vai te dar suporte e vai funcionar.

Depois vai ter o lado do interesse que ele escolheu, você vai ter a facilidade de cobrança dele. Então o adolescente tem que ser manipulado em termos de eficácia de decisão, de prática. É isso que funciona.

E: Direcionar, buscando o gosto do aluno pra trabalhar as atividades motoras e a Educação Física com seu todo objetivo. Se ele fizer o que não gosta você acha que não funciona?

Diretor ‘B’: nada funciona. Fica o lado da imposição, professora. Você impõe que o aluno tem que correr 20 minutos atrás do outro em fila, depois fazer aquele monte de exercícios. Acho que fazer rapidinho a parte dele e depois vai pro que gosta. Acho que funciona. Se eu fosse professor de Educação Física, faria isso. Isso é muito particular do professor, mas eu como gestor, acho que é assim que funciona melhor.

O aluno ia pra lá gostando, com uniforme bem trajado, não vai ficar fazendo gracinha com o colega dele. Por que ele tem a responsabilidade dele. A Educação Física é muito disciplinar.

E: Você tem mais algo a acrescentar em e relação à Educação Física e à escola?

Diretor 'B': Olha! Eu tenho por mim que a escola devia incentivar mais a Educação Física. Criar projetos. Agora mesmo nós temos o retorno do JEARES, que me deu uma satisfação muito grande, pois fomos praticamente nós que iniciamos isso aí do que conversamos até agora. Todo gestor deveria dar mais incentivo à Educação Física. Outra coisa, programar mais saída do aluno. A representatividade do aluno fora da escola. Isso é muito importante para a instituição. É mais importante para o aluno de quem realiza isso aí. Tem um colégio lá em Marilândia, faz contato com o Professor de Educação Física de lá, leva as meninas. Tem muita menina aqui. Pega um domingo, leva essas meninas pra fazer um jogo de vôlei, handebol, futebol. Introduz isso, entendeu? Faz um projeto de uma piscina, que você tem condições de administrar diversas atividades, hidroginástica, disputa de natação. Outras modalidades.

Não é em sentido de diversão, ir lá e tomar banho. É altamente pedagógico e disciplinar. Entrega isso na mão do professor, eles vão ficar lisonjeados de receber aquilo tudo novinho. Acho que é isso que incentiva a seguir em frente e, mais ainda, é sair da escola para intercambiar e para competir. Fazer um planejamento de visitas pedagogicamente. Vai visitar um APAE, visitar uma cidade do professor, vai apresentar a escola, divulgação do que ele faz na escola. O aluno fica lisonjeado em participar daquilo. O professor fica bastante motivado porque ele está sendo valorizado e está entregando-se uma responsabilidade a ele dentro do que ele propõe, apoiando o trabalho dele, o que ele faz no cotidiano dele.

Está apoiando e dando continuidade. É no domingo, dia de festa. Ele está junto. Isso aí é muito importante. É isso que incentiva mais esse lado da Educação Física dentro da escola, por que ele vai se interessar em jogar para participar das atividades extraescolares. Ele vai respeitar o colega, porque, se não respeitar, ele não vai. (respeito às regras). Tudo tem um objetivo dentro da visão educacional.

É isso que eu acho.

E: Ok! Agradeço a entrevista e finalizamos.

Diretor 'B': Eu que agradeço, obrigado.

E: Obrigada.

Final da Entrevista: 14h55min

Apêndice 02- Entrevista do Professor ‘C’

ENTREVISTAS AOS PROFESSORES DO IFES – CAMPUS ITAPINA

DATA: 13/05/2009

HORÁRIO DO INÍCIO DA ENTREVISTA: 13h15min

LOCAL: IFES – Campus Itapina

ENTREVISTADO: Professor ‘C’

ENTREVISTADOR (E): Ana Beatriz Armini Pauli Resende

SITUAÇÃO DO SERVIDOR ENTREVISTADO: Ativo

E: Formação Acadêmica. Onde se graduou e em que data?

Professor ‘C’ – Licenciatura em Educação Física na UFES em 1975 a 1977, Pedagogia com complementação em orientação educacional, especialização em administração escolar e mestrado em Educação pela UNIVERSO.

E: Situação funcional no Ifes – Campus Itapina: Aposentado, ativo permanente ou ativo temporário.

Professor ‘C’: Ativo permanente

E: Período em que trabalhou ou trabalha no Ifes – Campus Itapina

Professor ‘C’: desde 1984, 20 de dezembro de 1984 até atualidade. 25 anos.

E: Quando você ensina Educação Física, quais seus objetivos? O que você espera que seus alunos aprendam na Educação Física?

Professor ‘C’: Na Escola Agrotécnica (Ifes – Campus Itapina), devido ao regime de internato, devido os alunos estarem mais tempo em sala de aula, eu ensino pensando em socialização, lazer e uma prática esportiva para que eles possam representar a escola.

Eu espero que eles tenham um convívio melhor em sala de aula, principalmente no internato, e que eles desenvolvam através do esporte de quadra, ou de esporte de campo, atitudes éticas dentro do esporte e também valências físicas normais, agilidades, velocidade, resistência, força e habilidades com a bola.

E: No período em que você trabalhou, as aulas de Educação Física eram realizadas em que horário e qual quantidade? Houve modificações?

Professor ‘C’: No começo era ponta de horário Nós trabalhávamos em dois professores de Educação Física. A gente trabalhava de 16h as 21h. Naquela época só tinha alunos internos. Com Educação Física de 16h às 18h e esporte e lazer de 19h as 21h de segunda a quinta e finais de semana. A gente revezava, ficava um depois o outro. Sábado e domingo era esporte e lazer.

Professor ‘C’: As aulas de Educação Física eram 36 aulas semanais, 12 turmas, eram três aulas por turma. Eu ficava com 18 aulas e outro professor com 18 aulas. A gente dava as três aulas, juntávamos o máximo de turmas possíveis para poderem ser trabalhadas de segunda a

quinta-feira à tarde (16h às 18h), totalizando 8 horários disponíveis para as aulas. E os treinos eram feitos através de seletiva.

E: Essas aulas eram mais direcionadas para o esporte?

Professor ‘C’: No começo as aulas eram mais condicionamento físico. Tinha um momento de lazer no final sem ser dirigido para o esporte. Os treinamentos eram direcionados para o esporte.

E: E quando mudaram os horários dessas aulas?

Professor ‘C’: Essas aulas mudaram logo depois que o Professor “B” foi transferido. Fizemos uma pressão, a respeito do que estavam acontecendo nas outras escolas agrotécnicas da região sudeste. Fizemos uma pressão em cima da equipe pedagógica da escola e solicitamos que as aulas de Educação Física fizessem parte do horário normal da escola. Nesse período já havia o professor “D” e trabalhávamos dentro do horário regular e treinávamos após o horário. Antes do Professor “D” teve outro professor que trabalhava somente com atletas e também ele era técnico em assuntos educacionais. Ele não dava aula. Depois em 1995, entrou o professor “E” e em 1996 você.

E: Em relação aos planejamentos (aulas e anuais) como eram realizados: coletivamente ou individual? Eram direcionados pela escola ou livre? Eram aplicados ou eram apenas realizados como tarefa burocrática pedida pela escola?

Professor ‘C’: No início, em 1984 nos seguíamos uma norma que era até do estado, que ela norteava a Educação Física para o ensino médio, nós planejávamos, eu e o professor B, sentávamos, planejávamos as aulas e planejávamos os treinamentos e realmente a gente botava em prática, mas a escola não sabia o que a gente fazia depois das 16:00, então por volta de 1986, a gente começou a fazer o nosso próprio planejamento e vimos que era melhor pra gente em termos de resultados de competição. Porque nós passamos a ganhar tudo em Colatina nas competições, e a gente viu que era mais valorizado (por isso) e a gente passou a dar mais atenção para os treinamentos do que para as aulas. Fazíamos (os planejamentos) coletivamente, planejávamos juntos até 1986. Com os outros (professores) não. Planejávamos individualmente, mostrávamos uns aos outros, só falava o que íamos dar, mas nunca sentávamos para planejar, só mostrava os planejamentos. E isso até hoje.

E: Quais os conteúdos que eram (são) abordados nas suas aulas? Como era (é) sua prática pedagógica?

Professor ‘C’: No início até 1986, eram voltados mais para parte física do aluno, exercícios físicos. Mais ou menos uma aula de 2 horas, 1 hora de exercício, trabalhando o corpo todo e depois fazíamos uma parte lúdica, para que o aluno saísse melhor do quando chegara. E mais tarde nós nos voltamos pra parte esportiva para que tivéssemos mais tempo pra treinar e ganharmos as competições municipais e estaduais. Então passamos a dar mais atenção, mais ênfase ao esporte para todos os alunos. Basquete, handebol, futsal e voleibol para todos os alunos. E hoje estamos adotando a mesma prática de depois de 1986, mais atenção a parte esportiva. Trabalhamos corpo e a mente dentro do esporte. A tendência esportiva é o que mais predomina na escola.

E: Qual sua visão em relação à disciplina de Educação Física dentro de uma escola de ensino profissionalizante?

Professor ‘C’: Bia, vou falar sobre a Escola Agrotécnica Federal de Colatina (Ifes – Campus Itapina). Como professor de Educação Física, eu não me sinto muito valorizado dentro da

escola. Porque não existe acompanhamento da equipe pedagógica. Não existe uma valorização do profissional. Se você disputa uma competição e perde, você é ruim. Se você ganha, não fez mais que sua obrigação. E isso foi durante todos os 25 anos que atuo aqui. E os próprios alunos não valorizam. Eles se importam mais com a parte profissional (área técnica). Por exemplo, para ele passar na UFRRJ em janeiro, ele precisa de português, matemática, história e Geografia. Aí ele passa! Mas depois, quando ele está lá dentro, ele só valoriza o professor de ovino, suíno, bovino, etc. Que não foi cobrado no vestibular. Até os outros professores do ensino médio não são muito valorizados dentro de uma escola profissionalizante. Pra você ter uma idéia, normalmente os paraninfos, os patronos, os homenageados são sempre os professores da educação profissionalizante.

E: Como você situa a sua disciplina comparando com as demais disciplinas da escola, em relação a: grau de importância, apoio da direção e recursos didáticos pedagógicos?

Professor ‘C’: Penso que a disciplina de Educação Física deveria ser muito mais valorizada. O aluno de escola agrotécnica necessita de ser dirigido, de um esporte acompanhado. Necessita de socialização. Porque ele fica 24 horas na escola. Ele necessita de socialização entre os colegas e entre a comunidade. E o esporte é que dá o retorno imediato. E Educação Física dá o retorno imediato. E a cobrança, ela é feita de forma imediata. Se o aluno não adaptou, não se comportou, ele é punido imediatamente. Penso que a direção da escola deveria olhar com mais carinho para os professores de Educação Física e cobrar deles. Porque eles têm potencial pra isso. Se eles fossem mais cobrados poderiam render muito mais, porque competência eles têm.

E: Qual sua avaliação dos materiais didáticos pedagógicos e a infra-estrutura da Ed. Física no Ifes – Campus Itapina?

Professor ‘C’: Eu já dei aula no Polivalente da Praia do Suá com uma bola e sem quadra, eu já dei aula no Polivalente de Campo Grande com uma quadra e sem bola, eu já dei aula na prefeitura da Serra em um Pátio com uma bola, já dei aula no Libanês com 10 bolas pra 10 alunos. Então eu vejo que aqui na Escola Agrotécnica tem uma bola pra 2 alunos, um ginásio esportivo completo, material de 1ª qualidade, campo de futebol, quadras poliesportivas. Vejo que o material didático tem em abundância e a infraestrutura é excelente. Pouca são as cidades que tem a estrutura que uma escola Agrotécnica tem em termos de praça de esporte.

E: Você tem 25 anos que está atuando no Ifes – Campus Itapina como profissional. Você participou de algumas gestões como coordenador. Quais as coordenadorias que você atuou?

Professor ‘C’: Fui coordenador da unidade de processamento de dados. Fui assessor do diretor geral. Fui diretor de acompanhamento ao educando, na época era diretoria, de 1991 a 1997. E hoje eu estou como coordenador geral de ensino.

E: Dentre as diferentes gestões que atuaram na escola, como você as descreve em relação ao desenvolvimento e evolução da disciplina?

Professor ‘C’: A época que fomos mais valorizados na escola foi quando eu era diretor de acompanhamento ao educando. Porque eu tinha condições e oportunidades de dar condições aos professores de Educação Física. Eu dava respaldo nos treinamentos em termos de lavanderia, alimentação fora do horário, transporte. A época que fomos mais valorizados foi quando tínhamos o apoio da direção. O diretor administrativo, o que precisávamos em termos de Educação Física e esporte e lazer, ele juntamente com o diretor geral autorizavam a

aquisição, e acompanhava a gente, os alunos nos jogos. Foi à época que a escola fez mais pelos alunos em termos de Educação Física e os professores tinham um retorno profissionalmente, eram valorizados devido aos resultados positivos (nos jogos) que apareciam rápidos e frequentes.

E: Você acredita que a Educação Física foi valorizada por que tinha interesse e eles gostavam da área?

Professor ‘C’: Porque o professor de Educação Física para trabalhar fora do horário, ele precisa ter respaldo. Porque nossa escola tem particularidades, como pro exemplo, se você vai jogar em Colatina às 21h, você tem que ter uma estrutura aqui para te levar, pra te acompanhar e pra esperar os seus alunos aqui de volta. Então você teria que ter assistente de alunos para te acompanhar, pessoas pra ficar na arquibancada junto com os alunos que torcem, enquanto seu time esta jogando e quando voltasse, teria que ter alimentação a espera desses meninos e lavanderia a disposição no outro dia pra que os uniformes fossem lavados para você jogar outra vez. Tem que ter estrutura para acompanhar esse professor. Hoje nós temos sim, mas com muita reclamação das pessoas que fazem. Elas ficam reclamando com a gente, que não precisaria sair, que é desnecessário. Que não é hora para motorista e assistente de alunos fazer este tipo de serviço. Dá impressão que é um favor que estão fazendo pra gente, quando não é pra gente e sim pra escola.

E: Eles não olham como atividade profissional?

Professor ‘C’: Que faz parte do serviço deles. Eles acham que a escola é de 7h as 16h só.

E: Em relação a diferentes gestões, você acredita que tem que ter interesse do gestor?

Tem que ter interessa do gestor. É preferível nem participar dos eventos se não tiver interesse. Mas muitas vezes participamos para atender os alunos, independente das dificuldades que temos que enfrentar lá na frente.

E: Como é ser profissional de Educação Física no Ifes – Campus Itapina?

Professor ‘C’: Olha Bia! (pausa) Eu tive momentos assim... (pausa) gratificante e foram muitos. Entendeu? Momentos em que você consegue pegar um aluno do interior que nunca viu uma bola de basquete, nunca viu uma quadra de basquete e fazer com que ele seja um campeão, representando a escola dentro da cidade. Que ele passe a disputar um campeonato capixaba ou disputar um campeonato brasileiro, como nós já fizemos aqui. Então isso, quer dizer, você conseguiu fazer com que o garoto entendesse o que é basquetebol, gostasse de basquetebol. Saber que o basquetebol o forma como um todo. Isso aconteceu no voleibol, com o professor ‘E’ e no handebol com você. Aconteceu no atletismo. Aqui só tem facilidade no futebol de campo, onde eles já chegam jogando. Então é gratificante o quando você consegue mostrar para o menino que além do que ele conhece, existem outras possibilidades. E que através do esporte ele consegue sair, ficar em hotel 5 estrelas. Conversar com outras pessoas. É muito gratificante ser professor de Educação Física na agrotécnica.

E: Você acredita que deva ser feita alguma mudança para melhorar a aplicação da disciplina de Educação Física? Caso acredite, o que sugere?

Professor ‘C’: Acho que sim. Tem que haver uma mudança para motivar. Sabe por quê? Antigamente as prefeituras tinham dinheiro e interesse em promover o esporte na cidade. Hoje, a maioria das prefeituras não tem competições esportivas, não tem campo de futebol, não tem praça de esporte. Com isso o menino fica ocioso. E com a vinda da televisão e do videogame, os nossos alunos ficam muito tempo no computador e acabam ficando preguiçosos. Então nós temos que achar alternativas para motivar a ir para uma quadra. Penso que nós, enquanto professores de Educação Física, nós temos que fazer uma capacitação. Ver

o que está acontecendo na Educação Física no momento voltar mais motivados e mudar nossa prática de ensino em sala de aula.

E: Terminamos aqui nossa entrevista e gostaria de acrescentar algo a respeito da Educação Física na escola?

Professor ‘C’: Nossos alunos em sua maioria são do interior do interior. Que só conhecem na prática o futebol de campo e outros esportes pela televisão. Alunos que tem medo de praticar esporte porque nunca viram. Alunos que não tiveram professores de Educação Física de 5ª a 8ª série do ensino fundamental. Eles precisam ser tratados com carinho e com respeito, pra que dentro da Educação Física, dentro do esporte, eles consigam se situar, ser vencedor, para que vençam lá fora também. Dificilmente um atleta, bem sucedido é um perdedor na vida pessoal dele. Penso que a Educação Física no Ifes – Campus Itapina, deveria ser olhada com mais carinho pela administração e os professores sejam mais valorizados, principalmente por trabalharem após o horário normal com os treinamentos e com esporte e lazer.

E: Encerramos a entrevista e agradeço a colaboração.

Professor ‘C’: Eu que agradeço a oportunidade de dialogar sobre a Educação Física.

E: Obrigada.

Final da Entrevista: 13h42min